

LOURENÇO RESENDE DA COSTA
- Organizador -

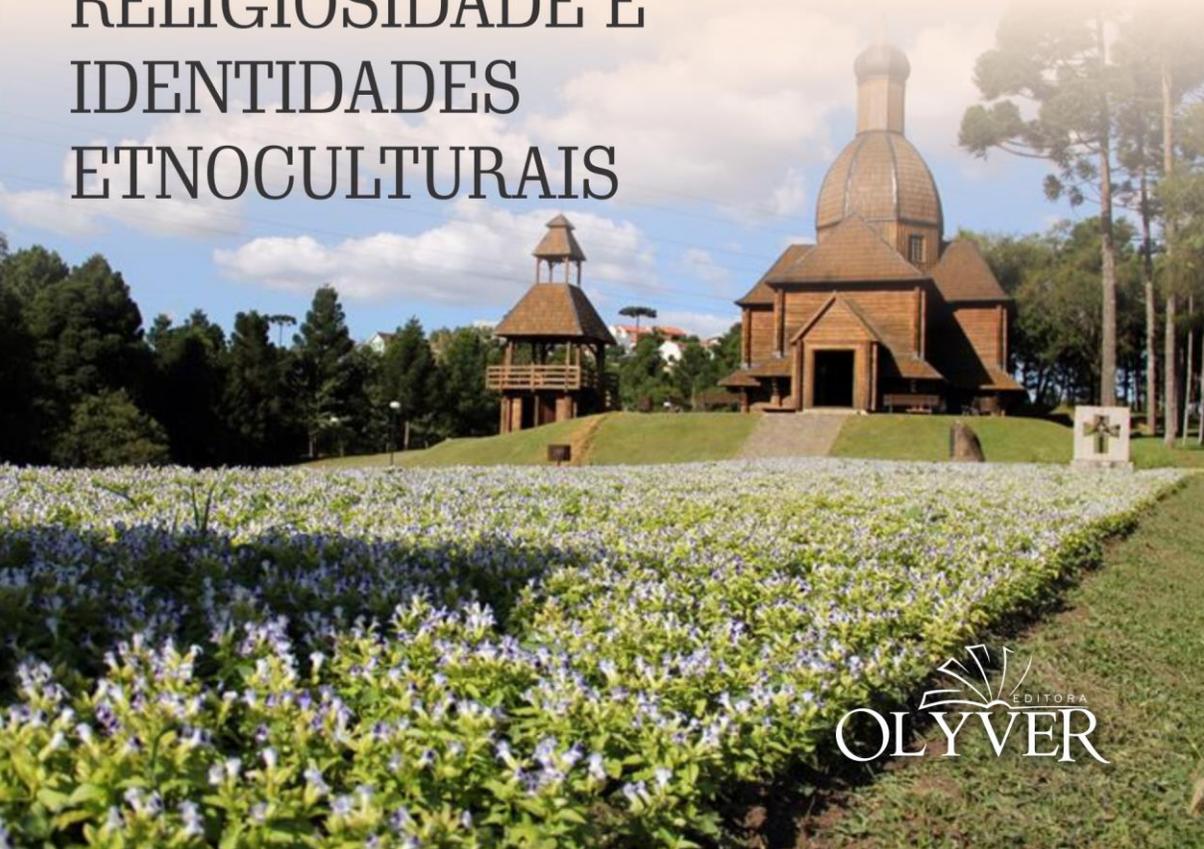


Ucranianos

E SEUS DESCENDENTES NO

PARANÁ

RELIGIOSIDADE E
IDENTIDADES
ETNOCULTURAIS



OLYVER EDITORA

**UCRANIANOS E SEUS
DESCENDENTES NO PARANÁ:
RELIGIOSIDADE E IDENTIDADES
ETNOCULTURAIS**

DIREÇÃO EDITORIAL: Maria Camila da Conceição
DIAGRAMAÇÃO: Luciele Vieira / Jeamerson de Oliveira
DESIGNER DE CAPA: Jeamerson de Oliveira
IMAGENS DE CAPA: Memorial Ucrâniano, no Parque Tingui. Foto: Daniel Castellano/SMCS | Lucília Guimarães/SMCS.
<https://turismo.curitiba.pr.gov.br/fotos/memorial-ucraniano/113/60/>

O padrão ortográfico, o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas do autor. Da mesma forma, o conteúdo da obra é de inteira e exclusiva responsabilidade de seu autor.



Todos os livros publicados pela Editora Olyver estão sob os direitos da Creative Commons 4.0
https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR

2019 Editora Olyver
Aldebaran | Tv. José Alfredo Marques, Loja 05
Antares, Maceió - AL, 57048-230
www.editoraolyver.org
editoraolyver@gmail.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S196p

COSTA, Lourenço Resende da

Ucranianos e seus descendentes no Paraná: religiosidade e identidades etnoculturais. [recurso digital] / Lourenço Resende da Costa – Org.. – Maceió, AL: Editora Olyver, 2021.

ISBN: 978-65-87192-90-1

Disponível em: <http://www.editoraolyver.org>

1. Ucranianos. 2. Paraná. 3. Identidade. 4. Religiosidade.
5. Imigração. I. Título.

CDD: 980

Índices para catálogo sistemático:

1. História do Brasil 980

LOURENÇO RESENDE DA COSTA
- Organizador -

**UCRANIANOS E SEUS
DESCENDENTES NO PARANÁ
RELIGIOSIDADE E IDENTIDADES
ETNOCULTURAIS**

Maceió-AL
2021


OLYVER

DIREÇÃO EDITORIAL

Maria Camila da Conceição COMITÊ CIENTÍFICO EDITORIAL

Prof. Dr. José Adelson Lopes Peixoto

Universidade Estadual de Alagoas | UNEAL (Brasil)

Prof. Dr. Constantino José Bezerra de Melo

Secretaria de Educação de Pernambuco - SEE-PE (Brasil)

Prof^a. Me. Francisca Maria Neta

Universidade Estadual de Alagoas | UNEAL (Brasil)

Prof^a Dr^a. Ana Cristina de Lima Moreira

Universidade Estadual de Alagoas | UNEAL (Brasil)

Prof^a Dra. Denize dos Santos

Universidade Estadual de Alagoas | UNEAL (Brasil)

Prof. Dr. Siloé Soares de Amorim

Universidade Federal de Alagoas | UFAL (Brasil)

Prof^a Dr^a. Nara Salles

Universidade Federal de Pelotas | UFPel (Brasil)

Prof^a Dr^a. Urânia Auxiliadora Santos Maia de Oliveira

Universidade Federal da Bahia | UFBA (Brasil)

Prof. Dr. Fernando José Ferreira Aguiar

Universidade Federal de Sergipe | UFS (Brasil)

Prof^a Dr^a. Karina Moreira Ribeiro da Silva e Melo

Universidade de Pernambuco | UPE (Brasil)

Prof^a Me. Deisiane da Silva Bezerra

Universidade Federal Rural de Pernambuco | UFRPE (Brasil)

Prof^a Dr^a. Iraci Nobre da Silva

Universidade Católica de Pernambuco | UNICAP (Brasil)

Universidade Estadual de Alagoas | UNEAL (Brasil)

Prof^a Me. Gisely Martins da Silva

Universidade Estadual de Alagoas | UNEAL (Brasil)

Prof. Dr. Augusto César Acioly Paz Silva

Universidade Federal de Pernambuco | UFPE (Brasil)
Autarquia de Ensino Superior de Arcoverde | AESA-CESA (Brasil)

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva

Universidade do Estado da Bahia | UNEB (Brasil)
Universidade Federal de São Carlos | UFSCar (Brasil)

Dr. Jairo José Campos da Costa

Universidade Estadual de Alagoas | UNEAL (Brasil)

Prof. Me. Joseildo Cavalcanti Ferreira

Centro de Ensino Superior de Arcoverde | CESA (Brasil)

Prof. Dr. Hélder Manuel Guerra Henriques

Professor da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do
Instituto Politécnico de Portalegre (Portugal)

Prof^a Dra. Maria Aparecida Santos e Campos

Doutorado em Actividad física y salud. Universidade de Jaen, UJAEN, (Espanha)

Prof. Dr. Diosnel Centurion, Ph.D

Universidad Católica Ntra. Sra. de la Asunción | Asunción (Paraguay)

Prof^a Dra. Marta Isabel Canese de Estigarribia

Universidad Nacional de Asunción, Escuela de Ciencias Sociales y
Políticas | Asunción (Paraguay)

SUMÁRIO

PREFÁCIO

Paulo Renato Guérios..... 09

APRESENTAÇÃO

Lourenço Resende da Costa..... 12

CAPÍTULO I

Os Basilianos e o movimento pela Educação na colônia ucraniana brasileira: encontros e desencontros no campo da Missão (1897-1931)

Teodoro Hanicz..... 17

CAPÍTULO II

Os espaços do exercício da religiosidade ucraniana na perspectiva da atual historiografia

Paulo Augusto Tamanini..... 52

CAPÍTULO III

Ucranianos e seus descendentes em Prudentópolis: religião, língua e identidade

Lourenço Resende da Costa..... 67

CAPÍTULO IV

Iconografia Bizantina na comunidade ucraniana do Paraná: hierofania e fronteiras étnicas

Jaqueline Ester Litvin..... 84

CAPÍTULO V

Colenda: uma prática do Grupo de Jovens do Lageado de Baixo (Mallet, 1994-2005)

Gabriela Migon..... 106

CAPÍTULO VI

A (re)construção identitária dos descendentes de ucranianos em Prudentópolis

Nikolas Corrent..... 129

Capítulo VII

A pronúncia do /r/ na fala de descendentes ucranianos em Prudentópolis

Daiane C. Moreira de Souza
Luciane Trennephol da Costa..... 155

Capítulo VIII

O jornal *Prácia*: possibilidades de produção do conhecimento histórico sobre imigrantes ucranianos no Paraná

Odinei Fabiano Ramos

Marcos Nestor Stein..... 174

SOBRE AS AUTORAS E OS AUTORES..... 192

PREFÁCIO

Na última década, o número de estudos acerca da imigração ruteno-ucraniana ao Brasil tem crescido exponencialmente. O estímulo dado a este campo tem ocorrido especialmente através de trabalhos desenvolvidos no quadro dos programas de pós-graduação das Universidades Estaduais do Paraná. Ao mesmo tempo, estudantes oriundos de regiões em que a presença de descendentes da etnia é intensa têm buscado por qualificação em Universidades de outras regiões do País, produzindo dissertações e teses que tratam de diferentes aspectos sociais, históricos e culturais da vida dessas populações. Fora do ambiente universitário, ainda, têm surgido novas publicações de intelectuais orgânicos da etnia, marcando a existência de percepções e pontos de vista diferenciados sobre o assunto, e trazendo à vista, para o público geral, materiais empíricos e relatos de dinâmicas sociais até agora restritos aos círculos dos participantes de associações e grupos familiares destes descendentes.

Os estudiosos de processos migratórios citam com frequência a chamada “lei de Hansen”, segundo a qual a terceira geração de descendentes de imigrantes tende a retomar as tradições de que a segunda se afastou. Por outro lado, referem-se à ideia de “etnicidade simbólica” de Gans, segundo a qual, a partir da terceira geração, os descendentes podem, ao contrário de seus avós e pais, acionar a chave da etnicidade nos momentos em que ela lhes é conveniente – assim como, nos momentos em que o acham necessário, afastar-se dela, mostrando-se aos outros (no caso aqui em questão) como “ucranianos” ou como “brasileiros”. Ideias como estas, acionadas também em alguns estudos deste livro, apenas tomam substância quando se atualizam em pesquisas que confrontem-nas com processos sociais concretos – quando são ancoradas, enfim, em pesquisas empíricas rigorosas e atentas. Pois talvez sejam ainda mais frequentes os casos em que tais “leis”, que pretendem circunscrever sob si a diversidade dos comportamentos humanos, mostram-se inadequadas

para a compreensão de casos específicos. O pesquisador que frequentasse os grupos de imigrantes poloneses na periferia de Chicago a partir da década de 1920, investigadas em um texto clássico e fundador dos sociólogos William Thomas e Florian Znaniecki, teria poucas razões para duvidar de tais “leis”. Já um pesquisador que frequentasse as colônias do interior do Paraná nos anos 1940, meio século após a chegada dos imigrantes ucranianos ao local, em um contexto advindo de um Estado ausente mas que neste momento se preocupava com a presença de outras nacionalidades em seu território, teria observações muito diferentes a fazer.

Daí a necessidade da produção de pesquisas que procurem emprestar substância aos tratados teóricos consagrados, discutindo seus trunfos e suas limitações. Como, em que momento, e em que situações concretas, práticas cotidianas passam a ser vistas com autoconsciência, objetificando-se em “tradições” ou “regras” de comportamento? Qual a pregnância efetiva, a cada momento, dessas práticas e “regras”? Como e até que ponto elas constituem – ou não – uma consciência de si como diferente dos outros? Quais as diferentes formas pelas quais elas se atualizam – enquanto “religiosas” ou “leigas”, enquanto “urbanas” ou “rurais”, enquanto “autênticas” ou “sofisticadas”? Como, ao longo desse processo, são criados modos de ser e modos de perceber a si próprio, como são constituídos processos identitários? Quem é convidado, para além dos descendentes diretos, a participar desses processos? E quais seus impactos nas vidas das pessoas - e nas próprias representações, sempre em transformação, que se agregam sob um rótulo étnico ou nacional?

Os artigos apresentados neste volume, produzidos por pesquisadores que se encontram em diferentes momentos de formação intelectual, dedicam-se a mapear algumas das possíveis manifestações desses processos de identificação junto aos “rutenos-ucranianos” de diferentes localidades do estado do Paraná. Os diferentes estudos demonstram a variedade de temas que podem ser abordados a esse respeito: para além das temáticas tradicionais dos processos identitários e dos rituais, tratam dos embates pela direção desses

processos; da presença, das características e dos usos da língua ucraniana; de algumas das produções simbólicas que servem como signos distintivos do pertencimento ao grupo (ícones, canções, objetos “típicos”); de diferentes fontes que podem funcionar como subsídios para pesquisa.

Este livro apresenta-se, assim, como um volume representativo deste movimento de constituição de uma literatura acadêmica acerca da imigração ucraniana ao Brasil e da vida social de seus descendentes no Paraná. Enquanto tal, é bem-vindo para auxiliar na constituição de uma rede de referências, que, progressivamente, permita que a fortuna crítica advinda desta acumulação de estudos redunde em um aprofundamento da compreensão dos processos sociais em pauta.

Paulo Guérios

Departamento de Antropologia - UFPR

Curitiba, junho de 2021.

APRESENTAÇÃO

Em 2021 a imigração ucraniana no Brasil completa 130 anos. De acordo com informações do site da Representação Central Ucraniano-Brasileira¹, bem como de pesquisas a respeito da imigração ucraniana no país, as primeiras famílias chegaram em 1891 e se instalaram no interior do Paraná, nos atuais municípios de Mallet e Palmeira.

A partir da segunda metade da década de 1890 aumentou o número de indivíduos originários da Ucrânia que desembarcaram nos portos da República. Desde então, a presença de pessoas com tal ascendência pode ser registrada em diversos municípios paranaenses. O Paraná, conforme informações da Metropolia Católica Ucraniana São João Batista, localizada na capital, concentra aproximadamente 80% dos descendentes de ucranianos que vivem no Brasil.

O município com maior percentual de descendentes, de acordo com o site da Metropolia, é Prudentópolis onde aproximadamente 75% dos prudentopolitanos possuem tal ascendência. Em Mallet, Paulo Frontin, Ivaí e Antônio Olinto o número de descendentes ultrapassa 40%. Entre 30% e 20% situam-se os municípios de Rio Azul, Roncador, União da Vitória, Paula Freitas, Cruz Machado e Pitanga. Em Irati, ainda conforme o site da instituição, aproximadamente 12% dos municípios possuem origens ucranianas. Curitiba registra um grande número de descendentes, no entanto, devido à densidade demográfica da capital, o percentual é pequeno². Em diversas outras cidades existem pessoas descendentes, mas a porcentagem é pequena.

Quando foram direcionados para as colônias, principalmente no interior do estado, os pioneiros trouxeram na bagagem uma cultura que aos poucos foi sendo ressignificada. A partir das interações com a

¹ Disponível em: <http://www.rcub.com.br/rcub/quem-somos/imigracao-ucraniana/>. Acesso em 16/05/2021.

² Disponível em: <https://metropolia.org.br/cultura-ucraniana/etnia/ucranianos-no-brasil/>. Acesso em 17/05/2021.

sociedade receptora, as fronteiras identitárias foram sendo estabelecidas. Os imigrantes e depois seus filhos e filhas, ajudaram a constituir o mosaico étnico e cultural paranaense.

Uma característica marcante dos imigrantes ucranianos e seus descendentes é sua religiosidade. Sejam católicos ou ortodoxos, a religião faz parte da cultura e pode ser um elemento de distinção identitária em razão do rito e da língua utilizada na liturgia.

No primeiro capítulo, **“Os Basilianos e o movimento pela educação na Colônia Ucraniana Brasileira: encontros e desencontros no campo da Missão – 1897-1931”**, Teodoro Hanicz (Doutor em Ciências da Religião pela PUC-SP, professor da FASBAM), discute o papel fundamental dos padres da Ordem de São Basílio Magno (OSBM) na educação dos imigrantes. O recorte temporal, utilizado pelo autor, corresponde à chegada dos primeiros padres da Ordem no país até que “em 1931, a missão basiliana foi elevada à categoria de Vice-Província, dependente da Província da Galícia”. A partir daquele momento, os esforços não se restringiram apenas à educação nas escolas das comunidades, a Igreja Católica Ucraniana no Brasil precisava pensar numa formação completa, inclusive formando sacerdotes sem a necessidade da vinda de padres diretamente da Ucrânia.

Paulo Augusto Tamanini (Doutor em História pela UFSC, professor da UFRS), no segundo capítulo, **“Os espaços do exercício da religiosidade ucraniana, na perspectiva da atual historiografia”**, analisa como a religiosidade dos ucranianos se manifesta nas casas de famílias de ucranianos na capital paranaense na década de 1960. O autor ressalta que tais residências são espaços em que o sagrado e o profano se misturam, bem como há uma combinação de elementos do catolicismo latino com ícones bizantinos. A adoção de aspectos da tradição latina demonstra que a religião praticada pelos imigrantes e seus descendentes está em consonância com os contatos e as transformações em face da sociedade receptora.

No terceiro capítulo, **“Ucranianos e seus descendentes em Prudentópolis: religião, língua e identidade”**, Lourenço Resende da

Costa (Doutor em História pela UFPR, professor pela SEED-PR) buscou analisar como a religião e a língua ucraniana, que é parte constitutiva do próprio rito bizantino usado pela Igreja Ucraniana, são fatores que ajudam a delimitar fronteiras etnoculturais. Em Prudentópolis, município com o maior percentual de descendentes, a presença da Igreja Católica Ucraniana é contemporânea à chegada dos pioneiros. Com as atividades religiosas, manutenção de imprensa com o alfabeto cirílico, bem como no ensino do idioma nas escolas, a tríade “língua, religião e identidade” é fundamental na etnocultura dos prudentopolitanos com ascendência.

Jaqueline Ester Litvin (Graduada em História pela UNICENTRO, iconógrafa pela FASBAM), no quarto capítulo, **“Iconografia Bizantina na comunidade ucraniana do Paraná: hierofania e fronteiras étnicas”**, analisa a relevância da iconografia de características bizantinas para os descendentes de ucranianos no Paraná. As imagens bizantinas relacionadas e/ou associadas aos ucranianos, na maioria das vezes, estão nas igrejas e outros espaços ligados à religião. Dessa maneira, as representações do sagrado, contidas nos ícones das igrejas, podem também ser discutidos na construção de fronteiras identitárias dos ucranianos no Paraná.

No quinto capítulo, **“Colenda: uma prática do Grupo de Jovens do Lageado de Baixo (Mallet, 1994-2005)”**, Gabriela Migon (Mestranda em História na UNICENTRO) buscou compreender as ressignificações de um grupo de jovens na prática da *Colenda*. Tal manifestação religiosa/cultural consiste em cantos natalinos entoados por descendentes de ucranianos em visitas às famílias da mesma origem. O recorte espacial da autora é uma comunidade rural do município de Mallet. O período estudado compreende aquele em que os jovens produziram material escrito acerca de suas atividades. Com acesso às Atas e a utilização da metodologia da História Oral, a pesquisadora analisou “como a juventude consumia as normas ditadas, principalmente pela igreja, no momento de ir *colendar*”.

Nikolas Corrent (Mestre em História pela UNICENTRO), no sexto capítulo, **“A (re) construção identitária dos descendentes de**

ucranianos em Prudentópolis”, discute o processo de delimitação identitária dos imigrantes e seus descendentes em terras prudentopolitanas. O autor ressalta o processo de contatos culturais entre os imigrantes e a sociedade anfitriã.

No sétimo capítulo, **“A pronúncia do /r/ na fala de descendentes ucranianos em Prudentópolis”**, Daiane C. Moreira de Souza (Mestranda em Letras pela UNICENTRO, professora pela SEED-PR) e Luciane Trennephol da Costa (Doutora em Letras pela UFPR, professora da UNICENTRO) analisam como a utilização da língua ucraniana e da língua portuguesa por uma parcela da população prudentopolitana resulta em maneiras específicas de pronunciar certas palavras. O sotaque, em regiões de imigração, não é exclusividade da convivência entre o português e o ucraniano. Mas, evidentemente, possui algumas especificidades discutidas pelas pesquisadoras que se debruçaram na análise das pronúncias de palavras com os sons róticos, os sons da letra “r”.

No oitavo capítulo, **“O Jornal *Prácia*: possibilidades de produção do conhecimento histórico sobre imigrantes ucranianos no Paraná”**, Odinei Fabiano Ramos (Doutor em História pela UNESP, professor da UNICENTRO) e Marcos Nestor Stein (Doutor em História pela UFSC, professor da UNIOESTE) discutem a importância do jornal *Prácia*. O periódico foi fundado pelos padres da Ordem de São Basílio Magno (OSBM) em 1912 no município de Prudentópolis. Atualmente é impresso de modo bilíngue, mas até o início dos anos 1990 era editado exclusivamente com o alfabeto cirílico. Os autores buscaram ressaltar as potencialidades do periódico como fonte história para pesquisas acerca dos ucranianos, não apenas da cidade sede do jornal. O material publicado, em razão da língua utilizada na impressão, delimita (va) o público alvo: basicamente os descendentes de ucranianos. O material editado era enviado para diferentes municípios, bem como ocorre atualmente, o que faz/fazia do *Prácia* um veículo de comunicação entre a Igreja, através dos padres que o editavam, com a comunidade ucraniana no Paraná (além de outros estados e o exterior).

O livro, **“Ucranianos e seus descendentes no Paraná: religiosidade e identidades etnoculturais”**, não tem a pretensão de fazer um mapeamento das pessoas com ascendência ucraniana no estado. O intuito é apresentar resultados de pesquisas, concluídas e em desenvolvimento, tendo como objeto de análise tal grupo etnocultural. Além disso, o objetivo é contribuir com os estudos e a compreensão do processo de chegada, instalação e desenvolvimento da comunidade ucraniana nos 130 anos de presença no país, especialmente no território paranaense.

Nos breves apontamentos acerca de cada capítulo, o que poderá ser melhor apreciado ao longo do livro, a presença da Igreja Ucraniana é marcante na construção e ressignificação da cultura e das identidades. A Instituição não está ligada apenas à religiosidade de modo estrito, ela exerce influência em diversas práticas culturais, seja no uso da língua no dia a dia, utilização do cirílico na imprensa, bem como na coordenação de ações de valorização e distinção da etnia.

Portanto, **“Ucranianos e seus descendentes no Paraná: religiosidade e identidades etnoculturais”** é fruto de pesquisa de diferentes autores (as). São pesquisadores (as) que estão em momentos específicos de sua formação (graduação, mestrados/as, mestres/as, doutorandos/as, doutores/as), vinculados às distintas instituições. Fato que pode ser considerado um ponto positivo, pois agrega diferentes perspectivas a partir de estudos desenvolvidos em tais instituições e de acordo com o momento da carreira acadêmica de cada um (a).

À guisa de conclusão, fica o convite à leitura para o conhecimento de algumas contribuições dos ucranianos e seus descendentes para a História do Paraná.

Lourenço Resende da Costa

Prudentópolis - Paraná, maio de 2021

CAPÍTULO I

OS BASILIANOS E O MOVIMENTO PELA EDUCAÇÃO NA COLÔNIA UCRANIANA BRASILEIRA: ENCONTROS E DESENCONTROS NO CAMPO DA MISSÃO (1897-1931)

Teodoro Hanicz

Os anos de 1897 e 1931 são dois marcos importantes para a compreensão deste estudo. O ano de 1897 marca a vinda do primeiro missionário, padre Silvestre Kizyma, e início da missão basiliana no Brasil. Mas, foi só a partir de 1906 em diante, com a vinda de mais padres, que a missão basiliana foi organizada de forma efetiva, tendo à frente um superior responsável pelo grupo e pelo plano missionário. Em 1922, a missão ganhou status canônico, e foi nomeado um conselho gestor: superior, consultores e secretário. Em 1931, a missão basiliana foi elevada à categoria de Vice-Província, dependente da Província da Galícia – *Halechená* (BURKO, 1992, p. 499). Sendo assim, a colônia ucraniana no Brasil era um território de missão dos padres basilianos e eles eram os responsáveis pela organização da Igreja, da comunidade e da cultura. Com a criação da Vice-Província, o projeto missionário basiliano muda de rumo. Sobrevém a necessidade de organizar um sistema próprio de formação de membros para engrossar as fileiras da Ordem, tais como: noviciado, seminário e ensino superior. Com isso, a preocupação com as escolas comunitárias diminui de intensidade e, aos poucos, vai declinando.

Por que os basilianos dedicaram intenso trabalho pela causa escolar e pela instrução das crianças e dos adultos nas colônias ucranianas espalhadas pelo Paraná e Santa Catarina, nas primeiras três décadas do século XX?

Tendo como cenário essa questão, o objetivo deste texto é compreender a atuação, a influência e a trajetória dos missionários

basilianos no movimento pela educação e no processo de construção de escolas nas colônias ucranianas. O trabalho, a ação, a práxis dos padres, tudo era pensado e identificado como missão e, ao mesmo tempo, a concepção de missão era orientadora da ação e das práxis, ou seja, a pregação do evangelho, a organização da Igreja e das instituições religiosas e culturais. Os basilianos vieram para desempenhar funções não só no campo espiritual, mas também no campo social e cultural, haja vista que a pregação de missões, a educação e a imprensa são constituintes do carisma da Ordem basiliana (KATRIJ, 2021, p. 37).

O presente texto faz uma leitura do movimento pela educação escolar, a partir do conceito de missão para compreender a ação, a práxis basiliana junto à comunidade de imigrantes ucranianos no início, e junto à comunidade de descendentes, posteriormente. A compreensão que eles tinham de missão estava intimamente ligada à história da Ordem e às frequentes reformas pelas quais a Ordem passou no decurso de sua história, principalmente a última, a reforma de Dobromyl, no ano de 1882, realizada pelos jesuítas poloneses. A partir da compreensão de missão, apoiados na história da Ordem e no impulso da reforma de Dobromyl, eles construíram uma visão de mundo e uma compreensão particular desse mundo na realidade brasileira. Um mundo que não existia somente na mente, ideológico, mas que obrigatoriamente, por meio de ações concretas, deveria tornar-se real. Da compreensão que eles tinham de missão, desenvolveram suas atividades para organizar a Igreja, a Ordem, a religiosidade do povo, as tradições, o rito e a cultura ucraniana no Brasil. Missão como compromisso, dever, obrigação, mandato e, sobretudo, carisma da Ordem.

A proposta de trazer o conceito de missão como categoria interpretativa para analisar a ação dos basilianos no Brasil é uma tentativa de procurar um caminho para ler e interpretar a ação desses padres e produzir uma narrativa que capte o imaginário e a mentalidade dos missionários nas suas diferentes formas de pensar e

compreender o seu trabalho na realidade brasileira.³ Missão no sentido de anúncio do evangelho, mas também no sentido de instituição e organização. Os basilianos vieram para anunciar o evangelho, organizar a Igreja, dar suporte a ela, bem como também trabalhar e organizar uma estrutura que fosse fundamento e base para o seu trabalho, ou seja, a organização da própria Ordem. Nesse empreendimento, o interesse e a dedicação pelo ensino escolar eram componentes importantes para a organização da missão, da Ordem e, conseqüentemente, base para a manutenção da influência na colônia ucraniana no Brasil. Os basilianos vieram para o Brasil trazendo uma longa história de experiências no campo das missões, da imprensa e da educação, e aqui, empreenderam grandes esforços para perpetuar essa história.

Missão, cultura e identidade

Quando os galicianos foram tomados pela “febre imigratória”, mal haviam passadas quatro décadas da revolução (1848-49) que abolia a servidão, tempo que não fora ainda suficiente para apagar os danos culturais e econômicos causados por aquele sistema, apesar de o movimento cultural ter se esforçado para reverter o quadro. Embora a *intelligentsia* galiciana tivesse empreendido um enorme esforço para atingir todos os setores da vida social, os resultados não eram tão prósperos, principalmente na zona rural. Muitas aldeias resistiram ao movimento, e as pessoas permaneceram em um nível cultural pouco promissor, engrossando o índice de analfabetos (HIMKA, 1989, p. 92-97).

Os camponeses que vieram para o Brasil nas primeiras imigrações, muitos saíram desses quadros, sendo pouco atraente o seu nível cultural. Basicamente, eram camponeses que não possuíam propriedades e aos quais era vedado o direito à terra. Eram

³ O conceito de missão é amplo e pluridimensional: militar, evangélico, eclesial, organizacional e usado também, hoje, pelas instituições educacionais e empresariais modernas. Devido ao nosso espaço limitado não é possível desenvolver um estudo teórico amplo sobre o conceito e os contextos em que é usado.

economicamente pobres e com pouca ou nenhuma instrução escolar. Entre eles havia também aventureiros cujo interesse era fazer fortuna. Não estavam preocupados com a sua cultura nem tampouco com as formas de preservá-la. Por isso, com exceção de um número reduzido de pessoas, a instrução escolar encontrava pouco interesse nos primeiros imigrantes ucranianos vindos para o Paraná. A maioria era analfabeta (ZINKO, 1960, p. 30).

O encontro frustrante e o impacto negativo com o “paraíso brasileiro”, com o novo “eldorado”, forçou os líderes a pensarem no futuro da comunidade e dos seus descendentes. Logo viram que a vida neste país paradisíaco não seria tão saudável e folgada como a propaganda pintava na Europa. Aqui seria muito difícil resistir e sobreviver sem o mínimo de instrução, por mais elementar que fosse. Então, a escola, ao lado da igreja, era tanto uma necessidade quanto um aliado na luta contra as dificuldades encontradas. O contato com a natureza brasileira, com a mata, com a suntuosidade da floresta e a precariedade de recursos bem como o abandono e o desamparo do Estado brasileiro deixaram os imigrantes à deriva. Acrescente-se, ainda, o encontro com a cultura e com a religiosidade do povo brasileiro bem diferente e estranha a seu mundo religioso, aumentava ainda mais o desespero e a desorientação. Era necessário encontrar saídas e caminhos para resistir a tantas adversidades. Para o imigrante, o mundo brasileiro era o mundo da selva e, conseqüentemente, da selvageria, da desordem e do caos. O medo de ser tragado por esse mundo hostil ao seu, era constante no cotidiano das pessoas.

Habitado ao seu país de origem e a um catolicismo marcadamente clerical, no qual a presença do sacerdote dominava praticamente toda a esfera dos valores religiosos, sociais e morais da aldeia, aqui, na falta deste, o imigrante vê-se desamparado, desorientado e, religiosamente falando, perdido qual “ovelha sem pastor”. A saída encontrada, por alguns líderes, foi dirigir apelos à autoridade eclesiástica competente da Galícia, solicitando o envio de sacerdotes e pessoas que pudessem exercer a função de mentores e guias para tirar a comunidade do desespero e alimentar a esperança de

um futuro melhor. Porém, nem sempre os esforços dos primeiros missionários basilianos e líderes da comunidade obtiveram o resultado desejado, como argumenta Zinko:

Infelizmente, nem todos que vieram conduzir a comunidade paranaense compreenderam a gravidade do momento, nem todos tinham coragem e temperamento suficientes para enfrentar o trabalho comunitário em meio àquelas condições pioneiras que o Brasil lhes apresentava. Por essa razão, era pouca a “*intelligentsia*” atraída para vir trabalhar aqui e os que caíam sob o céu do Cruzeiro do Sul logo perdiam o ânimo. Não encontrando campo para exercer o seu profissionalismo na comunidade estabelecida, eles procuravam outras formas de ação e, às vezes, se retiravam para a margem da vida da comunidade, tornando-se, assim, indiferentes a qualquer atividade comunitária. (ZINKO, 1960, p. 31).

Geralmente construídas à sombra das igrejas, as escolas haveriam de ser a continuação do púlpito e agrupariam em seu seio tanto as atividades culturais, sociais e políticas quanto as religiosas, não somente nos primórdios, mas por tempo mais duradouro. Atividades religiosas e culturais se mesclavam, e a escola, então, era o espaço favorável a qualquer evento da comunidade e também um ambiente ideal para a evangelização e catequese.

Diante da precariedade econômica e da desorientação religiosa a que os imigrantes estavam expostos, para alguns ou até para muitos, os missionários eram vistos como “heróis salvadores” e também a *intelligentsia* melhor preparada para dar pronta resposta à crise do momento. O apreço e o zelo pelos missionários era um legado trazido da Ucrânia. Lá, o clero gozava de grande prestígio, sobretudo entre as camadas camponesas, por serem letrados e de nível intelectual, cultural e religioso superior ao resto da massa. Esse modelo vai vingar também aqui entre as populações das colônias.

Na forma de pensar dos missionários basilianos e de alguns poucos líderes, o futuro melhor viria se a comunidade criasse condições para andar com seus próprios pés, preservando o patrimônio cultural e religioso, não permitindo ser engolida pelo ambiente

cultural e religioso hostil à sua cultura e à sua religiosidade aqui encontrado. Um dos meios de defesa seria justamente a educação e a instrução das crianças na língua de seus pais. Portanto, a escola era uma necessidade urgente, como argumentava o padre Kizyma: “Sejam quais forem os problemas, custe o quanto custar, as nossas crianças devem ter a sua escola, a escola ucraniana” (ZINKO, 1960, p. 71).

A construção de escolas e a organização do ensino, foram dois dos mais importantes empreendimentos dos missionários e dos líderes da comunidade recém instalada. Em muitos casos, talvez até supere a preocupação com a construção de igrejas ou capelas. Longas horas de sermão eram dedicadas a esse assunto e serviam também de espaço para o culto e funções litúrgicas até que se conseguissem meios para construir uma capela ou igreja. As crianças que frequentavam a escola eram alfabetizadas no idioma ucraniano, conscientizadas dos valores de sua cultura e instruídas na fé, por meio de aulas de catecismo e de celebrações da divina liturgia. Há de se levar em conta que uma boa parcela do horário de aulas era dedicada ao catecismo que era ensinado, quando possível, pelos próprios missionários e também por leigos voluntários.

A preocupação dos primeiros missionários basilianos com a instrução e a educação das crianças como também dos adultos não era uma questão meramente cultural. Na visão deles, a educação tinha também uma dimensão moral e religiosa e estava estritamente ligada ao rito, às tradições e aos bons costumes. Nas circunstâncias daquele tempo, era extremamente necessário saber a língua dos pais, porque dela dependia a vitalidade da identidade, a perpetuidade das tradições, a continuidade do rito e da Igreja. O sucesso da missão, a médio e a longo prazo, dependia também do bom êxito da educação. Se as crianças e também os adultos não soubessem ler, escrever, falar a língua dos pais, como poderiam aprender o catecismo, participar das liturgias e cantar hinos próprios da tradição litúrgica ucraniana? De maneira que, a questão escolar era uma preocupação permanente, o pão de cada dia, como afirma o padre Zinko.

O primeiro missionário basiliano, Silvestre Kizyma, foi perseguido e sofreu o bastante pela causa escolar. Ele foi intransigente com as ideias contrárias à causa escolar. Porém, não dava atenção às adversidades nem aos obstáculos postos pelos adversários. Embora tivesse que andar armado de revolver durante alguns meses e escoltado por pessoas de confiança, o padre Kizyma não se intimidou nem tampouco desanimou, pois considerava a questão escolar ucraniana como uma questão que podia ser posta no mesmo nível da fé e pela qual se deveria morrer (ZINKO, 1960, p. 71).

Para o clero e para muitos imigrantes ucranianos, a língua, a fé e o rito eram princípios vitais para a sobrevivência do grupo. A falta de um desses princípios poderia comprometer sua sobrevivência, sua afirmação e permanência na realidade brasileira da época. Por isso, toda ação dos missionários neles se apoia. Eram a alavanca propulsora para todas as atividades do grupo. Língua, fé e rito deveriam manter a coesão do grupo, a afirmação da identidade junto à coexistência com outros grupos étnicos no sul do Brasil.

As primeiras escolas ucranianas

As escolas ucranianas no Paraná e em Santa Catarina, com ensino na língua ucraniana, nasceram no período da República Velha, com a finalidade de alfabetizar os filhos dos colonos. A fragilidade do sistema educacional republicano e a incompetência do governo em garantir o acesso à educação pública aos filhos dos imigrantes, obrigou as lideranças comunitárias a construir escolas particulares com conteúdo curriculares ensinados na língua materna, no início, e com conteúdo curriculares conforme o sistema educacional brasileiro da época, posteriormente. O ensino escolar na comunidade ucraniana no Paraná e norte de Santa Catarina, por força das circunstâncias, nos primeiros anos, teve várias formas e não se limitou às salas de aulas. O povo empreendeu esforços e encontrou, de acordo com suas condições materiais e intelectuais, vários caminhos para vencer as dificuldades encontradas em um país estrangeiro.

O movimento a favor do ensino, de um lado, encabeçado pelos basilianos, e de outro, ancorado pelos líderes das comunidades, foi uma grande cruzada para vencer a ignorância e o analfabetismo e também para criar espaços propícios nos quais a cultura e as tradições religiosas pudessem ser preservadas e perpetuadas.

A história da educação na colônia ucraniana no Brasil tem suas origens nas primeiras famílias vindas nas primeiras levadas e na criação das primeiras colônias. Em meio às dificuldades e carências, principalmente econômicas, que assolavam os imigrantes, impossibilitando a construção de um espaço apropriado para a educação, o grupo encontrou formas ousadas para instruir seus filhos. Uma dessas formas era o ensino doméstico, ou escolinhas domésticas, que, sob a liderança de um leigo notável, consistia no encontro dos moradores vizinhos de uma mesma colônia, em casa de um dos moradores, ou até mesmo na sombra de uma frondosa árvore para aprender a ler e a escrever, cantar canções populares e religiosas e aprender o catecismo. Era uma iniciativa, embora precária, que os primeiros imigrantes encontraram para instruir seus filhos e transmitir a eles os bons costumes e a cultura de seus pais. Em muitas colônias, esse modelo de ensino evoluiu, desenvolveu-se e se transformou em escolas comunitárias. Nos pequenos grupos e colônias distantes dos núcleos maiores, esse modelo permaneceu por vários anos.

As informações acerca da fundação das primeiras escolas ucranianas no Paraná, quando se refere ao lugar e à cronologia, não são unânimes. Não é nosso escopo preocuparmo-nos com tais questões, embora sejam importantes, mas o foco é a ação basiliense e a influência que eles exercem no ensino escolar na colônia ucraniana brasileira. Esse empreendimento, além de ser uma necessidade urgente da colônia, era desempenhado em função da missão pela qual eram responsáveis.

Quando se trata de “primeira escola”, é necessário compreender o termo como uma expressão de cunho mais local, sem querer abarcar a globalidade da colônia. Por exemplo, os colonistas de Prudentópolis diziam que a primeira escola foi fundada naquela

localidade, ou nos seus arredores. Os colonos de Rio Claro e Mallet afirmavam que foi naquelas regiões, embora a tendência maior seja mesmo afirmar que é exatamente ali que nasceu a primeira escola ucraniana paranaense, em 1897 (HANEIKO, 1985, p. 58).⁴

No núcleo de Prudentópolis, as primeiras escolas surgiram em 1898, por iniciativa do missionário basiliano Silvestre Kizyma, que, junto com alguns líderes do povo, construíram duas pequenas escolas na linha Vicente Machado e Nova Galícia. Na primeira, era professor o senhor Paulo Lepka, e na segunda, o senhor Oleksa Huk. Logo depois, foi construída uma escola na vila de Prudentópolis, na qual lecionava o professor Kasymir Brodiak (ZINKO, 1960, p. 14).

A escola de Nova Galícia encontrou resistência por parte dos colonos, que alegavam não ter condições para pagar o professor e manter a escola. O missionário basiliano, padre Antonii Marteniuk, convenceu o povo da necessidade de instrução para seus filhos e do compromisso que eles tinham com manutenção da escola e dos professores. O povo concordou em pagar a quantia mensal de 2 réis por cada criança e ainda ajudar o professor na derrubada do mato para a plantação da roça. Estavam matriculadas 24 crianças, inclusive aquelas cujos pais não tinham condições de pagar. O próprio missionário também improvisou uma escolinha em sua residência, ensinando, quando podia, catecismo e língua ucraniana (ZINKO, 1972, n.19).

Sobre a construção de uma escola nas cercanias de Prudentópolis, temos o seguinte relato de uma testemunha ocular e primeiro professor, Paulo Lepka.

O sacerdote Antonii Marteniuk, osbm, deu a ideia aos colonos ucranianos da nossa Linha Cândido de Abreu, perto de Prudentópolis, para construírem uma escolinha para as crianças. Por esta razão, no dia 8 de janeiro de 1898, na festa da Mãe de Deus, às 3 horas da tarde, reuniram-se 25 colonos e

⁴ Sobre a vida dos primeiros imigrantes em Rio Claro, a construção da igreja, da sala de leitura, da escola encontramos no relato de Teodor Pototskiyi publicado na revista TZVIRKUN, ano 47, n. 204, fevereiro-maio de 1992, p.3-10).

decidiram que a escola era uma necessidade e escolheram o senhor Paulo Lepka para ser o professor. Prometeram pagar 1.500 réis por cada criança. As aulas iniciaram no dia 1 de fevereiro. Não havia bancos. O próprio professor transformou a sua casa, construída de tábua lascada, de 4,5m x 3,5m, em escola. Fizeram três bancos e sentavam cinco crianças em cada banco. Como o espaço era pequeno e o número de crianças maior, as aulas foram divididas em dois turnos. Uma turma estudava de manhã e outra à tarde. Cada turno tinha 15 crianças. Algumas delas já tinham iniciado os estudos na terra natal. Havia somente uma cartilha. O programa do dia era o seguinte: a aula iniciava-se com uma oração e seguia, sem intervalo, até o meio-dia. Após o almoço entrava outra turma, e sem intervalo, estudava até a hora de ir para a casa. A falta de livros era suprida pelas “scripturas”, ou seja, cópias de temas que o professor fazia da única cartilha, geralmente em número de 10 a 12. A escola tinha uma lousa. As crianças escreviam com lápis, mas tinham também pequenas lousas. Na Grande Quaresma, todas as crianças iam confessar-se com o padre Kizema. Elas se comportavam muito bem, por que tinham boa educação. Eram pontuais, é claro, naquele tempo não tínhamos relógio (ZINKO, 1960, p. 133).

Em 1904, por meio de incentivo dos missionários basilianos, organizou-se uma escola em Iracema, no município de Itaiópolis, no Estado de Santa Catarina. Por volta de 1907, foram organizadas escolas em Antônio Olinto, Curitiba e Porto União. A partir desse ano, a questão escolar ganha impulso, envolve a liderança da colônia e encontra apoio do primeiro jornal ucraniano, *Zoriá – Estrela*, que começa a ser editado nesse mesmo ano, em Curitiba. O *Zoriá* abraça a causa, prioriza e incentiva a criação de um sistema escolar para a colônia ucraniana, bem como articula reuniões e encontros para discutir o tema. Entre os encontros, o que teve importante destaque foi o de Rio Claro, no dia 6 de outubro, que aconteceu na chácara de Ivan Zainko. Neste encontro foi escolhida uma delegação para ser enviada ao governador do Estado do Paraná, com a missão de pedir a construção de escolas locais mistas brasileiro-ucranianas (ZINKO, 1960, p. 51).

Além das escolinhas domésticas, das escolas elementares, a colônia ucraniana, desde seus primórdios, incentivada e apoiada pelos

basilianos e pelos leigos notáveis, desenvolveu, ainda, outro modelo de instrução: a sala de leitura – *chytálniya*.⁵ A sala de leitura era a escola para adultos, o lugar de formação cultural e conscientização política do colono. Conforme o Jornal *Prácia* dos basilianos, a sala de leitura era “uma instituição cultural, uma escola para adultos e jovens, um lugar onde a comunidade partilhava ideias, estudava, ouvia conselhos e orientações” (PRÁCIA, 1913, n. 10). Na sala de leitura, o colono recebia uma mensagem de ânimo e construtiva, adquiria conhecimentos através de diversificada literatura e também discutia a situação da própria comunidade na realidade brasileira (HANEIKO, 1985, p. 55-58). Os colonos reuniam-se aos domingos para ouvir a leitura de livros e jornais em voz alta. Todos deveriam participar, principalmente os que não sabiam ler.

Na sala de leitura, por meio da leitura de jornais, livros e revistas de cunho cultural, político e religioso, o colono era informado da situação da sua pátria, da Igreja e do mundo, bem como da situação de seus compatriotas em outros países como Argentina, Estados Unidos e Canadá. Uma parte do material para a sala de leitura vinha da Ucrânia, principalmente da *Associação Prosvita*, da cidade de Lviv; outra, era doada pelos imigrantes mais notáveis, e uma terceira, vinha do Canadá e dos Estados Unidos. Desde 1896, a comunidade recebia publicações da colônia ucraniana instalada naquele país. Em setembro de 1897, o senhor Teodor Pototskyi escrevia: “Agradecemos ao nosso jornal americano “Svobodá” que traz notícias da pátria querida e dos nossos ucranianos americanos” (REVISTA TZVIRKUN, 1992, p. 13). A sala de leitura era o lugar de encontro dos colonos por excelência. Além de fomentar a cultura, ali também se discutiam problemas de interesse da comunidade.

Tanto as escolinhas quanto as salas de leitura serviam de apoio ao trabalho missionário e, por isso, boa parte dos conteúdos das homilias era reservada a esse assunto. E desse modo, a colônia

⁵ Bom material sobre as salas de leitura encontramos em GUÉRIOS, 2012, p. 182-183. Sobre a organização e o significado da *chytálniya* encontramos extenso material publicado no Jornal *Prácia* de 1913, n. 18, 19, 20, 21, 22 e 23.

ucraniana ia se estruturando, se afirmando e ocupando espaço na realidade brasileira. À medida que os esforços evoluíam em relação à situação escolar, entre os basilianos e as lideranças da colônia, vão se formando dois blocos distintos: o bloco conservador, liderado pelos basilianos e vinculado à Igreja, e o bloco liberal, liderado pela *intelligentsia*, de tendência anticlerical. Eram dois modelos distintos que, apesar de terem os mesmos objetivos, a preservação da identidade, da etnicidade e da ucranidade, caminhavam por vias diferentes. A maneira de ver os problemas e as necessidades dos imigrantes e de seus filhos, de compreender e interpretar a realidade da colônia, de pensar e elaborar projetos para o futuro, era muito diferente em todos os aspectos. Enfim, eram mentalidades e cosmovisões distintas com tendências monopolizadoras. E a questão escolar, além da missão, era um território de poder no qual grandes combates haveriam de ser travados sob o signo da permanência e da continuidade da Igreja, da cultura, da religiosidade e da etnicidade.

Supostamente, tudo caminhava bem nos primeiros anos. Mas, a partir da vinda de novas levas de imigrantes, as necessidades aumentavam, as escolas se multiplicavam, e por sua vez, a *intelligentsia* laica crescia, não somente em número, mas também em qualidade, conquistava mais espaço no seio da comunidade e conseqüentemente os conflitos, as tensões e os curtos-circuitos haveriam também de aumentar.

O congresso de 1910 e o plano para gestar uma nova colônia

As sucessivas levas de imigrantes que chegavam, a partir de 1907, exigiam ações e planos que respondessem ao apelo e à necessidade da maioria dos colonos no que se referia à educação, à instrução escolar e a outros segmentos da colônia. Com as imigrações vindas depois de meados da primeira década do século XX, a colônia ganha novo impulso. Entre os imigrantes havia também profissionais que eram sensíveis à necessidade de acelerar o processo em curso para uma organização efetiva da questão escolar. Apesar de esse processo

andar a passos lentos, a essa altura já contava com o apoio da comunidade e envolvia praticamente toda a elite intelectual da colônia, embora com suas opiniões, cosmovisões e compreensão da realidade imigrante muito diferentes. Era necessário chegar a um denominador mais ou menos comum para calibrar as tensões e equilibrar os interesses em torno da educação escolar.

Não obstante às divergências de visões, opiniões e compreensões, a comunidade demonstrava sinais de maturidade e, sobretudo, preocupação. Via e sentia a necessidade de dar respostas cada vez mais efetivas aos problemas procedentes da situação de imigrantes na realidade brasileira. Nessa época, nascia a imprensa ucraniana no Paraná, cujas iniciativas vinham sendo fomentadas e lideradas pelo setor eclesial, desde 1904. O basiliano Sofron Horoschuk, um irmão coadjutor, havia reunido um grupo de interessados e organizado o “Comitê de Imprensa”, com a finalidade de angariar fundos e agilizar a questão entre os imigrantes ucranianos. Porém, o primeiro jornal não vai sair das oficinas católicas nem vai ser conduzido pelos basilianos. O *Zoriá* (Зоря – Estrela), primeiro jornal ucraniano no Paraná, de tendência liberal, dá destaque à educação e quer ver os basilianos não só longe das trincheiras em defesa da cultura e da causa ucraniana, mas totalmente fora do *front* da organização da comunidade imigrante. Infelizmente, o *Zoriá* não teve vida longa. Sem recursos, em menos de três anos, deixou de existir. Sobre as causas da falência do *Zoriá*, o padre Vihorenskiy afirma: “Em vez de construir, congregar e unir o nosso povo, desde o início, o “Zoriá” hostilizou os religiosos. Não seguiu o seu grande chamado e nobre compromisso. Em vez de colaborar com a Igreja, espalhou desunião e ódio a ela e a seus servidores” (VIHORENSKIY, 1958, p. 89).⁶

No congresso ucraniano realizado nos dias 31 de julho e 1 de agosto de 1910, em Curitiba, o tema da educação escolar alcançou

⁶ Sobre a imprensa ucraniana no Brasil consultar PRADO, Anderson; ANTUNES, Jair; COSTA, Lourenço Resende da. **Diversidade étnica e cultural no interior do Paraná**. São Leopoldo: Oikos, 2016. p. 13-26.

notável importância e marcou acentuadas divergências entre basilianos e *intelligentsia* (liberais). Independente da oposição entre os dois grupos, o fato de se conseguir realizar um congresso naquela época foi um grande avanço. Já estava em circulação o *Prápor* – Estandarte, um jornal editado pelos basilianos, em Curitiba. O *Prápor* convocou o congresso e articulou a sua realização. Os últimos acertos foram elaborados pelo redator Klym Gutkovskyi, trazido da Galícia pelos basilianos exclusivamente para ocupar o cargo de redator do jornal. No congresso, foram discutidas questões de cunho cultural, social, religioso, educacional e econômico. O congresso também alimentou a intenção de fundar uma casa comercial e uma cooperativa, projeto que não se realizou (ZINKO, 1960, p. 52).

A questão escolar, discutida no segundo dia, foi liderada pelo basiliano padre Rafayil Krynytskyi, proferindo conferência de grande peso sobre o tema, ressaltando que somente a escola ucraniana poderia conter a dispersão das forças comunitárias e do potencial étnico ucraniano na sociedade brasileira. A assembleia, então, decidiu criar a *Shkilhná Rada* – Conselho Escolar, anexo à *Naródnia Rada* – Conselho do Povo, com sede em Prudentópolis. Para auxiliar o Conselho Escolar, órgão máximo responsável pelo ensino na colônia, foi criado o *Ukráínskyi Chkilhnyi Soyuz* – União Escolar Ucraniana, órgão com a finalidade de angariar fundos para a manutenção da escola e dos professores, cuidando da arrecadação mensal, mesmo daqueles que não tinham filhos. A colaboração deveria ser de, no mínimo, 300 réis mensais (ZINKO 1960, p. 52-53).⁷

⁷ O Conselho Escolar teria a seguinte composição: presidente, vice-presidente, inspetor local, dois secretários, dois tesoureiros e fiscais e mais dez inspetores de seções. O encontro dividiu o Paraná em dez seções territoriais: 1. Prudentópolis, 2. Curitiba, 3. Rio Claro ou Marechal Mallet, 4. Antônio Olinto, 5. Itaipópolis, 6. Jangada, 7. Ivaí, 8. Itapará, 9. Vera Guarani, 10. Nova Galícia (próxima a União da Vitória). Cada seção deveria dividir-se em regiões ou comunidades. As escolas seriam inspecionadas por inspetores, que a cada três meses deveriam elaborar relatórios e enviá-los ao Conselho Escolar, em Prudentópolis. Os inspetores deveriam reunir-se anualmente para avaliar o andamento do ensino na colônia. Num período de seis meses, o Conselho Escolar deveria elaborar o seu estatuto para ser publicado no *Prapor*. A assembleia decidiu

Como consequência das propostas do congresso, no final de 1910, em Prudentópolis, convocou-se uma reunião para tratar da criação do Conselho Popular Ucrâniano e do Conselho Escolar. Para presidir o Conselho Popular, foi eleito o redator do jornal *Prápor*, senhor Klym Gutkovskiy, e para presidir o Conselho Escolar, por aclamação geral, foi escolhido o basiliano padre Markyian Chkirpan (ZINKO, 1960, p. 53).

O congresso de Curitiba alimentou grandes expectativas e não foi além das boas intenções. As propostas não se concretizaram e não se conseguiu criar um sistema escolar bom e ideal para conduzir o ensino na colônia ucraniana. Convocado para fomentar a união entre os colonos, o congresso acabou produzindo divisão ainda maior e oficializou dois grupos antagônicos bem distintos: os conservadores e os liberais. Os conservadores, com o clero basiliano na vanguarda, e os liberais, chamados também de radicais, liderados pela maioria da *intelligentsia* e pela ex-redação do já extinto jornal *Zoriá*, agrupava nomes tais como Volodemer Kvacinskyi, Stefan Petretskyi, Ivan Kotyumbas e Ivan Zayinko.

As divergências trouxeram prejuízos para a colônia. Entre os dois grupos, instalou-se uma rede de intrigas, calúnias, acusações e denúncias que atravessou boa parte da história dos ucranianos no Paraná. Não se chegou a nenhum consenso quanto à gestão escolar, e o congresso não logrou o sucesso esperado. Zinko destaca os prejuízos que as divergências trouxeram para todo grupo ucraniano e para as gerações futuras.

As boas propostas do primeiro congresso não foram cumpridas por causa das calúnias dos adversários. As associações não se uniram em uma central única e não foi criada a casa comercial. A questão escolar não andou pelos caminhos planejados. Na verdade, ela não foi abandonada e, na medida de suas capacidades, os padres e poucos líderes responsáveis procuraram, à custa de muito esforço, converter em prática as propostas do congresso. O padre Krynytskyi, por meio da

ainda, que era necessário comunicar ao Consulado austríaco e solicitar livros escolares, como também empenhar-se para conseguir ajuda das autoridades austríacas.

colaboração de religiosos e leigos, organizou a União Escolar (*Chkilhnyi Soiuz*) em várias colônias. De maneira que, o trabalho individual e isolado ou a iniciativa coletiva limitada, substituiu o trabalho que se planejou executar através do órgão do congresso, ou seja, do Conselho Escolar e suas células. É necessário, pois reconhecer, e com razão, que a partir desse momento a questão escolar ganha impulso e torna-se cada vez mais ativa. Com satisfação destacamos que o primeiro congresso assinalou os rumos da nossa ação escolar no Brasil, e com isso, não somente demonstrou maturidade pelos compromissos, mas deu à nossa imigração uma insubstituível e madura visão para o futuro. Observando hoje, a uma distância de quase cinquenta anos, um intervalo de meio século, os planos dos adversários trouxeram um grande prejuízo para o ambiente ucraniano no Brasil, pois privaram-no de uma instituição educacional bem organizada que, incontestavelmente seria o Conselho Escolar. Com isso, impediram o crescimento normal de uma camada de líderes de sua própria intelligentsia entre as nossas massas neste país. Pois, com o auxílio de uma escola bem organizada, já naquele tempo, teria se formado um verdadeiro estrato local de lideranças com uma concepção ucraniana de mundo e com uma convicção cristã que não teria permitido a *karmánshchyna* – karmancismo e outros nefastos fenômenos que mais tarde tiveram lugar no seio da nossa comunidade. Não há dúvidas, que tal organização diminuiria a força de ataques dos posteriores demolidores e de elementos estéreis do ambiente estranho na alma da população ucraniana. E o mais importante: a jovem geração de líderes cresceria educada e formada nos moldes de uma boa organização e solidariedade comunitária (ZINKO, 1960, 54-55).

Assim, o sonho de gestar uma nova colônia, cujos mecanismos seriam sustentados pelo ensino escolar tinha fracassado. Para os basilianos, a nova colônia seria uma comunidade inteiramente organizada nos moldes dos princípios cristãos, orientada e protegida pela Igreja católica ucraniana. Ao passo que, para o outro grupo, uma nova colônia significava exatamente a não intromissão dos basilianos e da Igreja na gestão de tal projeto. Todavia, os basilianos, em virtude de sua missão, conseguem conduzir a obra adiante, em parte, a próprio custo e, em parte, com o auxílio da comunidade. Embora o sonho tivesse fracassado, não havia fracassado nem inviabilizada a

possibilidade de continuar trabalhando pela causa escolar, pois era também uma questão de honra missionária e fidelidade ao carisma e à tradição da Ordem. Lá onde estivesse o missionário basiliano, a “chama escolar” estava sempre acesa e viva.⁸

Em abril de 1911, por mediação dos basilianos, vieram da Ucrânia para o Brasil, as religiosas da congregação Servas de Maria Imaculada. O trabalho dessas religiosas no campo educativo foi marcante e decisivo para a colônia. Elas receberam não só apoio e proteção dos basilianos, como também representaram a extensão da influência dos padres nas comunidades. As escolas dirigidas pelas religiosas foram as que mais prosperaram e as que mais resultado positivo trouxeram para a comunidade. A vinda das religiosas, de certo modo, conteve a crise instalada no encontro de 1910 e somou forças a favor da questão escolar.

Não obstante as divergências e o fracasso de criar um sistema escolar, a ideia foi levada adiante pelos basilianos e por inúmeros líderes comunitários espalhados pelas colônias. As divergências trouxeram perdas e acabaram por frustrar as expectativas de se chegar a um acordo razoável em torno da educação escolar na colônia ucraniana no Brasil. Porém, foram as divergências e as polêmicas que impulsionaram o grupo a buscar novas respostas e novos caminhos.

Embates, resistências e caminhos

Desde o congresso de Curitiba, em 1910, mesmo sem uma organização central efetiva, as comunidades se organizaram como podiam e o ensino na colônia não pereceu. Os basilianos e seus aliados continuaram o trabalho, incentivando, muitas vezes obrigando,

⁸ “A atuação em escolas e na educação da juventude é a maior característica e tradição marcante da Ordem Basiliiana. Esta tradição volta para o tempo de São Basílio Magno; como um fio dourado que se estendeu ao logo dos séculos da história da Igreja Ucraniana. As escolas eram a ‘maçã dos olhos’ da Ordem Basiliiana. Os basilianos não poupavam nada para suas escolas, nem energia, nem labuta, nem tempo, nem saúde, nem suas próprias finanças ou recursos materiais” (KATRIY, 2021, p. 38).

e organizando associações escolares em todas as colônias (ZINKO, 1960, 88-92). Por falta de uma organização central representativa única, quase sempre o dirigente das associações era o padre que assistia determinada localidade. Isso reflete, por um lado, a influência e o domínio que o clero basiliano ou diocesano exercia na comunidade e, por outro, a carência de pessoas capacitadas para o exercício de tal função. O mérito de levar o trabalho adiante não se deve somente ao clero, mas também às lideranças comunitárias que, através das associações locais, procuravam impregnar no povo a necessidade e o valor do ensino escolar.⁹

A partir de 1913, a questão escolar ganha novo impulso e será uma pauta importante na agenda dos basilianos, pelos menos, por duas décadas seguintes. Por um lado, já fora possível se recuperar dos abalos causados pelo congresso curitibano de 1910, e por outro, nascia um grande aliado na luta pela educação, o jornal *Prácia*. O primeiro número saiu das oficinas dos basilianos no mês de dezembro de 1912, em Prudentópolis. O *Prácia* prometia ser defensor, arauto e propagador da questão escolar e da formação intelectual dos ucranianos, cujo objetivo e ideologia podem ser extraídos do editorial de seu primeiro número.

Trazendo à luz este primeiro número, desejamos acalmar as necessidades espirituais do nosso povo ruteno no Brasil, elevar seu nível de instrução, despertar nele a consciência de povo e reunir todas as nossas forças para o trabalho conjunto de instrução do povo [...] E como não é possível compreender um verdadeiro trabalho de instrução sem fé e religião, estamos iniciando o trabalho de conscientização do nosso povo ucraniano no Brasil em terreno religioso, católico. O *Prácia*, único jornal ruteno político-instrutivo no Brasil, de agora em

⁹ Pode servir de exemplo a Sociedade Tarás Shevchenko de Rio Claro, que no dia 24 de setembro de 1911, conclama o povo rio-clarense à reunião a ser realizada no dia 1º de outubro, cujo objetivo seria tratar da construção de uma escola e casa de moradia para as crianças que vivessem distantes. A conclamação reflete a situação desesperadora da colônia, sobressaindo o empenho e o espírito de luta por uma causa de tão grande peso da qual dependia o futuro da comunidade. O documento completo pode ser lido em HORBATIUK, Paulo. *Imigração Ucraniana no Paraná*. Porto União: Uniporto Gráfica e Editora, 1989, p. 313-317.

diante, deve agregar-se a nós nas fileiras de combatentes para conquistarmos, com as forças unidas, um futuro melhor para o nosso povo e reuni-lo em uma grande família (PRÁ CIA 1912, n.1).

Esse mesmo número traz extensa matéria intitulada *Ridna chkola tó nacha maybutnist* – (A escola ucraniana é o nosso futuro), e faz um balanço da situação, apontado para os problemas, reclamando da indiferença por parte dos pais e propondo a criação de um sistema escolar. É intenção e objetivo mobilizar toda comunidade. Nesse período, o município de Prudentópolis contava com 16 escolas ucranianas. Mesmo assim, a situação estava longe de ser satisfatória, pois além da falta de um sistema escolar unificado, que ainda não acontecera por causa de desentendimentos, o problema era também a falta de interesse e a falta de consciência da necessidade de escolas dos próprios imigrantes.

Dessa forma, o jornal dos basilianos abria um amplo debate sobre a formação e a educação escolar na colônia ucraniana brasileira. A seguir, arrolamos um excerto que reflete a preocupação com a educação dos filhos já nascidos no Brasil.

Entre todos os rutenos, somente nós, rutenos do Brasil, estamos ficando para trás. A causa desse estado desesperador é o nosso baixo nível de instrução, a indiferença e a falta de conscientização do peso que tem a educação [...] Chegou a hora de sacudir essa indiferença e de tomar um novo rumo [...] Podemos listar muitos pais que, depois de três ou quatro meses, retiram a criança da escola dizendo: ‘já passou o primeiro livro, isso é suficiente’, e ela nunca mais volta para a escola. Desse modo, a escola fica deserta, enquanto, em casa, a criança passa o tempo à toa. Um grande pecado há de cair sobre esses pais que não dão condições a seus filhos para serem cidadãos instruídos. Predominam entre ainda relações nefastas no campo escolar que necessariamente precisam ser erradicadas. A falta de consciência da necessidade de escolas, a falta de pessoas que possam ensinar e a precária remuneração do professor, bem como a incerteza de sua profissão, são causas dessa nefasta situação do nosso ensino escolar paranaense [...] Então, é nossa obrigação refletir profundamente e encontrar uma resposta para esse mal. Podemos ter como exemplo os nossos irmãos da Galícia e fundar o *Chkilnyi Soyuz* - União Escolar,

cuja tarefa será cuidar do ensino. Vamos refletir bem sobre esse assunto e, se alguém tem sugestões, envie-nos, que nós, com grande prazer publicaremos neste jornal. E também nós, pais, não fiquemos para trás, apoiemos a instrução, leiamos livros e revistas, fundemos salas de leitura e, dessa forma, seremos exemplo para os nossos filhos. Não sejamos indiferentes, porque foi por causa da indiferença de nossos pais que fomos obrigados deixar o nosso país e procurar abrigo bem longe, além do oceano, no estrangeiro. E se nós não tivermos uma atitude diferente, mas como a dos nossos pais, tenhamos certeza que aqui se repetirá a mesma situação como a do velho país e as gerações futuras amaldiçoarão seus pais por eles não ter-lhes dado instrução. Então, não mais existirá um segundo Brasil. Tomemos o exemplo de outros povos, de outras culturas e abracemos a instrução, apoiemos as escolas, porque na escola está o nosso futuro (PRÁCIA, 1912, n. 1).

No texto a seguir, percebe-se a forte resistência de alguns grupos de colonos e o intenso labor pelo ensino com resultados pouco satisfatórios, reflexo da indiferença e das intrigas no seio da comunidade. É importante perceber a preocupação das lideranças com a indiferença de muitos colonos em relação à identidade. Havia pessoas a quem a pertença ao grupo parecia não ser mais tão importante.

Entre os ucranianos brasileiros (não em todas as colônias), há muitas diferenças sobre a questão escolar. Em algumas colônias, o povo esqueceu o ensino de tal modo que vê a escola como se fosse um inimigo. Isso é influência do egoísmo, da inimizade e do ciúme que estão arraigados no meio do nosso povo [...] Acontece que, quando são advertidos, menosprezam a nós, dizendo que 'não existem ucranianos', que existem somente 'polacos'. Alguns já se debandaram e debocham de nós, porque não mais lhes interessa a 'nossa causa'. Eles já são estranhos (PRÁCIA, 1913, n. 15).

Quando o *Prácia* abriu o debate não faltaram opiniões a favor do assunto. A falta de uma organização que administrasse o ensino foi preocupação constante de pessoas que tinham consciência da necessidade de uma organização escolar eficiente. Enquanto para alguns a escola não tinha nenhum peso ou valor e era vista com desprezo, para outros, era o centro da vida da colônia, pois tinha a ver

com a preservação da cultura, da identidade, da memória coletiva e da etnicidade do grupo. Se o empreendimento educacional não atingisse seus objetivos e fracassasse, outros segmentos da colônia, principalmente o religioso, poderiam sofrer grandes danos e perdas. Fylyp Kobryn, líder comunitário e colunista do jornal *Prácia*, em matéria intitulada *Nasha paranska chkola* – (Nossa escola paranaense), com certo desalento escrevia:

A questão escolar é um dos assuntos mais picantes do nosso povo no Paraná. Por isso, é o assunto que mais se discute. Seria bom que cada um expressasse a sua ideia, a sua opinião, visto ser este o tema que mais deve interessar a todos os rutenos do Paraná. Se não tivermos escolas, as nossas crianças não aprenderão ler, escrever, e então, quem vai ler o ‘Missionar’, o ‘Prácia’ e quem vai sustentá-los? Qual seria a utilidade das salas de leitura, das bibliotecas e das associações? E do mesmo modo, a Igreja, o rito e a santa fé do nosso povo, principalmente nas colônias onde não há padres, poderiam subsistir? E se tudo isso vier a faltar, o que, então, sustentaria o nosso povo ruteno-ucraniano no Brasil? Pois conhecemos muito bem a história da Ucrânia, que a maior ruína do nosso povo foi quando em seu seio existia a maior escuridão da ignorância e quando não havia instrução, nem ensino, nem escolas. E sabemos também que, quanto mais se desenvolviam o ensino, a instrução e as escolas, tanto mais o nosso povo se fortalecia e com ele a nossa santa fé e o nosso rito ruteno. Assim, pois para proteger o nosso povo no Brasil, diante de uma eventual ruína-catástrofe, e para conduzi-lo a um progresso melhor, em primeiro lugar, temos que nos interessar pelas escolas (PRÁCIA, 1913, n. 7).

A Igreja, mantenedora do patrimônio religioso por excelência, estava estritamente ligada ao ensino escolar, pois dele dependia para a sua própria preservação e permanência. No imaginário de um grupo de pessoas, a colônia como tal representava algo de globalizante e universal, isto é, todos os segmentos deveriam andar interligados, e o ensino se apresentava como “salvação para o povo”, porque iria fornecer elementos eficazes para transpor os obstáculos e enveredar por caminhos certos e seguros. O ensino seria o “alimento espiritual eficaz para acordar o nosso povo do sono da ignorância. Se quisermos

que não nos falte alimento espiritual, se quisermos que o espírito do povo ucraniano não vegete, e por fim, não pereça no mar de outros povos no Brasil, então, necessariamente, temos que ter interesse pela escola” (PRÁCIA 1913, n. 7).

O editorial do *Prácia*, do dia 10 de abril de 1913, intitulado *Pekucha sprava* – (Assunto delicado), assinado pelo colono Fylyp Bak, professor na colônia São Xavier (Rio Grande do Sul), reflete a dificuldade e os tropeços que o assunto vinha enfrentando e também sugere propostas para sair da crise.

“Por meio da instrução para a liberdade”, assim falavam os sábios da Europa ocidental – e suas ideias se tornaram realidade. Vencendo a escuridão da massa cinzenta, o povo libertou-se dos grilhões daquele tempo e conquistou as melhores posições em todos os setores industriais e comerciais. Assim, também nós devemos lutar pelo ensino, porque ele traçará a rota certa para o progresso, arrancará a trave dos nossos olhos e não seremos mais nem servos de gente predadora nem servos de sua própria ignorância, a qual conduz o nosso povo ao beco do infortúnio e da miséria. Poucas são as pessoas que se ocupam com a questão escolar e não têm condições de fazer tudo o que é necessário para que haja uma gestão sistemática do ensino alicerçada em critérios científicos sólidos.

Cada professor não tem certeza de como será o dia de amanhã, porque hoje a escola existe e ele ganhou pão e água. Amanhã, porém, pode sobrar-lhe a água sem o pão. Essa situação desesperadora desanima o professor, obrigando-o a procurar o pão de cada dia em outras oportunidades, deixando, assim, o nosso futuro, no qual está o bem-estar do povo, à mercê da sorte. Já é tempo de deixar de menosprezar está tão importante realidade. É chegada a hora de direcionar as nossas forças para uma única meta a fim de atingir o objetivo. Meios para alcançar a meta existem e podem servir de exemplo os nossos irmãos da Galícia.

É necessário fundar uma Associação Escolar, cuja tarefa será administrar o ensino. A ação da associação deverá ser organizada de tal modo que a ela pertençam, como membros, todas os colonos. E para fazer que os membros tenham mais interesse é necessário fundar nas colônias associações e comitês para serem responsáveis diante do conselho principal da Associação. Cada associação ou comitê, membro da Associação Escolar, deverá prestar contas de suas atividades e

de sua situação financeira. Além das taxas obrigatórias, a Associação deverá arrecadar doações, como também programar quermesses, loterias e outros divertimentos que proporcionem alguma renda. E, dessa forma, a Associação Escolar teria fundos para pagar os professores. A Associação Escolar deverá editar programas para as escolas que servirão de base para os professores ministrarem as aulas.

Também é necessário providenciar a edição de manuais (cartilhas) adaptados para o uso nas escolas ucranianas daqui, isto é, adaptados à realidade brasileira, porque os que estão sendo usados não são didáticos para as nossas crianças.

A vós, amigos professores e simpatizantes, cabe guardes esta santa obrigação até o fim e as conduzirdes pelo cominho da verdade. E em vós, senhores colonos, sobre os vossos ombros pesa esta mesma santa obrigação de colaborar e ajudar para o bem de vossa vida agora e no futuro.

Entre os povos que vivem no Brasil, que nós não sejamos os últimos, mas pelo menos diante dos nossos vizinhos poloneses, que são menores em número, mas que em relação ao ensino, fizeram muito mais do que nós. Que seja visto, que estamos vivos e não embolrando nas matas brasileiras. Após uma ampla discussão do tema neste jornal, seria interessante convocar um congresso para discutir detalhadamente todos os aspectos da questão escolar bem como os meios seguros para aperfeiçoar o nosso ensino escolar no Brasil (PRÁCIA 1913, n.8).

Até 1913, de modo geral, observamos que na colônia a preocupação estava focada na instalação de escolas em todos os cantos da imigração, não se preocupando tanto com a qualidade do ensino. Outra grande preocupação que estava na crista dos debates, nesse primeiro momento, era a criação de associações que se responsabilizassem pelas escolas. De certo modo, os resultados eram satisfatórios mesmo não se chegando à criação de um sistema unificado. O movimento conseguiu mobilizar grande parte dos imigrantes, principalmente a *intelligentsia*, juntamente com o clero, e nesta fase destaca-se o trabalho intenso do basiliano Rafayil Krynytskyi ao lado de outros inúmeros líderes comunitários. Instalou-se uma rede de escolas e associações praticamente em todas as colônias. Somente o município de Prudentópolis contava com 16 escolas ucranianas e mais duas particulares, dirigidas pelas Irmãs

Servas de Maria Imaculada (PRÁCIA 1912, n. 1; ZINKO, 1946, p. 49).¹⁰

A formação dos professores e a discussão sobre o método de ensino

A criação de associações ramificadas em toda as colônias, por um lado, veio acalmar a problemática em discussão, mas, por outro, vai deslocar o eixo do debate. A preocupação passa a ser com os professores, pois era necessária a preparação e a formação teórico-pedagógica acompanhada de um plano de ensino. A formação deficitária dos professores e a falta de um programa escolar único para todas as escolas impediam o seu desenvolvimento e progresso. Na crista das discussões, estava o método unificado. Isso constata o professor Valyntyntyn Kuts.

Cada professor ensina à sua maneira, às vezes, com métodos tão antigos que para o homem de hoje isso não é escola, mas inferno. Mesmo assim, o povo manda as crianças, porque sente “com o espírito” que lá na escola, de algum modo, está escondida alguma força misteriosa. Então, incontestavelmente, teríamos que adotar algum método, discuti-lo sob todos os aspectos e analisar a possibilidade de aplicá-lo na prática. A nossa escola já existe, está presente no Paraná, porém ela lembra o boi brasileiro no inverno, que se alimenta só com uma forragem e quem o vê diz que dificilmente ele sobreviverá até a primavera. Algo de semelhante está se passando com as nossas escolas (PRÁCIA, 1915, n. 31).

O professor Valyntyntyn Kuts pensava que esses problemas poderiam ser resolvidos se fosse convocado um congresso dos professores e acreditava que o *Prácia* abriria espaço para o debate e também liderasse a questão. Para ele, o clero era peça fundamental, porque conhecia muito bem a realidade do povo. Na opinião dele:

¹⁰ Sobre as associações escolares étnicas consultar RENK, Valquíria Elita. **As escolas étnicas polonesas e ucranianas no Paraná**. Curitiba: Editora Appris, 2014, p. 68-84.

Tal congresso não pode ter uma característica meramente profissional. Nós temos que contar com todas as forças da intelligentsia da qual dispomos para colocar em ordem os nossos propósitos. Antes de tudo, é necessário lembrar, que nesse assunto quem pode melhor ajudar é o clero, que com os professores, estão mais perto do povo e sentem a sua aflição. Se o clero se somasse a esse objetivo e tomasse a direção lá onde as forças do professorado são fracas para se desenvolverem de maneira autônoma, então, de imediato, teríamos boa base para caminhar com os nossos próprios pés (PRÁCIA, 1915, n. 31).

Grygoryi Kozan, colono de Ivaí, achava que para o congresso deveriam ser convocados não somente os professores, mas também os representantes de todas as associações ucranianas no Paraná. E desse modo, um grupo maior de pessoas se engajaria para que as resoluções pudessem ser transformadas em ações. Dada a importância do assunto, somente os professores eram insuficientes para responder às necessidades da colônia (PRÁCIA, 1915, n. 33).

A redação do *Prácia* acolheu a ideia, mas com certa cautela, e assim expressou sua opinião:

Parece que o nosso povo interessou-se pelo congresso, mas o vê com desconfiança, para que não aconteça o que aconteceu no primeiro congresso, em Curitiba, ou seja, desentendimentos, inimizades, divisões e afastamento de muitos por questões patrióticas. Podemos dizer que até agora, aos poucos, o jornal *Prácia* começou desobstruir o caminho, reunindo ao redor de si todos os que se sentem ucranianos, sem diferença de partidos (apoiados em base católica) para defender o nosso oprimido povo. O próximo congresso deverá corrigir os erros do primeiro (...) Não nos resta outra coisa, senão pedir que todos os que se interessarem pelo congresso enviem opiniões à redação deste jornal (PRÁCIA, 1915, n. 38).

A redação do jornal apoia o evento, porém, quer que o congresso seja mais abrangente, não se restringindo somente a uma reunião de professores. Em seis parágrafos, edita a sua proposta. Em razão da situação conflitiva com o grupo liberal, a primeira proposta pede a participação dos religiosos.

Aos interessados, nossa redação propõe o seguinte:

1º) Para que participem do congresso os religiosos ucranianos do Paraná.

2º) Além dos professores (há poucos profissionais), participem também representantes de associações ucranianas no Paraná.

3º) Que a principal finalidade do congresso seja: a criação de uma diretoria política central para o movimento ucraniano no Paraná, para que as associações não sejam unidades isoladas e que nas escolas haja um só programa, pois a prática tem ensinado que até agora, por termos caminhado de modo isolado, pouco progredimos – e no Paraná não temos o menor significado.

4º) Segundo a nossa opinião, o lugar mais adequado para se realizar o congresso é Marechal Mallet.

5º) Todos participem do congresso, sejam simpatizantes de sua organização, participem das reuniões, influenciem outros encorajando-os para essa grande obra que teria por finalidade fazer caminhar com os nossos próprios pés. Não há coisa pior, digamos, envolver-se com alguma causa e depois julgá-la injustamente. Aliás, não há coisa mais fácil no mundo que julgar outros.

6º) Entenda-se que nós não temos nenhum governo político central ucraniano que convoque reuniões e congressos. Então, por isso, não há nada de curioso e de extraordinário, que neste congresso unidades isoladas levantem a voz a favor da questão. A boa vontade e a compreensão de um assunto de tamanha importância devem fazer com que o congresso se realize (PRÁCIA, 1915, n. 38).

Após termos explorado algumas propostas a favor da reformulação do ensino, trazemos algumas razões desse intenso debate e o que o havia provocado. Nessa época, a comunidade passava pela crise da Primeira Guerra Mundial, e o movimento para reformular o ensino foi um esforço para dar resposta a essa crise. As atenções da colônia se voltaram para a pátria-mãe que estava envolvida com a guerra. Muitos pensavam em voltar para engrossar as fileiras do exército, e só não o fizeram porque as condições econômicas não permitiam. Pensava-se mais no futuro da pátria-mãe do que no futuro da comunidade daqui, e por essa razão as associações escolares, criadas até 1913, entram em crise.

Então, como resposta à crise, um grupo pensa que é necessário renovar as forças aqui mesmo, reformular o ensino, reciclar os

professores, programar cursos auxiliares, enfim, procurar uma saída para a crise trazida pela guerra. No início, propõe-se uma singular reunião dos docentes. A ideia ganhou vulto até se propor um congresso reunindo todas as pessoas envolvidas com o ensino. Infelizmente, nada disso aconteceu, e no período da Primeira Guerra, de modo geral, as escolas passaram por um período de outono em razão das atenções desviadas para a pátria-mãe. Mesmo assim, o *Prácia*, sustentado pelos basilianos e apoiado pelas lideranças leigas, não se cansa de conclamar o povo para que fosse mantido vivo o interesse pelo ensino primário e secundário. Este último, que vinha sendo debatido desde 1910, ainda não se tornara realidade e iria tomar novo vigor somente no congresso de Dorizon, em 1922.

Os basilianos e o congresso de Dorizon

O congresso de Dorizon, realizado dos dias 7 a 9 de junho de 1922, reanimou o debate em torno da educação escolar. Foi o primeiro do gênero que chegou a conclusões concretas e procurou traduzi-las a ações práticas. Presidido pelo ilustre professor e diplomata Petró Karmanskyi, o congresso inspirou grandes perspectivas e alimentou muitas expectativas. Embora não estivesse presente, indiretamente tem seus méritos o metropolita Andrey Shyptytskyi, que procurou reunir e conscientizar o clero para preparar um plano sobre o ensino escolar na colônia ucraniana brasileira. Em Prudentópolis e Dorizon, teve contatos com os professores da região.

Esforço à parte, fez o professor Petró Karmanskyi que se empenhou pela criação de uma entidade corporativa e representativa dos ucranianos do Brasil, que funcionaria nos moldes das associações da Galícia. Nesse congresso foi criado o *Ukrainskyi Soiuz u Brazêliyi* – União Ucraniana no Brasil. A nova organização devia desenvolver sistematicamente o trabalho de ensino de cultura geral e serviços agrícolas, iniciando com a promoção de cursos para professores. Na reunião principal foram abertas duas sessões autônomas: cultural-educativa e econômica (ZINKO, 1960, p. 57). É a primeira que nos

interessa. Criada a sessão especial para a questão escolar, esta ganhou relevância e, de imediato, elegeu sua equipe diretora. Como dirigentes da sessão cultural e ensino, foram eleitos: para presidente, o basiliano padre Markiyan Shkirpan, de Prudentópolis; para vice-presidente, o professor Oleksa Lutcenko Vacelenskiy, de Irati; para secretário, Volodemer Martenetz, de Mallet; e para tesoureiro, o padre diocesano Petró Protskiv, de Dorizon. Está aí a presença do clero na vanguarda das discussões sobre o ensino e a organização de um sistema escolar para a colônia ucraniana no Brasil (ZINKO, 1960, p. 58).

A partir desse congresso, o tema adquire novo impulso e atinge um nível mais elevado. Com clareza e sem ambiguidades, continua o interesse pela criação do ensino ginásial e pela formação do corpo docente. Com essa finalidade, ainda no mesmo ano, a diretoria da *Sessão Cultural e Ensino* promove reuniões em Mafra e Irati, e adota o programa da escola pública, sendo criadas normas para o ensino da língua ucraniana. No ano seguinte, em 1923, em Porto União, definiu-se que o corpo docente deveria fazer reciclagem no período de férias (ZINKO, 1960, p. 59).

O congresso se esforça para centralizar o sistema escolar e, para isso, conchama todos os cidadãos para colaborar. São propostas concretas e procura-se aplicá-las na prática. Estavam presentes frente a frente antigos rivais: conservadores e liberais, aliados agora na luta pela mesma causa: a causa ucraniana. O clero estava bem representado e impunha respeito. Porém, quando as decisões não são aplicadas na prática, os dois grupos entram em atritos, principalmente no que vai se referir ao ensino ginásial.

Na verdade, o ensino ginásial vinha sendo discutido desde 1910. No ano seguinte, em 1911, em Prudentópolis, houve uma tentativa de abrir uma espécie de “seminário” para a formação do corpo docente, cujos esforços foram infrutíferos. A vinda das Irmãs Servas de Maria Imaculada, de certo modo, supriu essa necessidade, pois dos colégios das irmãs saíram muitas jovens habilitadas para a docência. As tentativas foram retomadas entre os anos de 1917 e 1920, porém fracassaram.

Somente a partir de 1922, o debate em torno do ensino secundário ganha corpo e consistência. Vários fatores contribuíram para isso. Do lado basiliano, a vinda do provincial Anastácyi Kalush, em janeiro desse ano, não só deu vigor ao debate, mas ele mesmo aprovou um projeto dos basilianos de Prudentópolis para fundar o ginásio. Em abril, de 26 a 29, em reunião com o metropolita Andrey Shyptytskyi, propôs-se a criação de um ensino para moços, cuja finalidade era a formação para a docência, sob a direção dos religiosos e do professor Petró Karmanskyi. Em maio, no dia 21, em Iracema, definiu-se a questão, e o padre Markiyan Shkyrpan colocava à disposição a casa de Prudentópolis e prometia que um membro da Ordem estaria disponível para ensinar no ginásio.

Nos dias 7 a 9 de junho desse mesmo ano, realiza-se o congresso de Dorizon. Como temos visto, o assunto toma novas formas e definições. Apesar da aparente convivência “pacífica” entre os dois grupos, na prática, os rumos tomados foram opostos. Nas reuniões de Mafra e Irati, a diretoria do *Ukrainskyi Soyuz u Brazêliyi* decidiu instituir cursos de qualificação para os professores, independentemente da criação do ginásio. Essa decisão se chocou com o plano dos basilianos e dificultou a abertura do ginásio. Instalou-se uma nova rede de intrigas e atritos. Referindo-se a esta crise, Zinko reclama: “O congresso não somente reabilitou as forças vitais, mas também criou não poucas dificuldades, reanimando a velha reação do primeiro congresso de 1910. Começou com rumores ocultos e intrigas internas até que explodisse com o movimento conhecido como *karmánshchyna* – “karmancismo” (ZINKO, 1960, p. 63).

Já passara um ano da realização do congresso e o ginásio não surgia. Em meados de 1923, os basilianos de Prudentópolis anunciaram que estavam abrindo o ginásio e as matrículas, porque a *Ukrainskyi Soyuz u Brazêliyi*, devido à sua desorganização, não tinha condições para abrir o ginásio e tampouco administrá-lo. A grade curricular seria a mesma da escola pública, com acréscimo da língua, história e cultura ucranianas. O governo do Estado do Paraná havia designado um professor para lecionar as disciplinas que compunham o

programa escolar brasileiro. A tentativa fracassou por não haver número mínimo de alunos (25), segundo as leis vigentes na época. Para contornar o fracasso, em dezembro do mesmo ano, os basilianos comunicam que, ao invés do ginásio, haveria um “intermediário”, isto é, um curso entre o primário e o secundário, cuja abertura estava sendo planejada para o mês de junho de 1924. Porém, essa iniciativa também fracassou.

No texto a seguir, o padre Zinko levanta algumas causas que levaram o plano dos basilianos ao fracasso:

A primeira e capital causa foi a passagem do professor Karmanskyi para o bloco adversário e sua campanha difamatória e de seus sócios contra os religiosos, principalmente contra os padres basilianos. Aos 19 de julho de 1924, em Porto União, começa a ser editado o *Khliborob* e ao mesmo tempo, com a ajuda de seus patronos, Karmanskei abre o seu colégio, com o nome de Petró Mohyla. A outra causa do fracasso do colégio católico foi a falta de forças profissionais. Cinco padres para atender uma imensidão daquela de colônias não tinham condições de sustentar o ensino no colégio. Há de se considerar também, que muito prejudicaram a desconfiança e a desorientação do partido católico nesses tempos tempestuosos. E nessa confusão, o partido de direita caiu numa situação desfavorável: os planos não somente não se realizaram, mas serviram de arma nas mãos dos adversários (ZINKO, 1960, p. 64).

Em 1926, Karmanskyi abriu o ginásio em Porto União, que funcionou não mais que quatro anos e fechou as portas.

Não obstante os constantes fracassos dos basilianos na tentativa de implantar o ginásio, isso não foi razão suficiente para desanimarem e abandonarem o seu empreendimento no campo da educação. Além de pensarem na escola secundária como necessária para elevar o nível cultural do povo e arrancá-lo da miséria cultural e econômica, eles também pensavam no futuro da Missão e da Ordem. Essa foi uma das razões que serviram para engrossar o conflito entre eles e a *intelligentsia* liberal. Estes, a todo custo, queriam enfraquecer os basilianos. Em contrapartida, os basilianos vão lutar para manter sua posição e influência monopolizante na colônia.

Devido à reabilitação das divergências, logo depois do congresso de Dorizon, os basilianos retiraram seu apoio ao *Ukrainskyi Soyuz u Brazêliyi*. Perceberam logo que, nesse jogo, o lugar deles seria fora do campo ou, quando muito, “no banco de reservas”. A essas alturas, a *intelligentsia* se fortaleceu o bastante para conduzir os destinos da colônia, e os basilianos não passariam de um simples instrumento de fácil manipulação nas mãos deles. Foi o que os padres perceberam de imediato, cuja ideia pode ser extraída do relatório do padre Kotsilovskyi ao metropolitano Shyptskyi.

É impossível o trabalho conjunto com os Kuts e Lecenko. Satanás não pode trabalhar com ideias de Cristo. O plano dos nossos “inteligentes” é um só – o *Ukrainskyi Soyuz* como “business” e os padres instrumentos para ajudá-los no arrebanhamento do povo. Isto já está comprovado. Somente, e com certeza, uma organização dirigida pelo clero pode dar certo. (ARQUIVO PROVINCIAL DA ORDEM BASILIANA).

Esta conclusão de Kotzilovskyi permite transparecer as mentalidades que disputavam o monopólio na colônia. A problemática em torno da questão escolar mostra muito bem o jogo de forças pelo poder. Os interesses aparentemente são os mesmos – a preservação da identidade e a continuidade da cultura – porém, o que vai determinar a estabilidade da posição ocupada serão os mecanismos usados.

A corrente católica, que nesse momento passa para a retaguarda, mostra-se cautelosa e procura administrar sua influência, porque tinha em mãos um instrumento poderoso que a qualquer momento podia devolver-lhe a posição, e com o qual sabia lidar com habilidade: o púlpito. Para os líderes da vertente católica, encabeçados pelos basilianos, a preservação da identidade necessariamente deveria passar pelo rito e pela fé do povo. Ao passo que para o grupo adversário, como a maioria era anticlerical ou mesmo antirreligiosa, essas categorias eram menos acentuadas ou até definitivamente descartadas.

Depois do congresso de Dorizon, os basilianos vão fortalecer suas posições contra os liberais, formando um bloco de ideias e de ações que pode ser denominado de basilianocentrismo – uma maneira de ver e interpretar a realidade ucraniana brasileira a partir da cosmovisão basiliana. Por sua vez, Petró Karmanskei, quando perde sua simpatia e rompe com os basilianos, passa definitivamente para o bloco adversário, descarregando continuamente seu arsenal bélico contra eles. Esse período de tensão e conflito ficou conhecido como *karmánshchyna* – karmancismo. Assunto instigante para ser estudado.

Este estudo procurou compreender o trabalho dos basilianos pela causa escolar e pela instrução das crianças e dos adultos nas colônias ucranianas espalhadas pelo Paraná e Santa Catarina, nas primeiras três décadas do século XX. Em virtude de sua missão, eles foram incentivadores e animadores da instrução escolar, da construção de escolas e da formação de núcleos onde a cultura e as tradições pudessem ser preservadas. Apesar de toda dedicação pela causa, os padres não exerciam a função de professores efetivos, pois não havia contingente suficiente para isso nem tinham formação acadêmica adequada para inserir-se no modelo educacional do Brasil da época. Cuidar da escola e da pastoral itinerante, nas condições da realidade das colônias, era impossível.

A leitura do movimento basiliano pela educação na colônia ucraniana, feita por meio do conceito-chave de missão, permitiu captar o processo evolutivo da atuação dos padres, passando por inúmeros conflitos, planos frustrados, até chegar à sua meta cabal, ou seja, uma organização institucional e hierárquica mais sólida, com status canônico, para sustentar a ação missionária e definir o futuro da Ordem aqui no Brasil. À medida que essa estrutura vai sendo implantada, os padres canalizam seus interesses e seus esforços para o interior da própria Ordem, e a educação passa a ser pensada e voltada para jovens que desejavam seguir o ideal basiliano. Embora a preocupação com a questão escolar continuasse, o entusiasmo pela instrução do povo em geral ia diminuindo. Leve-se em consideração que o início da década de 1930 foi marcado, sobretudo, pelo debate

em torno da educação e implantação de um novo sistema educacional que teve grande impacto nas escolas étnicas no sul do Brasil.

Além de ser ideal da Ordem, o movimento basiliano pela educação absorveu influências de outros grupos de imigrantes e, principalmente, do sistema brasileiro de ensino da época. O debate em torno da organização escolar, da formação dos professores, dos métodos pedagógicos, da necessidade de diretrizes educacionais, sem dúvida, foi influência do ambiente sociocultural do período, tais como as reformas da educação empreendidas pela República Velha entre os anos de 1910 e 1925, bem como a influência de outros grupos imigrantes principalmente alemães e poloneses. A organização escolar desses grupos influenciou e impulsionou também o grupo ucraniano. Quando se discutia a necessidade de um sistema escolar para gerenciar as escolas, para melhorar o ensino, os padres e os líderes estavam pensando e acompanhando o que acontecia no Brasil em relação à educação.

Enfim, o movimento pela educação na colônia ucraniana deve ser pensado a partir da realidade do imigrante e da realidade escolar e educacional do Brasil daquele período, principalmente o Brasil rural majoritariamente analfabeto, onde havia poucas e precárias escolinhas espalhadas por extensas áreas, com poucos professores preparados para lecionar. A situação do Paraná não era diferente. O governo construía poucas escolas. A República teve problemas graves para construir escolas pelo interior e atender as populações imigrantes. A falta de apoio do Estado abriu espaço para os imigrantes, por conta própria, assumirem a causa da educação de seus filhos e construírem as suas escolas, as escolas étnicas que, aos poucos, foram se constituindo em obstáculos para o sistema nacional de educação.

REFERÊNCIAS

ARQUIVO PROVINCIAL DA ORDEM BASILIANA. Curitiba.
Paraná.

BURKO, V. Brazelyska Provynsiya Sviyatoho Yossyfa. *In:* ANALECTA OSBM. **Narys istoriyi vasselyanskoho chynu svyatoho Yossafata.** Roma: Editora PP. Basilianos, 1992.

GUÉRIOS, Paulo. **A imigração ucraniana ao Paraná:** memória, identidade e religião. Curitiba: Ed. UFPR, 2012.

HANEIKO, V. **Clero Diocesano Ucranio no Brasil.** Curitiba: Editora Kindra, 1985.

HIMKA, J. **Galician Villagers and the Ukrainian National Movement in the Nineteenth Century.** Edmonton: Canadian Institute of Ukrainian Studies, 1989.

HORBATIUK, P. **Imigração Ucraniana no Paraná.** Porto União: Uniporto Gráfica e Editora, 1989.

KATRIY, J. **São Basílio Magno:** patriarca do monasticismo oriental. Tradução de Marco Pensak. Curitiba: FASBAMPRESS, 2021.

PRÁCIA. Prudentópolis: Gráfica Basiliiana, 1912-1915.

PRADO, A.; ANTUNES, J.; COSTA, L. R. da. **Diversidade étnica e cultural no interior do Paraná.** São Leopoldo: Oikos, 2016.

TZVIRKUN – ÓRGÃO COMUNICATIVO DOS ESTUDANTES BASILIANOS. Curitiba, Ano 47. n. 204, fevereiro-maio de 1992.

VIHORENSKIY, I. **Iracema v istorychnomu rozvydky v 1895-1958 rokakh (naukovo populyarna rozvidka.** Prudentópolis: Editora Basiliiana, 1958.

ZINKO, B. Narys diyalnosty Chyna Sviyatoho Vassyliya Velykoho v Brazyl'iyi. *In:* **YUVILEYNYI ALMANAKH 1897-1947.** Iracema-Prudentópolis: Tipografia Basiliiana, 1946 (sic).

ZINKO, B. Pochatky Vassyliyanskoyi Missiyi. *In: Prácia*, Prudentópolis, n. 19, 1972.

ZINKO, B. Ridna Shkóla u Brazylíyi. **Prudentópolis**: Editora Basiliána, 1960.

CAPÍTULO II

OS ESPAÇOS DO EXERCÍCIO DA RELIGIOSIDADE UCRANIANA NA PERSPECTIVA DA ATUAL HISTORIOGRAFIA

Paulo Augusto Tamanini

Os espaços, como componentes geográficos, não são, pois, na sua origem, uma realidade natural, mas uma divisão do mundo social estabelecida por especialistas. A divisão territorial só não é totalmente arbitrária porque, por trás do ato de delimitar uma área, há certamente critérios. Os espaços territoriais, ou não, são antes de tudo um construto oriundo de uma decisão pessoal ou grupal, por isso uma representação, um recorte, um fragmento onde se insere ou é inserido o que se julga apropriado. Esta afirmação encontra ressonância no pensamento do historiador Durval Muniz Albuquerque Junior quando afirma que o as divisões territoriais antes de ser um recorte espacial já inscrito na natureza, é produto de uma tecelagem histórica e social (ALBUQUERQUE, 2001).

Analisar os aconteceres de uma determinada circunscrição na perspectiva da História não é solicitar substituição de conteúdos mais gerais pelos específicos de uma região ou localidade. Não se trata tampouco de uma exclusão acerca dos temas relacionados a tudo o que aconteceu fora de um marco geográfico. Trata-se, porém, de uma integração, intercalação, imbricação. Portanto, diferentemente de exclusão ou substituição, é um apelo pela soma; trata-se de uma proposta para analisar e perceber o passado na perspectiva de conjunto, mas contextualizada em seus marcos locais. Desse modo, as narrativas da História mapeiam com mais precisão os acontecimentos, costumes, personagens, mentalidades etc. dentro de espaços circunscritos, mas que se interligam simultaneamente. Local, regional ou global são categorizações para uma análise mais apurada de determinado fato que convive em simbioses e convergências.

Portanto, fazem parte de um fluxo orgânico e interconectado do próprio fazer-histórico, captado em pontos geográficos igualmente relacionados.

Observar a História a partir dessa compreensão é perceber o conhecimento acerca de um passado que se dá pela cooperação entre os tipos de saberes diversos e marcos geográficos que são componentes de um conjunto orgânico. É entender os acontecimentos dados nos espaços como partes de um processo que ultrapassa a mera segmentação.

Isto posto, este capítulo trata dos espaços do exercício do sagrado nas casas de famílias ucranianas estabelecidas na cidade de Curitiba-PR, desde a década de 1960. Observo que a proposta de inserção de temáticas investigativas de cunho étnico-religioso na tessitura de uma História mais particularizada vai ao encontro de uma construção de um conhecimento que valorize os modos de existência e de hábitos diferenciados.

Do mesmo modo, a História dos ucranianos estabelecidos em Curitiba não quer apenas se ocupar dos assuntos gerais, daquelas temáticas do lado de lá, aparentemente afastadas demais. Tampouco, quer evidenciar somente o acontecido nos ambientes mais particularizados, aqueles tecidos pertos demais. Logo, a História dos ucranianos tenta uma conciliação, um acordo, uma combinação de marcos equidistantes. Portanto, discorrendo sobre o passado, quer trazer para o presente a motivação de um permanente exercício de criticidade, da sempre atenta verificação das fontes, embalada pela produtiva curiosidade tão peculiar dos que são apaixonados pela escrita do passado. Sem ser excludente, sem ser alheia, sem ser ultrapassada, a História e suas narrativas estão propensas às trocas e à mútua colaboração, porque tecida nas redes de interdependência e em uma perspectiva dialógica encenada desde os palcos da uma grande cidade, até o aconchego de uma casa de família.

Casa como lugar de prática religiosa e espaço da tessitura da História

Ter um lugar para voltar, após um dia de trabalho parece ser o desejo de cada pessoa que sai temporariamente de sua casa pela manhã arrastada pelos compromissos que cerca o seu dia. Portanto, se da casa os ucranianos partiam para o trabalho, o cair da tarde transformava a mesma casa em uma referência de retorno, um lugar capaz de agasalhar, proteger, reunir e novamente juntar pais e filhos à mesa, destilando uma conversa que precedia a costumeira reza. Assim, a habitação para além de espaço de retorno e de referência é também um espaço de exercício do sagrado.

Nas inúmeras casas dos ucranianos de Curitiba, a religiosidade encontrou um pouso e um lugar de exercício para além das igrejas. Se os templos continuam sendo o ponto de convergência para um encontro regular e sistemático, as casas, por sua vez, por estarem ornadas pelos signos de pertencimento e santos de devoção, acolhem outras formas de rezar. As orações e canções, o terço quase desbotado pelo uso, a imagem em gesso de Nossa Senhora Aparecida junto aos ícones bizantinos deixam transparecer o grau de conciliação e de apropriação que os curitibanos de descendência ucraniana souberam acolher.

O caldo de devoção religiosa gerado pela transformação do espaço e moldado pelas mediações simbólicas que circundam a urbanidade curitibana indica um ucraniano que assimilou referências em andamento de um tempo não mais preso aos calendários e de um lugar de enraizamento fluido, espraiando-se em pertencimentos flutuantes.

Discorrer sobre os exercícios do sagrado dos ucranianos no interior de suas casas é redescobri-los como agentes de um lugar histórico em formação, capazes de lidar com um inventário cultural eslavo herdado guiados pela prudência e conciliação. Longe de ser uma descontinuidade, os ucranianos trocam suas experiências, sem maiores revezes.

Se no interior das igrejas constata-se um ritmo menos intenso quanto às novas feitura de se celebrar, a religiosidade dos ucranianos em terreno doméstico, contudo, parece ter o caminho contrário. Verifica-se que, em Curitiba, as maneiras de expressar a fé cristã foram ganhando legitimidade pelo uso. No seio das famílias, esse aprisco de emoções, de pensamentos e de lembranças, as práticas religiosas ganhavam concretude, proximidade compreensiva e apreensão prazerosa. As casas em suas simplicidades emprestavam-se para que os faustos litúrgicos exercidos com esmero nas igrejas descansassem em ambientes comuns, onde o rigor das rubricas envergava-se diante da espontaneidade e desprendimento daquele lugar das cenas mais comuns.

O dedilhar dos rosários que dançavam presos às mãos das moças e senhoras ucranianas, sob a sombra de uma imagem de Nossa Senhora Aparecida, no cair da tarde, por exemplo, era uma das manifestações devocionais à Maria, mais usual entre as mulheres da comunidade. Conhecida pelos ucranianos católicos e ortodoxos, por seus títulos teológicos *Theotokos* (Mãe de Deus) ou *Panaguia* (toda Santa), Nossa Senhora é reverenciada entre os ucranianos, por práticas devocionais híbridas, já que se acrescem aos costumes de tradição bizantina, aspectos latinos, como a reza do terço e as ladainhas a Nossa Senhora Aparecida (padroeira do Brasil).

Se as mulheres tinham sua forma de rezar e de fazer soldar as amarras que ligavam sua etnia à religião, os homens de outra maneira também o faziam. Ao final das rezas, quando eram feitas nas casas, os homens cantavam as canções que falavam de Nossa Senhora, mas os encontros sempre terminavam com modas de viola. Se o chamariz eram as canções de cunho religioso que ajudavam nas rezas das mulheres, depois do momento da reza, o congraçamento entre os homens chamava para outro repertório e para o desejo de celebrar a vida.

E, ao analisar as letras de canções, verifica-se que também lá se escondem fontes que apontam para detalhes, inúmeras pistas, incontáveis maneiras de se explicar ou entender a dinâmica da

construção e percepção que um grupo tem de si e seu apego à religião e à sua história ou àquilo que se contam e cantam dela.

Num ambiente onde parecia contribuir para evidenciar o apego às práticas religiosas, os homens sempre encontravam uma maneira de lembrar e cantarolar as canções sobre a terra deixada pelos ancestrais, reforçando e majorando o que poderia ter sido um passado e seus sentidos.

A maioria das canções é uma declaração de amor à Ucrânia e ao seu povo. Os homens da reza, ao cantar outras letras, recordavam-se não só da Ucrânia, mas de seus pais e avós com quem compartilharam sofrimentos, fugas, alegrias e esperanças. Talvez, a canção seja o relembrar melodioso que faz liames entre o presente e o pretérito da forma mais popular, por isso tão significativa.

A canção é um discurso que usa do canto para ser proferido; é uma narrativa que usa da força poética para impingir o drama; é uma modalidade da linguagem oral manifestada pelos tons e semitons de uma pauta musical, nem sempre explícita; é um poema que ressignifica o seu objeto pelos melindres da melodia. Na canção ocultam-se traços de vidas manifestos nas composições que retratam a dor, o sofrimento, a esperança, o sucesso; as letras são explícitas influências do viver de quem a pensou. O autor de uma letra musical torna-se um historiador que usa outros estilos da oralidade para criar e recriar seu enredo (CHARTIER, 2007).

A religião, no entender do sociólogo Reginaldo Prandi (2008, p. 156), intervém na visão de mundo, muda hábitos, inculca valores, enfim, é fonte de orientação e de conduta:

É comum dar como certo que a religião não apenas é parte constitutiva da cultura, mas também a abastece axiológica e normativamente. E que a cultura, por sua vez, interfere na religião, reforçando-a ou forçando-a a mudanças e adaptações. Ainda que tais definições possam ser questionadas diante da crise conceitual contemporânea, religião e cultura ainda são referidas uma à outra, sobretudo quando se trata de uma nação, uma etnia, um país, uma região.

Assim, nas casas de famílias ucranianas, o exercício devocional diário, para além de corroborar com uma forte identificação religiosa, constatava algo de histórico, trazido pelos costumes, mesmo sendo ressignificado e reatualizado no contexto urbano no qual estavam inseridos. Ainda que as práticas religiosas fossem exercidas em espaços domésticos da capital paranaense pareciam não se mostrar embaraçadas por nenhuma contradição, porque independentemente do local, como sublinhou Benedict Andersen (2008, p. 42), o homem possui uma natureza ontológica que é modelada pelo sagrado, independentemente do lugar que se fixa.

Michel de Certeau, no entanto, questiona que a crença se mantenha ligada a seus objetos sem qualquer vínculo, e que só isso garanta sua preservação. Conforme o autor, os objetos isoladamente não são sagrados; o que os torna sagrados são os “investimentos do crer que, ao se deslocarem do mito, transformam-se em documento” (CERTEAU, 2007, p. 281). Por mais que estejam expostos os ícones e os objetos de devoção no interior das casas ucranianas, era na igreja que o devoto, como diz Certeau, *investia-se do crer*, reunindo-se aos domingos e em grandes festas religiosas.

No entender de Durkheim, a vida religiosa e a vida não religiosa não podem existir num mesmo espaço, sendo necessário separá-los e providenciar lugares reservados às coisas sagradas e que lhe servem de habitat. Daí, explica o autor, o porquê da edificação dos templos e santuários de onde o sagrado se institui e se alastra (DURKHEIM, 1978, p. 326). Se o rito litúrgico era observado com mais apuro pelos clérigos no interior das igrejas ucranianas, era nas casas das famílias, no entanto, que ele se manifestava de forma mais solta. Ainda que as expressões religiosas encenadas no interior das casas ganhassem modalidades de ordenação e outra roupagem, não se rezava de qualquer jeito.

Ícones, rezas, canções nas casas e as de marcas de historicidade local

Afora os lugares majestáticos, as catedrais ucranianas, próprias para as celebrações religiosas, o cotidiano dos ucranianos está repleto do simbólico, no qual o profano e o sagrado mesclam-se na desenvoltura dos afazeres, nos costumes de família, nas práticas devocionais e nos pequenos ritos de oração, o que permite focalizar a experiência religiosa no contexto de sua cultura. A maneira de expressar a religiosidade nesses grupos possibilita compreender, a partir de manifestações sensíveis no cotidiano, de práticas ritualísticas individuais ou coletivas, não uma ruptura ou descontinuidade, mas uma bricolagem de tradições e de tempos que se medeiam pelas nuances de um dia a dia desapegado de qualquer ritualidade (TAMANINI, 2017).

Não é incomum que junto a pratos, xícaras, pires, açucareiro, sopeira, bule dispostos sobre as prateleiras se aninhavam, em muitas casas, vários ícones bizantinos, de formato e tamanho diferentes, ou castiçais e toalhas bordadas com motivos ucranianos, reverenciando a visagem de um Cristo, agasalhado por uma toalha decorativa. Contudo, longe de ser um amontoamento de elementos ou artefatos sem propósito, louças misturadas aos objetos de devoção pareciam impor um pensamento e sugerir que naquela casa fosse habitual expressar o acreditar em Deus de maneira tão próxima.

O costume de misturar às louças alguns ícones de devoção sugere que cada peça flagrada na casa de um familiar ucraniano não só arrastava consigo um pretérito e uma memória cheios de orações, petições, murmúrios, lamentos que a precediam, como indicava uma maneira de expressar sua religiosidade. Uma mistura imagética carregada de magnetismo e força, criada pelos pincéis invisíveis da não coincidência, não só se manifestava em um presente, em um cotidiano à procura de um reencontro, como também convidava para uma paragem, para um instante de hermenêutica perante um mosaico

repleto de detalhes e que diziam algo sobre aquilo que estava para além do ordinário.

O arranjo devocional montado ora na estante de louças, ora nos armários, como um oratório que encontrou permissão para entre o ordinário aninhar-se, carregava, no entanto, as marcas de um pertencimento étnico. Expressas na toalha bordada que envolvia o ícone de Cristo, numa peregrinação incansável pelo presente, tais signos reatualizam um pertencimento, qual uma chama reavivada pelas lembranças e marcas de identificação dos utensílios que o cercam.

As coisas sagradas ditas e manifestadas daquela maneira sussurravam e insinuavam o descortinamento de possíveis surpresas do fazer religioso em uma comunidade étnica que se cria tradicional. Assim, paradoxalmente, os sinais indicativos da existência de maneiras pluriformes do exercício do sagrado, expunham-se superdimensionados pela despreensão de um detalhe. Não é por acaso que Carlo Ginzburg (1989, p. 177) oferece uma nova perspectiva epistemológica de se construir um saber da História baseado na estruturação da narrativa aberta aos pormenores e às novas relações do indivíduo, o que amplia consideravelmente o enfoque que incide sobre o objeto de pesquisa, principalmente sobre os menores. Segundo ele, “se a realidade é opaca, existem zonas privilegiadas – sinais, indícios – que permitem decifrá-la”.

Figura 01 – Estante de utensílios domésticos.
Curitiba. Outubro de 2012.



Acervo do autor

Se cada imagem é um elemento discursivo, integrante de um texto construído para propor interpretações (GODOLPHIN, 1995), a imagem acima esconde um dizer. Com ou sem selo de pertencimento, outra vez as louças misturadas aos objetos de devoção, provocam curiosidades e vaticinam questões. Existiria uma razão, um porquê, um pretexto que explicasse o hábito de se misturar às louças de cozinha os objetos religiosos? Na busca de respostas, moradores das casas doa atuais ucranianos auxiliaram a dirimir a questão.

Muitas narrativas confirmam o quanto a fome marcou a vida de muitas famílias ucranianas imigradas, no contexto de chegada ao Brasil. Lembranças que acompanharam a infância e a juventude de muitos ucranianos, e que ainda ditam e normatizam os modos de se portar à mesa, tendo o cuidado de não desperdiçar o que esteja no prato. O medo de passar fome novamente faz com que as famílias ucranianas nutram respeito pela comida. A lembrança do passado ressignificou os costumes e as táticas de prevenção diante da probabilidade de possíveis carências que eles não querem mais passar.

Logo, é passível de se perceber que, nas experiências, estão as chaves do aprendizado que fazem prosperar manobras de sobrevivência diante dos desafios imaginados.

Misturar às louças e aos utensílios de cozinha os ícones de devoção foi pensado, movido pelo pavor que atentaram objetivos claros: evitar passar por necessidades, antes já vividas por pela maioria das famílias. E, nessa empreitada, verifica-se a gestação de um hábito-crença que, à medida que é aceito e absorvido, se torna passível de verificação em sua origem, como em suas maneiras plurais de utilização e conseqüentes significados dados pelas gerações que se sucedem. Por isso, compreende-se que, na atual historiografia, a noção de costumes e as suas adjetivações têm sido revistas e seus novos usos vêm produzindo efeitos sociais que merecem análises atentas. Desta feita, a invenção ou a feitura de certos costumes religiosos e sua aceitação merecem, na comunidade ucraniana, ser analisados tendo em vista o campo social de sua gestão, o contexto cultural de sua aceitação e as condições para uma possível divulgação ou descontinuidade.

Baralhar as louças com os objetos de devoção, em domicílios de famílias ucranianas e fazer disso um desejado hábito, faz pensar no aspecto funcional da invenção do costume, ou naquilo que Thompson, em seu livro *Costumes em comum*, definiu como “função racional do hábito”, que na Inglaterra do século XVIII, por vezes tinha força de lei (THOMPSON, 1998, p. 15). Se o tema central da obra de Thompson é a maneira como o povo inglês do século XVIII situava-se em um complexo de relações sociais, tradições e rituais que exprimiam uma cultura de resistência ou de acomodação ao novo, nos bairros em que famílias ucranianas habitam, igual esforço podia ser observado. Também lá, ao mesmo tempo em que, em certas circunstâncias, se identificava uma resistência às inovações, em nome de um apego aos costumes, por vezes, o novo surgia ou era inventado por eles mesmos sob a chancela da tolerância e da arte do possível. Ainda que o novo costume ganhasse vida, o seu uso lhe outorgava poder ser percebido,

assimilado e legitimado com mais largueza ainda que qual uma exceção ou um incômodo precedente no conjunto de regras.

O costume inventado de se pôr nas prateleiras de louças um ícone para afastar o mau agouro da fome, por mais que fosse um hábito novo, chegado a Curitiba nos anos 1960-1970, parece estar revestido com uma roupagem do ontem e forte carga emotiva que era referendada pelo tempo.

Ainda que o lugar dos ícones não fosse as prateleiras onde se assentavam as louças de cozinha, o fato de lá permanecerem sob a égide de algo sagrado, extrapolava o aspecto exótico capaz de causar um sorriso iridescente, para ser compreendido em suas razões. Fundamentada na ideia de que é preciso proteger-se do perigo da fome, o hábito de colocar ícones junto às louças difundiu uma crença popular com roupagem e valor étnico e devocional, já que, ao se falar da falta de alimento dos períodos de Guerra e do tempo de diáspora, queria-se enaltecer o acento religioso da comunidade e certo apego às devoções.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os lugares de acolhida e de permanência dos ucranianos em Curitiba são compreendidos pelos historiadores como marcos espaciais onde se mapeiam valores, cultura, costumes, crenças e modos de identificação de grupos de pessoas que chegaram à capital do Paraná motivados por sonhos e conquistas. Os atuais locais de enraizamento deixaram de ser apenas um espaço temporário para se mostrar uma referência de endereçamento perene, como também se constitui lugar em que as fontes para promissoras pesquisas descansam.

Os espaços domésticos, mais que pontos facilmente situados, convertem-se para a História das imigrações em um fator importante para a problematização acerca da capacidade de homens e mulheres se reinventarem e vencerem os obstáculos que a migração lhes impõe. Espaços então, são mais que coordenadas ou pontos de referência

geográficos; são locais em que o acontecer historiográfico ganha palco de atuação, arena para a exibição de suas narrativas.

A partir dos espaços onde se tecem as tramas e os enredos, intencionamos focar a vida no interior das casas dos ucranianos para verificar a pertinência das práticas religiosas na perspectiva de uma História mais acostada às realidades locais de uma cidade em pleno e contínuo desenvolvimento.

Atualmente, cada casa de família ucraniana não é apenas um lugar de retorno para onde se dirigem os que lá residem. Ela também é o lugar de trabalho, lugar da reza, lugar de se cozer e de se homenagear um passado; é espaço em que as lembranças acerca dos antepassados ganham acalantos e suspiros. É referência de memória e de identidade. Por isso, cada residência torna-se emblemática, memória viva, indício do acontecido. Em meio aos diversificados e inúmeros palcos em que a cidade de Curitiba acolhe seus habitantes, os ucranianos também fazem parte do acontecer da cidade, se somam a tantas outras manifestações da cultura humana e se aliam aos modos específicos de se postar frente à vida urbana.

O interior de toda casa parece ser sagrado. Nele só entram quem se convida. E quem transgride ao convite para nele adentrar, se torna um intruso, um estranho. Receber alguém em casa é confiar seus espaços a alguém de fora. Nas atuais casas dos ucranianos de Curitiba, ainda se recebem os amigos ou os que se identificam como étnicos. Juntos celebram, rememoram e celebram a vida, compartilham as dores e as adversidades do cotidiano. Junto com os moradores, as visitas tecem, por vezes, sem saber, o acontecer historiográfico que se desenrola independente da consciência. A História de cada família é então reatualizada em cada lembrança que as conversas são capazes de ressuscitar. O idioma, a culinária, a música, as práticas religiosas, a dança os trajes etc. encontram sentido e novos suspiros no imaginário presentificado pelo diálogo.

A vida urbana, contudo, trouxe também para as janelas das casas dos ucranianos as grades de ferro, as câmeras de vigilância com o propósito de assegurar o que e quem lá se resguarda. A insegurança,

o medo, as violências tornaram-se nota a ser levada a sério também para as famílias ucranianas estabelecidas em seus bairros de acolhida. Afinal, fechar as portas das casas quando sair, desde a Idade Média tornou-se hábito de civilidade e demonstração de prudência (LE GOFF, 1998, p. 69)

Com ou sem grades de proteção, com ou sem auxílio das câmeras de vigilância é no interior das casas que a vida das atuais famílias de ucranianos se remodela, se adequa e procura responder aos apelos da vida moderna da cidade. Se antes, o entardecer era capaz de reunir alguns para a reza do terço em frente à imagem ou ao ícone de Nossa Senhora, hoje um punhado de canais de TV católicos chamam para o cumprimento desse propósito. De toda forma, a reza é feita reforçando os laços do dever cristão, no cumprimento do exercício devocional, ainda que de vertente e tradição latina.

A atual historiografia compreende que os pequenos fazeres também compõem a tessitura da História, entende que pequenos gestos, exercícios de piedade e ações devocionais, por exemplo, auxiliam para que se descubra o lugar do homem e da mulher no mundo e sua relação com o sagrado.

A temática do sagrado há muito deixou de ser apenas objeto de estudo de teólogos. Avançou para o interior das Ciências Humanas porque nelas encontrou seus adeptos tão fieis como se fosse uma profissão de fé. Sociólogos, antropólogos, filósofos e historiadores encontram na temática do sagrado campo aberto e fértil para tecerem suas percepções sobre o modo humano de se viver e relacionar.

O campo da História também se sente atraída pela temática, buscando trazer do passado as razões, as raízes, os rastros da formulação, sistematização e compressão das diversas maneiras de se lidar com o Transcendente; outros buscam na mesma História as prerrogativas de negar ou duvidar da existência de Deus. Contudo, seja para afirmar ou negar, o campo da História com seus teóricos e metodologias de pesquisa se deixa usar para que investigadores e

professores bebam e se exercitem na curiosa oportunidade das redescobertas de si e dos outros, dentro ou fora de suas casas.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 2001.

ANDERSEN, Benedict R. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**. Artes de fazer. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

CHARTIER, Roger. **Inscriver e apagar**. Cultura escrita e literatura, séculos XVI-XVIII. São Paulo: Editora UNESP, 2007.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 1978.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais**: morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GODOLPHIN, N. A fotografia como recurso narrativo: problemas sobre apropriação da imagem enquanto mensagem antropológica. **Horizontes Antropológicos**, ano 1, n. 2, p. 161-185, jul./set. 1995.

LE GOFF, Jacques. **Por amor às cidades**: conversações com Jean Lebrun. São Paulo: Fundação Editora UNESP, 1998.

PRANDI, Reginaldo. Converter indivíduos, mudar culturas. **Tempo Social**. Revista de sociologia da USP, São Paulo, v. 20, n. 2, novembro 2008.

TAMANINI, P. A. **A prece ucraniana na prensa da cidade**: as renegociações das práticas religiosas ucranianas nos espaços da cidade de Curitiba a partir de 1960. Curitiba: Editora CRV, 2017.

THOMPSON, E. P. **Costumes comuns**. Estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

CAPÍTULO III

UCRANIANOS E SEUS DESCENDENTES EM PRUDENTÓPOLIS: RELIGIÃO, LÍNGUA E IDENTIDADE

Lourenço Resende da Costa

Prudentópolis, localizado na região sudeste do Estado, dentre os municípios paranaenses que registram a presença de descendentes de imigrantes eslavos, possui grande índice de habitantes que possuem ascendência ucraniana¹¹. A região¹² recebeu um grande número de pessoas com tal origem étnica na década de 1890, em um contexto de aumento do número de europeus que desembarcavam nos portos da República em busca de uma nova vida¹³. A chegada no Brasil de indivíduos oriundos da Ucrânia pode ser dividida em três fases, sendo a primeira delas no final do século XIX, justamente a leva imigratória da maioria dos indivíduos que foram instalados em terras prudentopolitanas (BORUSZENKO, 1969)¹⁴.

Na nova terra, os imigrantes construíram suas casas e iniciaram uma nova vida, ressignificando a cultura trazida da terra natal em face das relações com a sociedade receptora. Além disso, a identidade etnocultural ucraniana foi edificada em Prudentópolis no contraste com a sociedade anfitriã, bem como com imigrantes de outras origens,

¹¹ Prudentópolis faz limites com os municípios de Guarapuava, Inácio Martins, Irati, Imbituva, Guamiranga, Ivaí, Cândido de Abreu e Turvo. Fica distante cerca de 200 quilômetros de Curitiba, capital do Paraná.

¹² Prudentópolis, no final do século XIX e início do século XX, fazia parte do município de Guarapuava, a emancipação política ocorreu em 1906.

¹³ Prudentópolis, entre 1896 e 1897, recebeu cerca de cinco mil pessoas com origem ucraniana (COSTA, 2021, p. 17).

¹⁴ De acordo com Oksana Boruzenko (1969, p. 427-428), a segunda fase ocorreu após a Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e a terceira fase da chegada de imigrantes ucranianos ao Brasil se deu após o final da Segunda Guerra Mundial (1939-1945). No entanto, conforme ressaltado, para Prudentópolis a primeira leva no final do século XIX foi a mais significativa.

primeiramente com os poloneses que também chegaram em número significativo e com quem tinham conflitos de longa data em solo europeu (RAMOS, 2020; DAVIES, 2018).

No Brasil as interações dos ucranianos com quem não apresentava a mesma ascendência possibilitaram a construção de fronteiras identitárias, sejam elas traçadas a partir da língua, da religião, da alimentação ou de outros elementos culturais. A identidade cultural, conforme ressaltou Cuche (2002), é sempre estabelecida na interface com os indivíduos que não fazem parte do mesmo âmbito cultural.

Em Prudentópolis, nos primeiros tempos, esses imigrantes e suas famílias puderam formar comunidades em que a maioria das pessoas possuía ascendência ucraniana, dessa maneira formaram núcleos com certa coesão e assim puderam interagir com o espaço cultural e geográfico em que foram alocados (HAURESKO et al, 2015; HAURESKO et al, 2016). Em razão dessa concentração, o idioma utilizado era basicamente aquele trazido da Europa e o vernáculo nacional era quase desconhecido nessas colônias. Se nos primeiros anos isso não foi um problema, a partir dos anos 1920 o governo paranaense começou a fiscalizar as escolas étnicas com o objetivo de obrigar que o português fosse utilizado em tais estabelecimentos de ensino (RENK; MASCHIO, 2021)¹⁵. Mas, tais ações das autoridades paranaenses não foram realizadas de maneira sistemática e/ou incontornável: “Ante a ausência de escolas públicas nas colônias de imigração, os colonos tomavam a iniciativa de sua construção e manutenção, segundo seus interesses, até a década de 1930” (COSTA; RENK, 2021, p. 279-281).

Porém, com a subida de Vargas ao poder, sobretudo com o início do Estado Novo em 1937, a intransigência foi majorada e os esforços governamentais, tanto no contexto paranaense como na esfera nacional, foram grandes para que a língua portuguesa fosse utilizada

¹⁵ Importante frisar que as restrições linguísticas não se davam apenas em relação à língua ucraniana.

nas escolas, bem como em outras esferas da vida social (RENK, 2009; GUÉRIOS, 2012).

Portanto, nos 130 anos de presença ucraniana no Brasil¹⁶ e nos mais de 120 anos de presença desses imigrantes e seus descendentes no município de Prudentópolis, eles foram ressignificando sua cultura e edificando suas fronteiras etnoculturais em razão das interações com novos interlocutores e à medida que a língua portuguesa passava a ocupar mais espaço nas conversas cotidianas.

O objetivo nesse texto é discutir como a língua ucraniana, praticada pelos pioneiros e seus descendentes, ajudou a estabelecer fronteiras identitárias. O capítulo discute, portanto, como o idioma está presente na vida dos prudentopolitanos de origem ucraniana, tendo a Igreja Católica Ucraniana como grande responsável pela preservação linguística. Dessa maneira, o uso na liturgia, na imprensa editada pela Ordem Basiliense, bem como a utilização na escola e no catecismo, faz do vernáculo ucraniano um critério de autoidentificação e reconhecimento do diferente

Língua, religião e identidade

Os ucranianos que foram levados para a colônia Prudentópolis eram católicos¹⁷ e mesmo com a presença de padres na região, solicitaram que sacerdotes viessem da Ucrânia para o Brasil. Na colônia de Antonio Olyntho, poloneses e ucranianos dividiram igreja por determinado tempo, com celebrações presididas por sacerdotes de rito latino. Mas, após alguns conflitos, foi solicitada a vinda de padres da Ucrânia para atender a comunidade (ANDREAZZA, 1996, p. 86).

¹⁶ De acordo com a Representação Central Ucraniano-Brasileira: “Está documentada também a chegada de outras 8 famílias, num total de 32 pessoas, que em 1891 se estabeleceram na Colônia Santa Bárbara, no Município de Palmeira-PR”. Disponível em: <http://www.rcub.com.br/rcub/quem-somos/imigracao-ucraniana/>. Acesso em 16/04/2021.

¹⁷ Em Curitiba existe uma Eparquia Ortodoxa e uma Eparquia Católica Ucraniana (TAMANINI, 2017). Mas, em Prudentópolis não há registro de capela ucraniana ortodoxa.

Em 1897¹⁸ chegaram no país os primeiros religiosos da Ordem de São Basílio Magno (OSBM), no mesmo ano o padre Silvestre Kizema se dirigiu para a região do atual município de Prudentópolis (COSTA, 2021, p. 249).

Por que essa necessidade da vinda de sacerdotes ucranianos se os imigrantes em Prudentópolis eram católicos? Eles, mesmo católicos, seguem o rito oriental ou bizantino, ou seja, as celebrações litúrgicas são realizadas de maneira diferente. Os sacerdotes ucranianos, por exemplo, presidem a maior parte da missa de costas para a assembleia. A língua também é uma diferença, pois o idioma não é apenas uma maneira de transmissão do Evangelho, o vernáculo é parte do próprio rito. Sendo o idioma parte do próprio rito, realizar a celebração em português traz os inconvenientes de uma tradução: “A tradução não é apenas um desafio por conta do vocabulário, da inexistência de termos adequados na língua para a qual se traduz. A questão não é meramente gramatical, pois as pessoas “pensam” e verbalizam sentimentos na língua materna” (COSTA, 2021, p. 259).

A língua ucraniana, portanto, pode ser pensada não apenas como um meio de comunicação diária, o vernáculo trazido pelos imigrantes passa a ser reconhecido como uma característica de autoidentificação, bem como de reconhecimento do *outro*. No município, o idioma pode ser compreendido como etnorreligioso, uma vez que sua sobrevivência ao longo das últimas décadas está estreitamente ligada ao uso litúrgico (OGLIARI, 1999, p. 29). Portanto, língua e religião andam juntas quando se trata da relação que os descendentes possuem com essas duas características da cultura trazida para as terras brasileiras.

No entanto, mesmo a liturgia é cada vez mais invadida pelo português. As homilias são realizadas atualmente, na maioria das vezes, em vernáculo nacional e dependendo da comunidade ou do

¹⁸ Em 1896 chegaram no Brasil padres ucranianos Diocesanos, mas por pertencerem à uma Ordem não celibatária foram substituídos por padres Basilianos (MARINHUK, s/d, p. 03).

sacerdote que está presidindo a celebração, o ucraniano é mais ou menos usado (COSTA, 2021, p. 95).

No entanto, o fato das pessoas se comunicarem menos em ucraniano em razão do tempo que suas famílias estão radicadas no Brasil, não significa que a identidade está ameaçada, pois as fronteiras são móveis (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 2011, p. 154). Destarte, caso a língua deixe de ser um fator preponderante, outros aspectos podem ser reivindicados como símbolo de pertencimento, pois a identidade não é definida a partir de critérios fixos, essenciais ou de validade universal (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 2011, p. 163).

Além disso, conforme ressaltado, a identidade vai se manifestar ou ser reivindicada em face do diferente, do *outro*. Embora a Igreja Ucraniana tenha mantido o rito e juntamente com ele a língua, ela não é uma ilha e inevitavelmente se transforma no contexto brasileiro:

Nas igrejas e capelas greco-católicas brasileiras podem ser encontrados elementos religiosos das duas tradições: bizantina e latina. Atualmente, de um total de 230 igrejas e capelas, há pelo menos quatro dezenas de padroeiros (as) que são santos e santas da tradição latina. Isso significa que, mesmo fazendo esforço e apelo para proteger-se da cultura brasileira e do mundo religioso latino, não foi possível na sua totalidade, não conseguiram congelar as suas fronteiras culturais e religiosas nem manter-se isolados e segregados (HANICZ, 2013, p. 08).

A citação acima deixa claro que a Igreja Ucraniana se transformou e se adaptou na convivência com a tradição religiosa latina existente no Brasil. Justamente no estabelecimento desse contraste é que discussões acerca da identidade e do pertencimento surgem, pois do contrário tudo seria muito “natural”.

A criação do Instituto Secular das Catequistas do Sagrado Coração de Jesus (ISCSCJ) em 1940 é um exemplo das adaptações e das reações da Igreja Católica Ucraniana em Prudentópolis. O padre Cristóforo Myskiw, no contexto do Estado Novo, criou o Instituto das Catequistas. O objetivo central de uma instituição como essa é a

evangelização. Mas, devido ao momento da fundação e o modo de atuação das mulheres que fazem parte do Instituto, podemos aventar que era uma *tática*, na perspectiva de Michel de Certeau (1994, p. 46), às restrições linguísticas do governo Vargas.

O ISCSCJ foi fundado em Prudentópolis, mas não se restringiu ao município. As Catequistas atuam em outros municípios e no exterior. Além da sede no perímetro urbano, existem casas das catequistas em comunidades da zona rural. No país elas estão presentes em Ponta Grossa, Curitiba e Ivaiporã. No exterior há Catequistas na Argentina, no Paraguai e nos EUA (COSTA, 2021, p. 265).

Um livro editado sobre a vida e a obra do padre Cristóforo Myskiw explicita os objetivos do ISCSCJ e do trabalho das Catequistas: “Empenham-se em preservar o rito e a consciência de sua origem no seu meio interno e também no meio externo através do *ensino da língua e do canto*” (CRISTÓFORO, 2003, p. 48. Grifo meu)¹⁹. O Colégio Santa Olga é a sede do ISCSCJ em Prudentópolis, está localizado na Rua Marechal Floriano, esquina com a Rua São Josafat.

¹⁹ O nome completo do sacerdote é Cristóforo Gabriel Myskiw, de acordo com o esboço biográfico.

Imagem 1: Colégio Santa Olga²⁰



Fonte: O autor.

A imprensa em língua ucraniana no Brasil também esteve sempre ligada à Igreja Ucraniana. Dessa maneira, podemos perceber que o idioma escrito também pode ser pensado como um elemento usado pela Igreja para “conversar” com a “comunidade ucraniana” no país. A língua dos periódicos, conforme ressalta Renk (2009, p. 56), era um mecanismo de distinção identitária: “Mesmo nos contatos interétnicos essa língua não foi abandonada ou esquecida, mas sim adquiriu o status de elemento de distintividade étnica”.

Em Prudentópolis o jornal *Prácia* (Trabalho) é editado desde 1912 sob a coordenação dos padres da Ordem de São Basílio Magno e apenas no final dos anos 1990 passou a ser bilíngue - ucraniano-português - (PRADO; ANTUNES, 2016, p. 24), o que evidencia que era direcionado para um público específico: os imigrantes ucranianos e seus descendentes no Brasil. Mas, o periódico não fica restrito ao

²⁰ Na mesma esquina, mas com entrada na Rua São Josafat, está a Igreja Matriz Ucraniana de São Josafat de rito oriental. No capítulo de Nikolas Corrent, capítulo 6 do livro, há uma imagem da referida Igreja no endereço indicado.

município, edições do jornal são mandadas para outras cidades brasileiras, bem como para outros países (COSTENARO, 2013, p. 44).

Imagem 2: Tipografia – sede do jornal *Prácia*²¹



Fonte: O autor.

Embora a maioria dos indivíduos que chegaram no final do século XIX fosse camponesa, grupo social que não dominava a leitura e a escrita, isso não diminuiu os esforços da Igreja na criação e manutenção de imprensa própria em idioma ucraniano. Os materiais impressos com o alfabeto cirílico possuem caráter social e religioso e é mais uma tática na preservação da língua e na comunicação com os paroquianos.

Além do aspecto etnorreligioso, a língua ucraniana, devido ao longo período no contexto prudentopolitano, também pode ser considerada uma língua de herança:

²¹ A Tipografia está localizada na Rua Cândido de Abreu, no centro da cidade, e é sede do periódico *Prácia*. Pode-se ver, refletida na janela, a imagem do antigo Seminário São José que fica na frente da Tipografia. No oitavo capítulo do livro, Odinei Fabiano Ramos e Marcos Nestor Stein discutem a importância do jornal *Prácia* como fonte de estudo dos ucranianos e seus descendentes.

O conceito de língua de herança, portanto, como o próprio nome deixa transparecer em seu sentido habitual, refere-se à língua que o sujeito recebe de sua família justamente como uma herança imaterial, um patrimônio tão importante quanto uma herança material” (LOREGIAN-PENKAL; SMAHA, 2020, p. 131).

Os descendentes que nasceram em Prudentópolis, durante várias décadas, viveram em comunidades em que a maioria das pessoas possuía a mesma origem. Por essa razão, na década de 1990 e mesmo no início do século XXI foi possível identificar pessoas que tiveram como língua materna o ucraniano (COSTA, 2021; SIMIONATO, 2012).

Nesse contexto, quando os pais ensinam o filho a falar a língua trazida da Ucrânia pelos pioneiros o legado etnocultural é enorme e nesse sentido pode ser considerada uma língua de herança. Importante frisar que o idioma ucraniano praticado em Prudentópolis se desenvolveu de maneira diferente do desenvolvimento linguístico ocorrido na Ucrânia. Dessa maneira, o modo como se fala o idioma no município é distinto do contexto europeu (COSTA, 2021, p. 195).

De acordo com Simionato (2012, p. 41), no contato dos falantes do ucraniano com os falantes do português o surgimento de dificuldades de comunicação foi comum, tais problemas foram sendo sanados ao longo do tempo: “São novas palavras criadas para suprir uma necessidade imediata dos falantes da língua ucraniana (...) termos que nasceram do hibridismo das línguas portuguesa e ucraniana”.

Tabela 1: Palavras em língua portuguesa adaptadas para a língua ucraniana

NOMINATIVO	FORMA USADA PELOS UCRANIANOS EM PRUDENTÓPOLIS	GRAFIA UCRANIANO – PRONÚNCIA
Bolinha	Bolíńka	М'ячик - mnhiatchek
Fogão	Fogón	Піч - pitch
Potreiro	Potrêra	Пасовисько - pasoveshko
Moinho manual ou Mó	Jórna	Жорна - jorna
Carroça	karocca	Візок - vizok
No barranco	Ná barantczi	На березі – na berezi
Capim	Кapií	Трава - trava
Roçar	Foiçuvatê	Косити - kosete
Balé	Balét	Балет - balet
Sapatão	Sapatonê	Чиривики - tchereveke
Sala	Salha	Зала - zala
Roça	Rócê	Поля - polhia
Banana	Banano	Банан – banan
Na geladeira	Vgeladero	В холодильнико - vholodelhneko
Lá	tamka	Там - tam
Aqui	tutka	Тут – tut
Muito grande	Bem véleke	Дуже велики – duje véleke

Fonte: COSTA, 2019, p. 255.

A tabela acima traz algumas palavras que em diálogos entre descendentes de imigrantes ucranianos em Prudentópolis são usadas com frequência, são termos que mesclam as duas línguas. Os empecilhos de comunicação surgem quando os indivíduos não decodificam o mundo a partir do mesmo código linguístico. Nessa interação a língua pode ser reivindicada como símbolo da identidade.

A atuação da Igreja Católica Ucraniana também pode ser percebida na área educacional, mesmo no final do século XX e início do século XXI. Se nas primeiras décadas após a chegada dos

pioneiros, os imigrantes se organizaram e construíram suas escolas étnicas (COSTA; RENK, 2021), após a Constituição de 1988 e da expansão da oferta de educação básica a atuação de membros do clero pode ser constatada. Alguns sacerdotes foram homenageados com seus nomes dados à algumas escolas criadas a partir de meados da década de 1980, principalmente após a promulgação da Constituição vigente. Nesse quesito, podem ser citados três colégios: Colégio Estadual Padre José Orestes Preima, Colégio Estadual Padre Cristoforo Myskiv²² e Colégio Estadual Bispo Bom José Martenetz.

Mas, foi principalmente a atuação das freiras, Irmãs Servas de Maria Imaculada (ISMI), e das catequistas (ISCSCJ) que mais se destaca (COSTA, 2016). Freiras e Catequistas estiveram à frente de diversos colégios no município e foram grandes incentivadoras da disciplina de Língua Ucrâniana, sobretudo nos anos finais do Ensino Fundamental no caso dos colégios do Estado (sexto ao nono ano). Em 2019, os dois últimos estabelecimentos que ofertavam essa matéria na grade curricular tiveram que optar pelo inglês. Para o ano letivo de 2020 a Língua Inglesa passou a compor a grade dos colégios estaduais São João Batista e Imaculada Conceição (COSTA, 2021, p. 107).

Se a escola na Era Vargas foi um espaço de repressão linguística, no final do século XX passou a ser um local de exercício da língua ou ao menos uma tentativa de enfrentamento à diminuição de seu uso no cotidiano. Se tal objetivo não foi alcançado, podemos dizer, no entanto, que isso possibilitou que fronteiras identitárias fossem percebidas e/ou construídas, pois é em contato com quem não faz parte do grupo, conforme já citado, que a etnicidade aflora e pode ser identificada.

A escola, no século XXI, pode ser um espaço em que as diferenças culturais, sociais e étnicas podem ser observadas, pois os

²² O nome do sacerdote possui grafias diferentes conforme a fonte consultada. No esboço biográfico do sacerdote, texto editado pela Igreja, a escrita é “Myskiw”. O nome do colégio, no entanto, escreve “Myskiv”, conforme o site do estabelecimento. Disponível em: <http://www.pdtricrostforo.seed.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=18>. Acesso em: 24/04/2021.

discentes que vão até a escola levam consigo vivências familiares. Quando retornam para junto dos familiares o processo se inverte. Muitos jovens, principalmente que estudam em colégios da zona rural, moram na mesma casa ou muito próximos de avós que ainda falam a língua ucraniana.

Tabela 2: Uso do idioma ucraniano e ascendência ucraniana dos alunos dos colégios estaduais de Prudentópolis²³

	TOTAL DE ALUNOS CONSULTADOS	1*	2*	3*	4*	5*
C.E Prefeito Antônio Witchemichen	50	2	2	4	28	14
C.E do Campo Cristo Rei	34	4	13	8	7	2
C.E Capitão Domingos Vieira Lopes	40	1	1	5	27	6
C.E Imaculada Conceição	79	8	4	6	36	25
C.E Padre José Orestes Preima	96	23	41	12	20	0
C.E Bispo Dom José Martenetz	38	2	4	6	15	11
C.E Papanduva de Cima	51	0	3	0	22	26
Colégios da zona urbana	210	10	20	16	108	56
TOTAL	598	50	88	57	263	140

Fonte: COSTA, 2019, p. 256.

A tabela 2 traz dados que demonstram que o idioma ucraniano, apesar de mais de 120 anos de presença ucraniana em Prudentópolis, ainda é utilizado por diferentes gerações, inclusive entre adolescentes

²³ LEGENDA: *1: Fala e escreve um pouco em ucraniano; *2: Apenas fala em ucraniano; *3: Apenas entende ucraniano, mas não fala; *4: Entende muito pouco a língua ucraniana [palavras soltas]; *5: Nenhuma das alternativas anteriores, não é descendente de ucranianos.

que frequentam os estabelecimentos escolares nos “quatro cantos” do município²⁴.

Portanto, desde o final do século XIX até o início do século XXI, o vernáculo ucraniano, em maior ou menor grau, faz parte do cotidiano dos imigrantes e seus descendentes em Prudentópolis. No começo era o idioma materno e “natural”, mas aos poucos o português invadiu não apenas as esferas públicas como também muitas conversações privadas. Atualmente o vernáculo ucraniano pode ser considerado um elemento da identidade ucraniana em terras prudentopolitanas. Nesse ínterim, a língua ucraniana foi sempre um elo comunitário, tendo a Igreja como salvaguarda do idioma, tanto no campo religioso propriamente dito, como em relação à imprensa ou à atividade educacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os imigrantes ucranianos trouxeram para Prudentópolis uma cultura. A partir do momento em que esses indivíduos e suas famílias passaram a se relacionar com a sociedade receptora a percepção das diferenças ocorreu e os limites identitários foram sendo estabelecidos. Mas, os aspectos culturais, que na interação com o *outro* podem ser alçados à condição de elo identitário, não são iguais para todos os grupos e não são inalteráveis no transcorrer do tempo. Ao longo dos anos alguns fatores se fortalecem, novos surgem e alguns podem simplesmente desaparecer.

Para os descendentes de ucranianos em Prudentópolis, a língua pode ser assinalada como uma característica de definição da identidade etnocultural do grupo. Tal aspecto está intimamente ligado à sua história, à atuação da Igreja Ucraniana Católica, à imprensa em alfabeto cirílico e à escola.

²⁴ A coleta de dados da tabela 2 foi realizada nos colégios da zona rural e da zona urbana que possuem Ensino Médio, pois a consulta foi feita com estudantes desse nível. A pesquisa foi realizada entre 2016 e 2018.

As gerações mais jovens falam cada vez menos o ucraniano, mas nem por isso a língua perde sua importância como marco identitário. Em uma sociedade em que o vernáculo nacional está em todos os ambientes, falar em ucraniano, ainda que em circunstâncias determinadas, é um sinal de vinculação e de pertencimento ao grupo.

REFERÊNCIAS

ANDREAZZA, Maria Luiza. **Paraíso das delícias: estudo de um grupo imigrante ucraniano 1895-1995**. Curitiba, 1996. 412 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1996.

BORUSZENKO, Oksana. A imigração ucraniana no Paraná. *In: Anais do IV Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História: Colonização e migração*. São Paulo, 1969.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

COSTA, Lourenço Resende da. **Identidade e fronteiras étnicas: a prática da língua ucraniana em Prudentópolis – PR (1940-2018)**. São Paulo: Todas as Musas, 2021.

COSTA, Lourenço Resende da. **A prática da língua ucraniana em Prudentópolis, Paraná: preservação da identidade e das fronteiras étnicas (1940-2018)**. Curitiba, 2019. 263 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2019.

COSTA, Lourenço Resende da; RENK, Valquíria Elita. Educação e língua na reconstrução da identidade ucraniana (Prudentópolis, Paraná – séculos XX e XXI). *In: Revista Aedos*, Porto Alegre, v. 12, n. 27, março 2021. p. 276-304.

COSTA, Lourenço Resende da. O papel da escola e da Igreja na preservação da língua ucraniana em Prudentópolis. *In: PRADO, Anderson; ANTUNES, Jair; COSTA, Lourenço Resende da (Orgs). **Diversidade étnica e cultural no interior do Paraná.** São Leopoldo: OIKOS, 2016.*

COSTENARO, Eliane Crestiane Lupepsa. **Para a dona de casa:** comida e identidade entre descendentes de ucranianos em Prudentópolis, PR, 1963-1976. Irati, 2013. 135 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual do Centro-Oeste, Irati – PR, 2013.

CRISTÓFORO O portador de Cristo. Esboço biográfico do fundador do Instituto Secular das Catequistas do Sagrado Coração de Jesus. Prudentópolis, 2003

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais.** 2ª ed. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

DAVIES, Norman. Galícia: O Reino dos Nus e dos Famintos (1773-1918). *In: DAVIES, Norman. **Reinos desaparecidos:** história de uma Europa quase esquecida.* Lisboa: Edições 70, 2018.

GUÉRIOS, Paulo Renato. **A imigração ucraniana no Paraná:** memória, identidade e religião. Curitiba: Ed. UFPR, 2012.

HANICZ, Teodoro. Ucranianos greco-católicos no Paraná hibridismo, rito, religiosidade e outras misturas. *In: **Revista Brasileira de História das Religiões.** Maringá (PR) v. V, n.15, jan/2013.*

HAURESKO, Cecília et al. A relação entre a paisagem e o território ucraino-brasileiro no município de Prudentópolis, Paraná. *In: **Revista Ambiência,** Guarapuava-PR, v. 12; nº 4. Set/Dez, 2016. p. 995-1014.*

HAURESKO, Cecília et al. **Paisagens de Prudentópolis**: patrimônio natural, cultural e religioso no interior do Paraná. Guarapuava - PR: UNICENTRO, 2015.

LOREGIAN-PENKAL, Loremi; SMAHA, Edina. Ucraniano como língua de herança em Prudentópolis, Paraná. In: RAMOS, Odinei Fabiano; OLINTO, Beatriz Anselmo (Orgs). **Prudentópolis**: cultura, história e identidade. Guarapuava – PR: Ed. da UNICENTRO, 2020.

MARINHUKI, Pe. Mário. **Metropolia São João Batista do Rito Ucraniano Católico**. Disponível: <https://metropolia.org.br/wp-content/uploads/2015/03/3.7.6-Metropolia-Historia.pdf>. Acesso em: 18/04/2021.

OGLIARI, Marlene Maria. **As condições de resistência e vitalidade de uma língua minoritária no contexto sociolinguístico brasileiro**. Florianópolis, 1999. 536 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1999.

POUIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade**: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. 2ª ed. São Paulo: Ed. Unesp, 2011.

PRADO, Anderson; ANTUNES, Jair: A imprensa ucraniana no Brasil – do *Zoriá* ao *Prácia*: permanências e descontinuidades da cultura em Prudentópolis. In: PRADO, Anderson; ANTUNES, Jair; COSTA, Lourenço Resende da (Orgs). **Diversidade étnica e cultural no interior do Paraná**. São Leopoldo: OIKOS, 2016.

RAMOS, Odinei Fabiano. A vila, a colônia e o município: a organização do espaço prudentopolitano e os limites da integração étnica. In: **Revista X**, Curitiba-PR, v. 15, n. 6, 2020. p. 258-274.

RENK, Valquíria Elita. **Aprendi falar português na escola! O processo de nacionalização das escolas étnicas polonesas e**

ucranianas no Paraná. Curitiba, 2009. 243 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009.

RENK, Valquiria Elita; MASCHIO, Elaine Cátia F. A fiscalização estatal nas escolas de imigrantes no Paraná, nos anos de 1920. *In*: KOSS, Lucimara; SILVA, José Junio da; RESENDE, Lourenço Resende da (Orgs). **Faces do Paraná: (i)migrações, cultura e identidades.** Maceió-AL: Editora OLYVER, 2021.

SIMIONATO, Marta Maria. **O processo de alfabetização e a diáspora da língua materna na escola: um estudo em contexto de imigração ucraniana no sul do Brasil.** Florianópolis, 2012. 291 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

TAMANINI, Paulo Augusto. **A prece ucraniana na pressa da cidade:** as renegociações das práticas religiosas ucranianas nos espaços da cidade de Curitiba a partir de 1960. Curitiba: CRV, 2017.

CAPÍTULO IV

ICONOGRAFIA BIZANTINA NA COMUNIDADE UCRANIANA DO PARANÁ: HIEROFANIA E FRONTEIRAS ÉTNICAS

Jaqueline Ester Litvin

Lição

A luz da lamparina dançava frente ao ícone da Santíssima Trindade.
Paciente, a avó ensinava a prostrar-se em reverência,
persignar-se com três dedos e rezar em língua eslava.
De mãos postas, a menina fielmente repetia
palavras que ela ignorava, mas Deus entendia.

Helena Kolody²⁵

A iconografia bizantina constitui-se como elemento religioso e cultural da etnia ucraniana no Paraná, desde a chegada dos primeiros imigrantes no final do século XIX. Nesta oportunidade traz-se um pouco da história da iconografia bizantina e o seu significado enquanto hierofania, segundo Mircea Eliade (1992). Analisa-se o espaço do ícone na comunidade ucraniana paranaense e a iconografia bizantina - construção artística própria da tradição cristã oriental - enquanto elemento de etnicidade simbólica em Gans (1979) e fronteira étnica, segundo Fredrik Barth (1969). Utiliza-se a oralidade, muito valorizada pela História Cultural, juntamente de fontes bibliográficas, para as análises.

O interesse pela iconografia bizantina enquanto cultura cristã oriental e fonte histórica tem crescido nas últimas décadas aqui no Brasil. As maiores dificuldades de pesquisa encontram-se na escassez de obras traduzidas para línguas ocidentais. Na Europa, existe um número considerável de historiadores debruçados em centros de

²⁵ Helena Kolody (1912-2004) foi uma poetisa paranaense, descendente de imigrantes ucranianos.

pesquisa da área, como o *Centre for Byzantine Research of Aristotle University of Thessaloniki* (TAMANINI, 2018, p. 350).

Além deste grupo de pesquisadores, outros estudiosos destacam-se neste meio de pesquisa. Marie-José Mondzain – filósofa e escritora - com sua obra **Imagem, ícone, economia: As fontes bizantinas do imaginário contemporâneo** (2013). Georges Gharib, escreveu obras como **Le icone mariane: Storia e culto** (1988), **Icone di santi: Storia e culto** (1990), **Le icone di Cristo: Storia e culto** (1993) e **Le icone di Natale: Storia e culto** (1995). Christoph Schönborn dedicou-se ao estudo e ensino do Cristianismo bizantino e Esloveno e escreveu obras como **L'Icona di Cristo: Fondamenti Teologici** (2003). Egon Sendler - autor, professor, artista e teólogo - foi um dos maiores especialistas do mundo na pintura de ícones orientais e escreveu três livros sobre ícones: **L'icône: Image de l'Invisible** (1981), **Les icônes Byzantines de la Mère de Dieu** (1992) e **Les mystères du Christ: Icônes de la liturgie** (2001). Marko Ivan Rupnik é diretor do atelier de arte espiritual no Centro Aletti e escreveu livros como **A Arte Como Expressão da Vida Litúrgica** (2019) e **El arte de la vida: Lo cotidiano en la belleza** (2013). Algumas de suas obras importantes, foram construídas em parceria de Tomás Spidlik - grande especialista na espiritualidade do cristianismo oriental - como **La fede secondo le icone** (2000). Pode-se lembrar ainda de Paul Nikolaevich Evdokimov e sua obra **Le Christ dans la pensée russe** e **L'Art de l'icône: Théologie de la beauté** (1970), e Ir. Maria Donadeo, religiosa do Mosteiro de Uspenskij (mosteiro católico de rito bizantino), em Roma que escreveu obras como: **Os ícones: Imagens do invisível** (1996).

Aqui no Brasil, um pesquisador de referencial na área é Paulo Augusto Tamanini, doutor em história (2013), e que tem especialização em iconografia bizantina - na Grécia (2001), com pesquisas que unem a arte e cultura bizantina e a comunidade ucraniana no Brasil: **A iconografia bizantina do Período Medieval: percepções acerca das imagens religiosas para a pesquisa de História** (2018) e **A prece ucraniana na pressa da cidade: as**

renegociações das práticas religiosas ucranianas nos espaços da cidade de Curitiba a partir de 1960 (2017).

Iconografia Bizantina

Então, o que entende-se por ícone? Etimologicamente, “ícone” provém do termo grego “*eikón*”, que genericamente corresponde a “imagem”. “Na história da arte e também na linguagem comum, a palavra ícone é reservada a uma pintura, geralmente portátil, de gênero sagrado, executada sobre madeira com uma técnica particular, e segundo uma tradição transmitida pelos séculos” (DONADEO, 1996, p. 15). O ícone é considerado espelho do sagrado, lugar de encontro com Deus, arte em forma de oração.

A tradição da Igreja diz que os primeiros ícones foram escritos por São Lucas, representando a Mãe de Deus. Outra tradição acredita ser a *Aqueropita* – Sagrada Face não feita por mãos humanas – enviada por Cristo para o rei de Edessa, Abgar, como o primeiro ícone. Já os estudiosos de arte ligam o início da técnica com a “pintura encáustica, com a qual se faziam os retratos aplicados sobre as múmias egípcias ou os retratos dos imperadores romanos e bizantinos” (DONADEO, 1996, p. 68).

A arte bizantina aprimorou-se da herança de traços de outras culturas, como a egípcia, grega, romana e por fim eslava. Para tanto, relaciona a cultura visual, as percepções de mundo, a representação do sagrado, concepções de hegemonia e poder - arte, teologia e história da antiguidade e período medieval (TAMANINI, 2018).

Enquanto cultura visual, a iconografia soube ser visibilidade da invisibilidade: “Para poder contemplar um mundo radicalmente baseado na visibilidade, a partir da convicção da invisibilidade do que constitui sua essência e seu sentido, foi preciso produzir um pensamento que relacionasse o visível com o invisível” (MONDZAIN, 2013, p. 19).

Há no ícone um percurso histórico e teológico que converge na Palavra de Deus como imagem. Com a definição do dogma das duas

naturezas de Jesus Cristo – natureza humana e divina – no Concílio de Calcedônia (451), o ícone foi ganhando normas claras e impulso.

Desde o início observou-se como a iconografia destacou-se em seu papel de ensino da catequese e persuasão em relação à audição, graças a sua eficácia emocional e rapidez de compreensão.

Iconografia Bizantina como Hierofania

Eliade (1999) traz a complexidade do fenômeno do sagrado. Ele põe em evidência a oposição entre sagrado e profano. São estas dimensões possíveis do ser humano, duas modalidades de ser no mundo. Mas este conhecimento só é possível através do que ele chama de hierofania – o ato da manifestação do sagrado.

De acordo com Ouspenskij (1960, p. 10), “o ícone é uma das manifestações da tradição sagrada da Igreja do mesmo modo que a tradição escrita e a tradição oral”. No oriente, a arte sacra constitui-se profundamente teológica, uma vez que o ícone padronizou-se em relação à Tradição dos Santos Padres (DONANDEU, 1996, p. 45).

Na história das religiões, todas elas, das mais simples e primitivas, às mais complexas e elaboradas, possuem hierofanias – manifestações do sagrado. As hierofanias são realidades “de ordem diferente”, não fazem parte do mundo profano. Na experiência religiosa, a matéria pode manifestar-se como o sagrado. Se a manifestação acontece através de um objeto, este pode não mudar de matéria visivelmente, mas já não é mais matéria, é o sagrado. E ao mesmo tempo continua a ser o próprio objeto, porque continua no meio natural, cósmico. O ícone não é venerado por ser um ícone, um pedaço de madeira, cores, traços, mas por manifestar o sagrado.

Segundo Eliade (1999, p. 14), o sagrado constitui a realidade por excelência, está saturado de ser, nele está o Todo-Poderoso. Por isso, o homem religioso deseja estar o maior tempo possível nesta presença, participar desta realidade, ser em plenitude.

Existe um processo de construção de um tal espaço ou objeto para que tal espaço ou objeto tornem-se diferentes do espaço profano

ao seu redor. Neste caso, vamos explicar o processo de construção e escrita do ícone, de acordo com aspectos mais difundidos da tradição bizantina. É um longo processo que exige espiritualidade, conhecimento artístico, teológico e histórico, e experiência artesanal.

De acordo com a tradição, para tornar-se iconógrafo era necessário muito mais que habilidade ou conhecimento, “deve ter um preparo espiritual e permanecer em contato com a Igreja, que não só o abençoa, mas o orienta em seu trabalho” (DONADEO, 1996, p. 42). No passado, o iconógrafo era sobretudo o monge, figura ideal – cuja vida deveria ser um testemunho de santidade. Hoje, muitos iconógrafos preparam-se para a escrita de um ícone através de orações próprias, retiros e jejuns, o que demonstra o respeito para com um trabalho que em sua totalidade e resultado, torna-se a possibilidade do que Eliade chama de hierofania.

Para início do processo manual, segundo Donadeo (1996, p. 47-51), é necessário todo um preparo da madeira, que deve ser resistente e bem seca. É necessária uma camada de cola, sobre a qual, em seguida é fixada uma tela. Depois disso são aplicadas as camadas de *levka*, nome que é dado ao fundo branco do ícone. A *levka* pode ser preparada, segundo Donadeo (1996, p. 47) através da mistura de cola forte de coelho e pó de pedra branca que são pinceladas em várias camadas sobre a madeira²⁶. Com a última camada de *levka* já bem seca, lixa-se até que a superfície torne-se uniforme, dura e branca. Já com um modelo de ícone preparado, o iconógrafo repassa-o à madeira com a ajuda de lápis ou pincel. Com os traços já repassados, “temos a douração: cobre-se a superfície a ser dourada (auréolas ou o fundo) com um extrato líquido de ocre amarelada ou vermelha. Em seguida, enverniza-se; sobre esse verniz, estando um pouco seco, mas ainda pegajoso, aplicam-se folhas de ouro. Deixa-se secar e aplica-se novo

²⁶ Existem variações da técnica de preparo da *levka*, uma delas é a mistura da cola fraca aquecida com gesso e óleo de linhaça; há quem utilize simplesmente gesso ou massa acrílica.

verniz (...).” (DONADEO, 1996, p. 48)²⁷. Terminada a douração, as partes restantes do desenho do ícone são recobertas de cores. Estas são preparadas a partir de uma emulsão: gema de ovo, vinagre ou cerveja clara, um pouco de água e pigmentos da cor que se deseja. Muitas camadas de tinta seguem-se e as tonalidades vão clareando com o processo. Os efeitos de luz, um após o outro demonstram que a luz vem de dentro, como que refletindo a alma, a profundidade do sagrado que penetra naquele que o contempla, e eleva-o à oração. “Não se trata de reproduzir a natureza, mas de dar uma imagem transfigurada pela interioridade espiritual, de acordo com os cânones antigos” (DONADEO, 1996, p. 50). Com o término dos infinitos detalhes, é hora de dar uma cor ao fundo, fazer as inscrições que dão nome ao ícone e deixar secar por alguns dias. A tradição ainda ensina a aplicar várias camadas de *olifa*: “um óleo de linho cozido, acrescido com cristais de acetato de cobalto, que se deixa descolocar mediante a exposição ao sol em uma garrafa de vidro transparente” (DONADEO, 1996, p. 50-51), para proteger do pó e por fim, passa-se um verniz transparente. E assim, o ícone bem feito poderá atravessar os séculos.

De acordo com Donadeo (1996, p. 123), a bênção dos ícones não é um ritual tão antigo, já que houve protestos contra, partindo de monges do XVIII, por acreditarem que os ícones já são santificados por serem representação da divindade. Mesmo assim, hoje, utiliza-se a bênção e esta é rica em significados. E assim, encerra-se o processo de transformação do profano em sagrado, na elaboração da iconografia bizantina.

Donadeo (1996, p. 49) lembra que todos os elementos utilizados na escrita do ícone são de origem animal, vegetal e mineral, desta forma percebe-se o processo em que o cosmos diviniza-se, extrai-se do profano os instrumentos de manifestação do sagrado. Além disso, Eliade (1999, p. 16) nos lembra que as formas primordiais de culto relacionam-se com a descoberta dos elementos da terra, da

²⁷ Hoje, alguns artistas utilizam camadas de goma-laca, seguidas de mordente, para a fixação do ouro.

agricultura; já depois da dominação da caça e pesca – participação de uma sacralidade cósmica. Enquanto o homem religioso moderno, busca a sacralização porque provém de um cosmos dessacralizado.

Iconografia e a imigração ucraniana

As primeiras grandes levas de imigrantes rutenos²⁸ para o Brasil se deu nos últimos anos do século XIX. Depois disso, a imigração continuou principalmente nos períodos após a Primeira e Segunda Guerra Mundial. Os rutenos, manifestavam a religiosidade através da fé cristã de rito oriental²⁹. O cristianismo expandiu-se até o século IV, mesmo que na clandestinidade, por grandes centros do Império Romano, entre eles, Bizâncio, região grega. A partir do século IV, o cristianismo torna-se religião oficial do Império e “recebe então um acelerado impulso no que tange à sua organização como instituição e à centralidade de suas estruturas” (SCHILLER, 2018, p. 22). Desta forma, a fé cristã é promovida, regulamentada, institucionalizada. As igrejas são construídas e a arte sacra vai

²⁸ Em algum momento entre a chegada dos rutenos no Brasil e o ano de 1924, os “rutenos” passaram assim a chamar a si próprios de “ucranianos”. O que significa, contudo, essa mudança de nome? “Rutenos” (...), foi o nome atribuído pelas autoridades do Império Áustro-Húngaro aos camponeses da Província da Galícia que falavam uma língua própria e pertenciam em sua grande maioria à religião uniatista Greco-Católica. Constituíam assim o que em geral se chama um grupo “étnico”, um grupo que partilha traços culturais diversos mas não tem um Estado independente e não se constitui a partir de um projeto “nacional”. Já os “ucranianos” são um grupo “nacional”, ou seja, uma “nação” de pessoas que se veem como compartilhando os mesmos traços culturais, que se identificam com um território próprio – no caso, a Ucrânia – e que buscam ter o domínio independente deste território. Entre os “rutenos” e os “ucranianos”, a diferença é assim uma diferença de “consciência nacional”, ou seja, uma consciência de si mediada pela concepção de nação, que gera uma identificação entre uma pessoa e sua “pátria”. (GUÉRIOS, 2012, p. 178).

²⁹ Os ritos ou “Igrejas Orientais”, correspondem às Igrejas cristãs que “se desenvolveram no antigo Império Romano do Oriente ou que originaram-se como frutos da ação missionária de cristãos procedentes do Império do Oriente, como é o caso das nações eslavas” (SCHILLER, 2018, p. 23)

tomando novas formas e legando tradição, de acordo com a cultura de cada região.

Em 988, o Príncipe Volodymyr, o Grande, tornou o cristianismo religião oficial da Rus` de Kyiv³⁰ (SZEWCW, 1988, p. 40). Dada a influência religiosa e política de Constantinopla para com a Rus', os ucranianos herdaram a tradição cristã grega, proveniente da antiga Bizâncio - seu rito, sua arquitetura e sua arte sacra. Uma vez que a cultura é profundamente influenciável na constituição das manifestações religiosas e está em um dinamismo constante, o rito bizantino herdado aos ucranianos, no decorrer dos séculos ganhou algum estilo próprio, como a adaptação da liturgia à língua vernácula eslava e o acréscimo de novas devoções, sem deixar de respeitar a originalidade do rito.

O fenômeno da imigração ucraniana para o Brasil a partir do fim do século XIX significou a reelaboração da cultura e religiosidade do povo a partir do novo contexto social para o qual ingressaram. “A identidade é relativa, está em constante re-elaboração e não é uma só, senão múltipla construindo-se, na medida que se articula em diferentes espaços” (MONTEIRO, 2004, p. 128).

Apesar dessa conseqüente reelaboração, Tereza Kortchovei (66), natural de Prudentópolis – PR conta que os primeiros imigrantes trouxeram escondidos objetos sacros, em especial ícones na viagem para o Brasil: “minha bisavó trouxe ícones escondidos na viagem, porque eu lembro que a vó mostrava esses ícones antigos. Um ícone dessa época que me lembro e que a avó zelava muito era de Nossa Senhora amamentando Jesus. Muita gente trazia escondido dentro da *perena*³¹.”

Os imigrantes ucranianos que chegaram ao Paraná sentiram o preconceito cultural e religioso e a dificuldade de convivência com outros povos. Houve problemas com não-diferenciação religiosa entre ucranianos e poloneses. Além da língua diferente, os ucranianos

³⁰ Rus' de Kyiv deu origem à atual Ucrânia.

³¹ Típica coberta de penas, utilizada pelos imigrantes.

pertenciam ao rito bizantino e por isso “os ucranianos negavam-se a frequentar as igrejas católicas-latinas e muitos deles acabaram por afastar-se da religião, dando origem a desvios de conduta” (LAROCCA JÚNIOR, 2008, p. 29). Este problema reduziu-se com o tempo, com a organização das comunidades e da hierarquia da Igreja.

Segundo Ianni (1987: 181 apud LAROCCA JÚNIOR, 2008: 32) o preconceito para com os eslavos no Paraná aumentou com a urbanização, a partir da qual, houve a necessidade de ampla alfabetização do povo ucraniano. Em 1911, alguém escreveu em Dorizon um bilhete em língua ucraniana:

“(...) os mais ignorantes aqui no Brasil somos nós, rutenos-ucraínos. Para outros povos, nós somos animais de carga pesada. (...) Nada mais temos aqui, só em nossos filhos, nosso futuro e esperança. Não permitamos que eles pereçam entre os inimigos e evitemos que a escuridão do analfabetismo os domine”. (HORBATIUK, 1989, p. 316, apud LAROCCA JÚNIOR, 2008, p. 32)

De acordo com Larocca Júnior (2008, p. 32-33), a partir dos anos de 1960 e 1970, com a crise dos diversos modernismos – da arte, da economia e da política – e com a progressiva absorção de conceitos multiétnicos, facilitou-se a valorização da multiplicidade cultural e a superação dos preconceitos para com os povos eslavos. Assim, surgiu campo propício para o resgate da tradição.

Espaço sagrado ucraniano – lugar do ícone

O espaço sagrado ucraniano por excelência é o santuário, a igreja, a casa de Deus. Uma das primeiras construções surgidas nas nascentes comunidades no Brasil foram as capelas e em torno delas, crescia o núcleo imigrante. Geralmente planejadas, mesmo em sua simplicidade inicial, em lugares altos, de destaque. Com a melhoria das condições sociais das comunidades, as capelas improvisadas foram sendo substituídas por construções mais elaboradas, já tipicamente orientais, com sua arquitetura em forma de cruz e com o *ikonostás* (iconóstase) – parede de ícones que separa o espaço da neve

dos fiéis e o santuário (Santo dos Santos). “A tradição oriental dispõe de significados específicos na ornamentação da igreja, de maneira incompatível com a disposição ocidental. Estátuas, por exemplo, são entendidas como heresia; os rutenos cultuam ícones.” (ANDREAZZA, 1999, p. 87).

Segundo Miranda (2005), houve uma mudança de estilo original das primeiras igrejas de rito oriental com o passar do tempo, que aconteceu por causa das precárias condições do imigrante, por um processo de acomodação e absorção de características do rito latino, de acordo com o relato de Dom Efraim Basílio Krevey:

(...) o iconóstase, embora estivesse presente nas igrejas locais mais antigas, gradualmente desapareceu. Nessa trajetória, características das igrejas católicas romanas foram também absorvidas, e as igrejas bizantinas mais recentes tornaram-se quase irreconhecíveis dada a adoção de naves alongadas e ausência dos signos que conferem sua identidade e remetem à sua origem oriental. A imigração para o continente americano provocou, ao longo do século XX, a conformação, a simplificação e a descaracterização da concepção e da fatura das igrejas, como decorrência das precárias condições locais e da escassez de recursos materiais e mão-de-obra habilitada. Num primeiro momento, a persistência de vínculos com a cultura de origem se manifesta no rigor e na aplicação atenta das normas características das construções religiosas, o que permitiu um certo grau de pureza na transposição da arte bizantina. Com a passagem do tempo, contudo, os vínculos se afrouxaram e houve uma visível perda das qualidades construtivas e artísticas iniciais. (MIRANDA, 2005, p. 14).

A iconografia bizantina neste período é escassa, resume-se ao que os imigrantes trouxeram com muito custo e muitas vezes escondido na viagem ao Brasil. Como diz Dom Efraim, não há mão-de-obra habilitada, ou seja, artistas, iconocopistas, iconógrafos habilitados no Brasil e muito menos recursos materiais como ouro ou pigmentos para a escrita da arte sacra. Com a melhoria de condições, algumas comunidades tiveram condições de trazer artistas do exterior para o Brasil ou importar ícones de outros países, um exemplo disso foi a comunidade de Prudentópolis, que mandaram trazê-los da cidade

de Munchen, Alemanha (KUPICKI, 2014, s/p.). Outro exemplo foi a comunidade ucraniana de Antonio Olinto: “Depois de instituir a padroeira da igreja, Michalczuk encomendou um ícone junto à Academia de Belas Artes de Cracóvia” (ANDREAZZA, 1999, p. 123). Em Ivaí, a Ir. Regina Opuchkevitch, SMI, conta: “na nossa capela, no Noviciado, quem fez os ícones foi uma Serva de Maria Imaculada da Polônia, Irmã Basília, ela já é falecida, foi a pedido nosso”. As comunidades que não tinham condições para tanto, na improvisação, passaram a utilizar das expressões artísticas disponíveis em terras brasileiras, como pinturas sacras de rito latino e as imagens (esculturas).

No estudo da vida cotidiana dos descendentes de ucranianos em Prudentópolis, Guérios demonstra que a “percepção do tempo foi construída a partir do calendário religioso” (GUERIOS, 2012, p. 245). As festas religiosas e as atividades cotidianas estavam interligadas num ciclo que se repetia todo ano. O espaço litúrgico e sagrado por excelência estava na igreja, mas essa religiosidade tinha suas extensões no cotidiano.

Houve, assim, uma sacralização do território não apenas no erigir das cruzes, mas na própria construção das hatas - casas dos imigrantes. A escolha do local para essa construção, longe de ser aleatória, seguia princípios relacionados com uma visão mágica de mundo. E mais, para os imigrantes, a própria edificação também tinha uma relação direta com o próprio Cosmos. Assim, o leste era entendido como o local privilegiado; aí nasce o sol. Na face leste da casa ficava, portanto, o aposento principal, onde eram colocados os ícones. (ANDREAZZA, 1999, p. 174).

Na casa ucraniana, um dos espaços mais sagrados - o aposento principal de que fala Andreazza - era a sala, espaço do ícone e de muitas outras manifestações de fé, cultura e história. Nos primeiros lares, a sala era talvez um pouco acanhada, ou mesmo junto ao dormitório comum, pela humildade das extensões. Com o tempo, a sala foi crescendo e ganhando destaque. Um ambiente de sensibilidade para com o âmagô do imigrante, sua religiosidade, suas conquistas,

seus valores. Como diz Larocca Júnior (2008, p.107), a sala é um espaço *sui generis*.

A sala constitui o espaço privilegiado de encontro com o sagrado – o espaço para uma mesa, a Bíblia, a cruz, flores, ícones, quadros e imagens, bordados, fotografias de família, belas samambaias e outras plantas em vasos, certificados, lembranças de batismo ou dos movimentos da Igreja. É o espaço do terço, do “*moleben*”, da novena, de receber o padre, de fazer o pinheiro e o presépio, de receber os *kolhadnyky*³², de colocar a capelinha, de fazer o aniversário, de dar o último adeus aos familiares falecidos, já que os velórios aconteciam (e em alguns lugares ainda acontece) nas próprias casas, na própria sala. Com o tempo, acrescentou-se o rádio, o sofá, a TV, muitas vezes a máquina de costura, mas o santuário sempre intocável. A sala reflete o exercício de religiosidade e o museu familiar, espaço de celebração, memória e respeito (LAROCCA JÚNIOR, 2008, p. 108). A sala, portanto, é espaço de representação do sagrado na casa dos imigrantes e seus descendentes, assim como espaço do ícone, como extensão do espaço sagrado da igreja.

O ícone bizantino tinha várias funções na casa ucraniana. Antes dos imigrantes terem condições de ter uma sala, os ícones ficavam junto de suas camas, onde toda a família dormia:

“O temor noturno - de perigos reais e imaginários - nas sociedades do passado tem sido apontado como uma das causas da concentração de pessoas num mesmo aposento. E, é possível que a presença do altar dos ícones no quarto em que a família pioneira dormia, signifique uma solução que a cultura camponesa rutena tenha dado ao problema. (ANDREAZZA, 1999, p. 178 - 179).

Além de simbolizarem proteção, os ícones faziam parte do ritual de concepção de um novo casal, uma nova família – o noivado: “(...) antes dos festejos os noivos eram acolhidos pelos pais com vinho e pão e abençoados com os ícones.” (ANDREAZZA, 1999, p. 169). O

³² Grupo de cantores natalinos, que entoam de casa em casa dos descendentes de ucranianos sua mensagem de Boa Nova.

ícone tinha ainda, um sentido certo, uma parede certa para ser colocado, sempre direcionados para o leste, o nascer, o oriente. “Na parede do cômodo mais amplo, estavam dispostos os ícones, sempre fixados acima de uma mesa. Principal local da casa, portanto voltado para o leste. Por isso mesmo, neste aposento, eram recebidas as visitas de cerimônia, selados os acordos matrimoniais e os moradores eram abençoados pelo padre no Jordan” (ANDREAZZA, 1999, p. 178).

Um dado interessante, é a concepção de família trazida em um exemplo por Andrezza, em que os ícones são mencionados como membros: “Uma família que tinha, como se buscou evidenciar, uma conotação muito ampla: pai, mãe, filhos, noras, vizinhos, padrinhos; vivos, mortos, entidades imaginárias do bem e do mal e ícones de santos” (ANDREAZZA, 1999, p. 254).

Podemos perceber que, mesmo em situações de pobreza e necessidades que passaram os imigrantes, o espaço sagrado e a presença do ícone sempre foi indispensável. É parte da identidade étnica e manifestação de fé, é hierofania (ELIADE, 1999). Mas é necessário um diálogo da historiografia com a teologia para haver empatia. “A expressão religiosa, escrita ou falada, esculpida ou pintada, é uma linguagem da transcendência; mesmo misturada à imanência da vida cotidiana, ela teima em manter sua irreduzível especificidade” (BENATTE e CAMPIGOTO, 2013, *apud* RELIGIÃO, 2013, p. 20). Os efeitos da religião extrapolam o terreno puramente religioso e envolve-se nas relações familiares, na política, no trabalho, na educação, nas amizades – na vida cotidiana.

A iconografia como fronteira étnica ucraniana – geração de iconógrafos

Mesmo com o processo de aculturação e re-elaboração da cultura e religiosidade nas comunidades ucranianas do Paraná desde o fenômeno da imigração, nas últimas décadas do século XX e início do século XXI, houve um despertar de interesse pela iconografia bizantina por descendentes de ucranianos e pessoas da comunidade.

“A absorção das identidades étnicas em uma categoria única de “americanos” não se produziu” como acreditava o sociólogo estadunidense Talcott Parsons (POUTIGNAT, 2011, p. 70).

Com a metodologia da história oral, através da entrevista individual, técnica qualitativa que explora um assunto a partir da busca de informações, percepções e experiências de informantes para analisá-las e apresentá-las de forma estruturada (DUARTE, 2009, p. 62), teve-se o contato com alguns dos iconógrafos da comunidade ucraniana que tiveram sua formação a partir do final da década de 1980 até a segunda década do século XXI.

Thompson (2002, p. 334) nos diz que “a história oral devolve a história às pessoas em suas próprias palavras. E ao lhes dar um passado, ajuda-as também a caminhar para um futuro construído por elas mesmas”. Desta forma, proporciona uma legitimação das lembranças individuais que podem ser incorporadas à estrutura de interpretação da sociedade, da história como um todo.

Padre José Ratuchnei, OSBM (63), graduado em Teologia e Filosofia, natural do interior de Guarapuava – PR, conta que foi para a Itália no ano 1989, para estudar Espiritualidade e Iconografia:

Primeiramente na Faculdade Pontifício Instituto Orientale. Também em outros lugares. O artista precisa ser uma pessoa de oração, antes se purificar para primeiro ver nas pessoas que ama, pela graça do Batismo e na Adoração Eucarística, como vemos na Transfiguração. A Ícone transmite a beleza da imagem da pessoa humana purificada, incorruptível, sobrenatural. A Ícone é fruto da meditação em unidade, obediência, com a tradição de Igreja, teologia. Com os olhos fechados não pode ver a luz natural, a Ícone transmite uma Luz que se vê com os olhos da fé. A Luz incriada que revela o coração, a Alma invisível, o mundo interior, a pureza, beleza da Alma, num outro espaço e perspectiva. O Espírito Santo, transmite o Amor de Deus, a Imagem de Cristo que santifica e ilumina a pessoa.

Neste caso, percebe-se que houve a possibilidade de um membro de uma Instituição Religiosa da Igreja Católica – a Ordem de São Basílio Magno – de viajar ao exterior no final da década de 1980

para estudar iconografia bizantina. O que seria difícil para alguém do interior naquela época. Mas sua prioridade de trabalho não é a própria iconografia, mas o ofício e vocação do sacerdócio: “Como Sacerdote, em primeiro lugar estão as funções sacerdotais, que ocupo a maioria do tempo, dificuldade de tempo para a iconografia”.

O jovem artista, Eduardo Mourov (31), Mestre em História pela UFPR (2020), natural de Prudentópolis – PR, teve toda sua formação na área da iconografia bizantina a partir de 2013:

Teologia ortodoxa com ênfase em iconografia no Instituto Ortodoxo de Santa Sophia em New Jersey- USA (2013) e um curso de mosaico bizantina no Instituto de mosaicos de Chicago- USA (2013). Além de outros cursos de pequena duração na Grécia e leste europeu. A iconografia para mim é muito mais que uma manifestação artística, é uma forma muito peculiar de espiritualidade encontrada no seio da igreja cristã oriental. (...) Acredito que foi pelo mistério e a espiritualidade suscitada pelos ícones, bem como, pela minha tendência/talento para a arte. Fiz inúmeros cursos dentro e fora do país nas áreas de tempera, mosaico e encaústica. Nunca encontrei o conhecimento em um só local: em alguns aprendi a teoria e em outros prática. Me dedico profissionalmente a iconografia, escrevendo ícones, bem como, lecionando. Acredito que seja as dificuldades sejam a falta de materiais próprios para iconografia no mercado brasileiro. A obra que realizei e que mais me impactou foi um mosaico de São Valdomiro Magno feito todo em mosaico veneziano, levei três anos para concluir. Sou eclético, mas, o que mais predomina nas minhas obras é o estilo da escola cretense e da eslava. O estilo predominante nas igrejas ucranianas no Brasil é o estilo realista russo da primeira parte do séc. XIX. Gosto muito dos iconógrafos históricos com Rublev e Teófanos o Grego. Apesar da iconografia ser parte inerente a cultura da igreja cristã oriental, no Brasil o interesse se tornou popular dentro de nossas comunidades ucranianas há pouco tempo. Até então, acredito que as nuances culturais/folclóricas eram mais importantes e prestigiadas. Acredito que é um elemento muito representativo para a espiritualidade e a identidade cristã oriental.

Eduardo ainda cita a presença do “canto santo”, que remete ao espaço sagrado eslavo: “O meu primeiro contato com ícones foi ainda na infância enquanto admirava os ícones do “canto santo” da casa da minha avó. Isso se intensificou quando comecei a frequentar a igreja conscientemente e admirar os ícones expostos na igreja”.

Por fim, o sr. Moisés Viana (58), natural de Palmas – PR, que não é descendente de ucranianos mas atua na comunidade, é artista plástico e iconógrafo desde 2009, quando aperfeiçoou suas técnicas com a Irmã Veronica Nogas, SMI, no restauro da Igreja São Miguel Arcanjo, de Serra do Tigre – Mallet-PR.

Ícone é uma representação religiosa sagrada para os cristãos, que evangeliza e nos fortalece na oração. São escritos em madeira, mas também podem ser escritos em murais nas paredes, mosaicos e em tela sobre painel. Foi no ano de 2009 que conheci o Bispo Dom Daniel, e o padre Mario Carlos Lazoski, que me contrataram para escrever ícones para a igreja São Basílio Magno e Santíssima Trindade de União da Vitória, a partir desse momento que me interessei por iconografia. Comecei a pintar em tela e desenhar quando tinha 15 anos, estudei pintura com artistas plásticos que moravam em nossa cidade, aprendi várias técnicas. Morei em São Paulo onde fiz alguns cursos, onde vendi vários quadros. Na iconografia comecei sozinho, pois já tinha feito pinturas sacras em várias igrejas latinas, mais tarde conheci a irmã Verônica, e trabalhamos juntos na restauração da igreja São Miguel Arcanjo (Dorizon, município de Mallet), com ela aperfeiçoei a técnica da ícone. É muito importante para mim no meu trabalho e na minha vida espiritual. Não tenho dificuldade em trabalhar com iconografia, porque a inspiração vem do Espírito Santo, ele que conduz nosso trabalho. Nunca contei, mas foram muitas obras em 12 anos de trabalho com a iconografia. São todos muito importantes e fazem parte das igrejas ucranianas, alguns trabalhos encontramos um grau de dificuldade maior, principalmente quando trabalhos em andaimes. Existe estilos em painéis, mosaicos e afrescos em paredes, alguns estilos antigos e alguns contemporâneos. Prefiro seguir estilos mais antigos do ícone bizantino e não estilizados como são os contemporâneos, mas tudo isso depende da decisão de nossos bispos e dos padres. O estilo predominante nas igrejas ucranianas é a iconografia bizantina. Gosto e admiro muitos artistas desde o Renascimento até os modernos. Na iconografia, admiro os trabalhos da irmã Verônica e irmã Silvia, todos

inspirados pelo Espírito Santo. O papel é evangelizar, preservar e fortalecer a fé da comunidade ucraniana no Brasil. É uma arte muito importante, porque mantém viva, a memória, a cultura ucraniana e a fé da comunidade em Jesus Cristo.

Diferentemente de Eduardo, Moisés teve seu primeiro contato com a iconografia no espaço sagrado da igreja: “foi na igreja São Basílio Magno de União da Vitória – PR no ano de 1975”.

Segundo Eriksen, a cultura é simultaneamente um aspecto da interação concreta e o contexto de significação dessa mesma interação; ela é posta em movimento nas relações humanas como a condição que torna essas mesmas relações significativas (POUTIGNAT, 2011, p. 110). No exemplo de Moisés, percebemos que a relação que ele teve desde muito jovem com a arte, e a oportunidade de trabalho na comunidade ucraniana levou-o a interessar-se pela iconografia bizantina, a interagir e construir significados dentro da comunidade ucraniana, mesmo originalmente não pertencendo a ela. A iconografia torna-se um conhecimento e técnica de interesse em comum, que extrapola as barreiras étnicas.

De acordo com os informantes, todos tiveram a oportunidade de estudar a iconografia em um contexto urbano. Padre José e Eduardo fizeram sua formação no exterior, enquanto Moisés estudou aqui mesmo no Brasil, aperfeiçoando-se com a Irmã Veronica Nogas (*in memoriam*), que passou sete anos estudando iconografia em Lviv, Ucrânia, antes de escrever os ícones da igreja de Serra do Tigre – segundo a Ir. Regina Opuchkevitch. Ou seja, todos os iconógrafos tiveram intervenção direta ou indireta do exterior do país para sua formação na área, na falta de profissionais próximos do grupo étnico no Brasil. Eduardo e Moisés dedicam-se profissionalmente à iconografia, o que difere do Padre José.

De acordo com Poutignat (2011, p. 71-72), quando as minorias deixam de viver em colônias e se acham confrontadas com os outros grupos é que suas especificidades culturais tornam-se fontes de mobilização coletiva e que se desenvolve o que Gans denominou “a etnicidade simbólica”. Continua sendo um processo de transformação

da identidade étnica, mas sendo responsável pelo aumento da significação e consciência da etnicidade.

Este fenômeno de resgate de um traço da cultura ou religiosidade étnica pode ser associado à célebre Lei de Hansen: “o que o filho quer esquecer, o neto quer lembrar” (POUTIGNAT, 2011, p. 71). Segundo a teoria, uma identidade étnica é rejeitada na segunda geração e volta à tona na terceira. Mas existem muito mais gerações envolvidas no processo. A imigração ucraniana teve início no final do século XIX, o que torna a questão da iconografia muito interessante.

Barth pressupõe o grupo étnico pela interação social. A mobilidade humana e o contato cultural são para ele unidades identificáveis de manutenção das fronteiras étnicas. O contato de outros grupos culturais e religiosos com a iconografia bizantina faz surgir um grupo de interesse, de interação, de compartilhamento de conhecimento – sem deixar de ser aspecto de religiosidade e de pertença da etnia ucraniana.

Os aspectos étnicos não são uma barreira para a participação do grupo nas instituições da sociedade paranaense e sociedade global. Gans vê nisso uma mobilidade ascendente dos grupos étnicos que, ‘permitindo-lhes a ascensão às classes médias e superiores, torna-os mais visíveis nos meios de comunicação de massa que “mediatizam” particularmente estas camadas sociais’. (POUTIGNAT, 2011, p. 76.). Esse fenômeno de mediação da cultura e da religiosidade do grupo étnico ucraniano tem crescido de forma impressionante, especialmente no contexto atual de pandemia e isolamento social.

Um exemplo de visibilidade da iconografia bizantina em instituições da sociedade é o caso da Fasbam. A Faculdade de São Basílio Magno, instituição de ensino superior de Curitiba – PR, desde 2017 vem oferecendo o Curso Intensivo de Iconografia Bizantina, módulo têmpera e mosaico. A história da Fasbam tem uma profunda ligação com a comunidade ucraniana, já que a instituição é propriedade da Ordem de São Basílio Magno, pertencente à Igreja Greco-Católica Ucraniana. De acordo com o Padre Dr. Teodoro Hanicz, OSBM, coordenador dos cursos de licenciatura e bacharelado

em Filosofia na instituição e idealizador do curso de Iconografia Bizantina, esta formação dentro da arte cristã oriental foi um sonho por vários anos. Houve algumas tentativas frustradas de começo, mas está sendo muito procurado, tanto por pessoas da comunidade ucraniana quanto por pessoas de fora, de várias regiões do Brasil. Este é o primeiro curso de Iconografia Bizantina regulamentado e oferecido por uma Instituição de Ensino de dentro da comunidade ucraniana no Paraná para quaisquer interessados na área.

Estas informações demonstram o quanto os elementos étnicos são compartilhados na sociedade globalizada. “As fronteiras étnicas são produzidas e reproduzidas no decorrer das interações sociais, (...) e persistem apesar do fluxo de pessoas que as atravessam – a etnicidade não depende na ausência de mobilidade, contato e informação” (POUTIGNAT, 2011, p. 188).

Mesmo dentro do próprio grupo étnico, pode-se manter uma unidade apesar das divergências nos modos de vida e nas formas institucionais. É o que acontece entre a comunidade ucraniana oriental católica e ortodoxa, cada qual pertencente a uma Igreja diferente, mas que compartilha o rito oriental e também a cultura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A iconografia bizantina, enquanto manifestação do sagrado – hierofania – na comunidade ucraniana paranaense, representa a tradição de séculos que vem ganhando significados singulares e diferentes espaços no processo de re-elaboração de acordo com a exposição a novas situações, como foi o caso do processo de imigração para o Brasil. Enquanto elemento de religiosidade e cultura da etnia ucraniana, a iconografia bizantina torna-se espaço de manutenção das fronteiras étnicas, segundo Barth. Fronteira que é construída, transformada, mantida ou apagada, nas diferentes situações inter-étnicas. As fronteiras não representam barreiras, mas até fluidas, moventes e permeáveis (POUTIGNAT, 2011: 154) de

acordo com o fluxo de interesse entre os grupos sociais e étnicos paranaenses.

Entrevistas

HANICZ, Padre Teodoro. **Entrevista** concedida pelo doutor, professor e sacerdote da Ordem de São Basílio Magno.

Entrevistadora: Jaqueline Ester Litvin. Prudentópolis, 30.mar.2021.

KORTCHOVEI, Tereza. **Entrevista** concedida pela Catequista do Sagrado Coração de Jesus. Entrevistadora: Jaqueline Ester Litvin. Prudentópolis, 30.mar.2021.

MOUROV, Eduardo. **Entrevista** concedida pelo iconógrafo.

Entrevistadora: Jaqueline Ester Litvin. Prudentópolis, 31.mar.2021.

OPUCHKEVITCH, Ir. Regina. **Entrevista** concedida pela Irmã Serva de maria Imaculada. Entrevistador: Ir. João Paulo Konopaski, OSBM. Ivaí, 27.mar.2021.

RATUCHNEI, Padre José. **Entrevista** concedida pelo sacerdote da Ordem de São Basílio Magno e iconógrafo. Entrevistadora: Jaqueline Ester Litvin. Prudentópolis, 30.mar.2021.

VIANA, Moisés. **Entrevista** concedida pelo iconógrafo.

Entrevistadora: Jaqueline Ester Litvin. Prudentópolis, 31.mar.2021.

REFERÊNCIAS

ANDREAZZA, Maria Luiza. **Paraíso das Delícias: um estudo da imigração ucraniana**. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1999.

BENATTE, Antonio Paulo; CAMPIGOTO, José Adilçom. **História, religião e cultura: apontamentos historiográficos**. In: **RELIGIÃO & cultura: temáticas de história cultural das religiões** / Organizado

por Antonio Paulo Benatte e José Adilçon Campigoto. Guarapuava: Unicentro, 2013.

DUARTE, Jorge. **Entrevista em profundidade**. In: BARROS, Antonio; DUARTE, Jorge. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2009.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

GANS, Herbert J. “**Symbolic ethnicity: The future of ethnic groups and cultures in America**”. *Ethnic and Racial Studies*, 1979.

GUÉRIOS, Paulo Renato. **A imigração ucraniana ao paraná: memória, identidade e religião**. Curitiba: Ed. UFPR, 2012.

HORBATIUK, Paulo. **Imigração Ucraniana no Paraná**. Porto União: Uniporto, 1989.

IANNI, Octavio. **A situação Social do Polônês**. In: **Raças e Classe Social no Brasil**. São Paulo, Brasiliense, 1987.

KUPICKI, Atanásio Antonio. **Histórico da construção da Igreja Matriz São Josafat**. Prudentópolis: Edições Basilianas, 2014.

LARocca JÚNIOR, Joel. **Casa Eslavo-Paranaense: arquitetura de madeira dos colonos poloneses e ucranianos do sul do Paraná** / Joel Larocca Júnior, Pier Luigi Larocca, Clarissa de Almeida Lima. – Ponta Grossa: Editora Larocca Associados, 2008.

MIRANDA, Nego. **Igrejas de madeira do Paraná** / fotografia Nego Miranda; textos Maria Cristina Wolff de Carvalho. Curitiba: Cultural Office, 2005.

MONDZAIN, Marie-José. **Imagem, ícone, economia: As fontes bizantinas do imaginário contemporâneo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.

MONTEIRO, Guadalupe Vargas. **Cosmogonia, mentalidad y región**. In: DEMBICZ, Andrzej. (editor) **Interculturalidad en América Latina en âmbitos locales y regionales**. Warszawa: CESLA, 2004.

OUSPENKIJ, L. **Essai sur la théologie de l'icône dans l'Église orthodoxe I**. Paris, 1960.

PARSONS, Talcott. **The structure of social action. A study in social theory with special reference to a group of recent European writers**. New York: The Free Press, 1968.

POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da Etnicidade: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth**. 2. ed. São Paulo: UNESP, 1998.

SCHILLER, Soter. **O Sacrifício de Louvor em torno da Divina Liturgia de São João Crisóstomo**. Prudentópolis: Edições Basilianas, 2018.

SZEWCIW, I. **O Milênio do Cristianismo na Ucrânia**. Trad. Soter Schiller. Curitiba: Gráfica Vicentina, 1988.

TAMANINI, Paulo Augusto. **A prece ucraniana na pressa da cidade: as renegociações das práticas religiosas ucranianas nos espaços da cidade de Curitiba a partir de 1960**. Curitiba: CRV, 2017.

TAMANINI, Paulo Augusto. A iconografia bizantina do Período Medieval: percepções acerca das imagens religiosas para a pesquisa de História. In: **Revista PerCursos, Florianópolis**, v. 19, n. 40, p. 348 – 368, maio/ago. 2018.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. 3.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

CAPÍTULO V

COLENDAS: UMA PRÁTICA DO GRUPO DE JOVENS DO LAGEADO DE BAIXO (MALLET, 1994-2005)

Gabriela Migon

INTRODUÇÃO

As pesquisas sobre imigração europeia no Brasil possuem uma vasta literatura, essa amplitude também é significativa se referindo à imigração ucraniana no estado do Paraná. Mais especificamente, a vinda dessa etnia para o município de Mallet/PR, a partir do final do século XIX, trouxe diferenças políticas, religiosas, linguísticas, alimentares, econômicas, culturais, entre outras, que possibilitaram e possibilitam o desenvolvimento de diversas pesquisas pelas mais variadas áreas do conhecimento.

O estabelecimento e o contato com os outros povos que aqui viviam, certamente, fez com que os ucranianos fossem se adaptando e/ou restringindo seus hábitos que inclusive eram e são extremamente ligados à religião católica do rito constantinopolitano³³. Dentre tantas tradições trazidas por esses imigrantes e repassados aos seus descendentes, se destacam os cantos natalinos, conhecidos na comunidade rural malletense Lageado de Baixo, por *colendas*. Conforme o tema de suas letras, esses cantos eram entoados no natal por um grupo de pessoas que passava de casa em casa desejando prosperidade à família receptora. No Lageado de Baixo, com o decorrer dos anos, essa prática ficou a cargo do grupo de jovens que modificou e adaptou as significações dadas à tradição. Desse modo, buscamos analisar, no período de 1994 a 2005, como a juventude consumia as normas ditadas, principalmente pela igreja, no momento de irem “colendar”.

³³ A Igreja católica ucraniana segue o rito constantinopolitano, também chamado de grego e bizantino.

Por meio das concepções certonianas o que nos interessa é analisar como perante o poder da estratégia, que dita a norma para a realização da tradição, age, sem enfrentamento direto, o poder tático. Nas palavras de Certeau, podemos ver o seguinte exemplo:

Há bastante tempo que se tem estudado que equívoco rachava, por dentro, o “sucesso” dos colonizadores espanhóis entre as etnias indígenas: submetidos e mesmo consentindo a dominação, muitas vezes esses indígenas *faziam* das ações rituais, representações ou leis que lhes eram impostas outra coisa que não aquela que o conquistador julgava obter por elas. Os indígenas (...) pela sua maneira de usá-las para fins e em função de referências estranhas ao sistema do qual não podiam fugir. (...) A força de sua diferença se mantinha nos procedimentos de “consumo”. Em grau menor, um equívoco semelhante se insinua em nossas sociedades com o uso que os meios “populares” fazem das culturas difundidas e impostas pelas “elites” produtoras de linguagem. (CERTEAU, 2011, p.39).

“Os usos que os meios populares fizeram” foram observados, neste capítulo, por meio de um livro de ata, do referido grupo, e de sete entrevistas, com pessoas que participaram do grupo no recorte temporal estabelecido. Porém, a temporalidade estudada, 1994 a 2005, não corresponde com o início e o fim da prática da tradição na comunidade, condiz com grande parte dos textos por eles escritos, em formato de ata, e com a fase da juventude que transitaram nossos colaboradores.

A juventude fora entendida como uma fase, pois conforme relataram os próprios entrevistados em 2019, ano em que nos cederam entrevistas, já se encontravam na vida adulta. Todos não participavam mais do grupo de jovens, estavam com idade acima dos 35 anos, seguiam a vida administrando suas propriedades rurais e também, a grande maioria, contraiu matrimônio e teve filhos. Os vários aspectos, como religiosidade, faixa etária, profissão, estado civil foram determinantes para definir a juventude, bem como a vida adulta. Schmitt e Levi (1996) demonstram como em cada sociedade os aspectos biológicos, sociais e simbólicos ajudam na categorização do que é ser jovem.

Todavia, mais importante que a conceituação de jovens é o entendimento do espaço e do consumo das normas clericais que mantinham para a realização da tradição na comunidade estudada. Por isso, voltar ao contexto da imigração ucraniana no Paraná, nos leva a entender a colonização de Mallet, logo do Lageado de Baixo, bem como os modos que os moradores foram construindo as vivências cotidianas, baseadas principalmente na prática do catolicismo de rito ucraniano constantinopolitano. Essa estreita ligação dos imigrantes e descendentes ucranianos com a igreja, possibilitou o uso do poder dessa sobre eles, algo semelhante ao que ocorreu em Prudentópolis/PR, onde “A postura dos padres em face dos imigrantes e descendentes ajudou a ratificar sua posição de autoridade sobre os fiéis e, como consequência, sua condição de ditar condutas” (COSTA, 2020, p.128).

Enfim, ainda que o intuito primeiro da *colenda* estivesse relacionado como o modo de entoar cantos natalinos desejando a prosperidade às famílias visitadas, os jovens do Lageado de Baixo foram adicionando outros elementos, destoando o desígnio inicial.

O espaço

Mallet juntamente a Prudentópolis, Curitiba e Paulo Frontin são alguns municípios paranaenses com maior concentração de descendentes ucranianos (CZAIKOWSKI, s/d). As difíceis condições sociais, políticas e econômicas do país de origem resultaram em três grandes fases da vinda dos imigrantes ao Brasil. A colônia de Rio Claro, atualmente distrito de Mallet, foi onde se iniciou a formação do município, e recebeu a primeira leva de ucranianos em 1891 (HORBATIUK, 1983, p.48-49).

Kozlinski e Muran (2006, p.5) afirmam que já haviam radicadas famílias polonesas, em Rio Claro, quando os ucranianos chegaram. Não são pouco os autores (WOUK, 1981, p. 24; KOZLINSKI, MURAN, 2006, p.5; ANTOCZECEN, 2015, p.14) que confirmam as rivalidades entre as duas etnias trazidas da Europa e

perpetuadas, por algumas gerações, em Mallet. Portanto, somando essa hostilidade com a necessidade de se expandir no novo território, muitos imigrantes ucranianos, conforme Kozlinski e Muran (2006, p.5), seguiram para a Colônia 5³⁴. Ali, aos poucos, foram se instalando até que em 1896 construíram a primeira igreja de madeira (METROPOLIA³⁵).

Junto a essa construção funcionava também a casa do padre, a sala da catequese, das reuniões e a escola (KOZLINSKI; MURAN, 2006). À essa coexistência dos elementos no espaço, articulados conforme a necessidade, criatividade e intenção dos sujeitos, entendemos que se tratava de um espaço praticado, conceito desenvolvido por Certeau (2011, p.184). Esse tipo de construção, com funções variadas, foi construído também em outras comunidades rurais malletenses; o Lageado de Baixo é um exemplo.

Nas extensões de terras ao lado da Colônia 5, ou seja, no atual Lageado de Baixo, os imigrantes começaram a comprar pequenos lotes que estavam à venda. Explicaram os relatos dos entrevistados, que as terras das atuais comunidades Lageado de Baixo (município de Mallet) e Lajeado dos Mellos (município de Rio Azul) eram uma fazenda, cortada apenas por um rio e pertenciam às famílias Mello e Viera.

Conforme as duas famílias abastadas foram vendendo os pequenos lotes de terra, os imigrantes da Colônia 5 foram comprando e deslocando suas moradias para os novos terrenos. O entrevistado João³⁶, que sempre residiu no Lageado de Baixo, nos disse que seus

³⁴ Além da primeira colônia, Rio Claro, destinada a receber migrantes, outras partes do território malletenses foram demarcadas para o mesmo fim. Alguns exemplos são as comunidades rurais denominadas com o termo colônia ou vicinal seguida de uma numeração ou direções cartográficas. Por exemplo, Colônia Uma, Colônia Quatro, Vicinal Onze, Vicinal Doze, Linha Norte (HORBATIUK, 1983, p.173).

³⁵ Disponível em: <https://metropolia.org.br/metropolia/mallet/> Acesso em: 11/03/2021.

³⁶ Ressaltamos que realizamos as entrevistas –do tipo temáticas (ALBERTI, 2004, p.38) – somente com a assinatura do termo de consentimento das pessoas que aceitaram ser entrevistadas. Tal termo traz a permissão da entrevista e em segundo plano a permissão da divulgação de nomes e identidades. Alguns entrevistados (as)

pais, assim como outros vizinhos fizeram a mudança pelo motivo dos lotes novos serem menores e também porque poderiam fazer as lavouras nas glebas localizadas na Colônia 5³⁷. A partir desse relato chegamos a clássica definição de faxinais, separados pelas áreas de plantar e de criar (CHANG, 1988; NERONE, 2000).

Embora os relatos nos indiquem que o faxinal se estabeleceu com a vinda dos moradores da Colônia 5, sendo a maioria imigrantes ucranianos, não sabemos ao certo quando ocorreu a separação entre as terras, diferenciando as comunidades e municípios. Cíntia, que morava no Faxinal Lajeado dos Mellos se mudou para o Lajeado de Baixo quando casou, disse: “Todos esses faxinal eram junto, tem o rio, mas o rio né, a criação passa de um lado pro outro, né?”³⁸. Ainda que as terras dos Mellos e Vieiras não fossem faxinais, pois um faxinal não possui a mesma configuração de uma fazenda, há possibilidades do faxinal dos Mellos e do Lajeado de Baixo terem funcionado junto, mas isso não somente em relação ao criadouro comunitário.

A vista disso, algumas considerações sobre as conceituações de faxinal são necessárias.

Há trabalhos que partem do entendimento que os faxinais se referem ao grande cercado de uso comum para criação dos animais às soltas (CHANG, 1988; NERONE, 2000). Outros, porém, não se limitam ao cercado; para Schörner (2010, p.12) “eles formam um amplo sistema comunal, ligado por antigos laços de consanguinidade, vizinhança ou casamento”. Certamente, os faxinais se tratam de uma junção de todas essas características ecológicas, culturais, sociais, econômicas e possivelmente imposições jurídicas localizadas (CAMPIGOTO, TOLEDO, 2010).

assinaram o consentimento da entrevista, mas sem divulgação do nome, diante disso utilizamos pseudônimos para aqueles que assinaram apenas o primeiro plano da carta de cessão e para os demais, afim de padronizar, usamos apenas o primeiro nome. Frisamos também, que os nomes e sobrenomes de terceiros citados por nossos entrevistados ou utilizados nos livros atas também foram substituídos por identificações fictícias.

³⁷ Entrevista concedida por João a Gabriela Migon, em 15/09/2019.

³⁸ Entrevista concedida por Cíntia a Gabriela Migon, em 30/09/2019.

Esse envolvimento comunitário faxinalense, adquirido desde tenra infância, no Lageado de Baixo possui ligações, por exemplo, com a formação do grupo, com a participação nos cultos religiosos, com o uso da língua ucraniana, entre outros aspectos. Isso porque o trabalho cotidiano poderia contar com a ajuda de um vizinho, bem como a própria sede religiosa foi construída na área de criar (FERREIRA, 2005, p. 576). Também, a maioria dos moradores são descendentes de imigrantes ucranianos e praticantes do rito bizantino, que exigia o uso do idioma ucraniano nas celebrações. Além disso, embora nem todos os moradores fossem da descendência ucraniana, acabavam por aderir ao jeito de se relacionar e viver. Um exemplo evidente dessa adesão dos indivíduos foi observado no grupo de jovens.

Para ingressar na agremiação os jovens deveriam ter recebidos os sacramentos do batismo e confirmação e da primeira eucaristia. Destacamos que no rito ucraniano bizantino o batismo e a confirmação são concedidos juntos, mas possivelmente não foge a essa adesão a possibilidade de muitos terem seguido esse rito para diminuir os anos de estudo da catequese que eram apenas três. Enquanto isso, no rito latino após a primeira eucaristia estudavam mais dois anos para receberem o sacramento da crisma. Assim, realizar a catequese no rito ucraniano poderia consistir em aproveitar uma boa ocasião, tanto para os pais quanto às crianças.

Sem cessar, o fraco deve tirar partido de forças que lhe são estranhas. Ele consegue em momentos oportunos onde combina elementos heterogêneos (assim, no supermercado, a dona de casa, em face aos dados heterogêneos e móveis, como as provisões no *freezer*, os gostos, apetites e disposições de ânimo de seus familiares, os produtos mais baratos e suas possíveis combinações com o que ela já tem em casa etc.), mas a própria decisão, ato e maneira de aproveitar a “ocasião”. (CERTEAU, 2011, p. 46).

Observar as “astúcias de caçadores”, nos exige um trabalho minucioso, que certamente, não parava no aproveitar a ocasião do tempo mais curto para o estudo da catequese, haviam outras situações

mais. Segundo o entrevistado Sérgio, um dos ex-presidentes da agremiação juvenil, “É, catequese era tudo ensinado em ucraniano.”³⁹; João afirmou o mesmo, para esse estudo era exigido conhecer o idioma ucraniano.

Estudei a catequese tudo só em ucraniano, né. Que depois, até hoje a catequese é em ucraniano mas, agora é mais misturado assim, introduzindo mais partes que as crianças entendam as duas línguas e uns tempos era pouco falado a maioria era ucraniano.⁴⁰

Embora o uso da língua ucraniana ajudasse a manter a religiosidade e a etnia, inferimos que em muitos casos se aprendeu somente o necessário para as celebrações religiosas, pois ao perguntarmos se Sérgio compreendia bem o idioma e se conseguia acompanhar a missa, respondeu: “Pois olha, mais ou menos a gente sabe, que já tipo está decorado né? (*Risos*) Sempre a mesma coisa né?”⁴¹

Essa forma de consumir é observada em outras práticas. Ingressados no grupo, os jovens passavam estimulados/supervisionados pela supremacia da igreja a manter e preservar a religião, a língua ucraniana e demais promoções - como por exemplo, festas, bailes, torneios de truco- que visassem amparar economicamente o grupo e a capela da comunidade a qual pertenciam. Essa mescla de religião, língua e etnia pode ser observada em uma série de eventos de expressiva simbologia como por exemplo, no *Korovai* (GROCHOSKI, GILLIES, 2018), na festa de páscoa (FERREIRA, 2005; 2008), na *Hailka* ou *hailky* (RAMOS, 2006; PIANARO, 2014) e na *colenda*.

³⁹ Entrevista concedida por João a Gabriela Migon, em 15/09/2019.

⁴⁰ Entrevista concedida por João a Gabriela Migon, em 15/09/2019.

⁴¹ Entrevista concedida por Sérgio a Gabriela Migon, em 22/09/2019.

A prática

O calendário eclesiástico da igreja católica se baseia no calendário gregoriano e determina natal o dia 25 de dezembro de cada ano. O natal e a páscoa, embora essa não dispunha de uma data fixa, são as duas maiores e mais importantes festividades do catolicismo, pois marcam o nascimento e morte de Jesus Cristo, respectivamente. Mesmo seguindo as ordens de Roma, os descendentes de ucranianos no Brasil contam com pompas diferenciadas para as festividades mencionadas. Miguel Wouk escreveu:

Em decorrência do rito próprio, os ucranianos celebram as grandes festas da cristandade com a pompa e o colorido características de todos os ritos orientais. Coincidindo hoje com as festas do rito latino, além do culto religioso propriamente dito, são oportunidade para a prática de certos costumes tradicionais. (WOUK, 1981, p.38).

Perante a isso, vemos como necessário ressaltamos a importância de analisar as permanências e mudanças ou até mesmo a existência de tais tradições com o estabelecimento de recorte temporal e espacial. Essas questões são prezadas em trabalhos historiográficos, para evitar generalizações, entre outros equívocos. Além de não dispor de data e de universalizar, observamos que os escritos normativos do clérigo Kozlinski (s/d), eram poucos seguidos pelos moradores do Lageado de Baixo. Tal constatação realizamos por meio de nossas fontes e pela pesquisa participante feita por Ferreira (2008), no natal de 2006, na mesma comunidade. Mesmo que a pesquisa de Ferreira tenha sido realizada em uma data que não contemple nosso recorte temporal, nos é bastante formidável pois perpassa por temporalidades mais antigas e traz uma ampla contextualização dos preparativos para o Natal, em particular da Santa Ceia na referida localidade.

Segundo as explicações do padre Kozlinski, que mais parecem um manual de instruções, o natal para os descendentes de ucranianos,

no Brasil, independente se católicos ou ortodoxos⁴², exige um período de preparação. Para os católicos a festa do apóstolo São Felipe, no dia 14 de novembro, marca o início da *pelêpivka*, uma espécie de quaresma natalina, momento de jejum e penitência à espera do menino Deus. Esse tempo de preparação conta também, com a festa de São Nicolau, realizada no dia 06 de dezembro, ocasião para presentear as crianças pelo bom comportamento. A *pelêpivka* se encerra à meia noite da véspera do Natal, quando todos vão para a celebração da liturgia na igreja. Neste dia, 24 de dezembro, a dona da casa deve se ater aos preparativos do jantar e o dono da *hospodarka* (propriedade) deve realizar uma limpeza especial no ambiente (KOZLINSKI, s/d). Porém, ao fazer um contraste entre o que o fora descrito pelo Padre e o que realmente ocorria em 2006 no cotidiano lajeadense, Ferreira (2008, p.98) constatou uma série de contradições. À começar pela tradição da quaresma natalina que não era seguida, também não se comemorava o dia do apóstolo São Felipe; por alguns anos até ocorreu uma missa no dia de São Nicolau, mas sem a significação dada pelo religioso, pois o santo foi substituído pelo Papai Noel, também não se atinham a realizar uma limpeza diferenciada na propriedade (FERREIRA, 2008, p.98).

A festividade exigia, conforme o clérigo, que na casa houvesse uma *ialenka* (árvore de natal) adornada com uma estrela, presentes e doces (KOZLINSKI, s/d). Nas contas de Ferreira (2008, p.99), aproximadamente, desde 1996 os faxinalenses costumavam enfeitar uma pequena araucária, entretanto, com o passar dos anos, essa foi substituída por uma artificial, comprada⁴³.

O texto do religioso segue descrevendo que o dono da casa deveria, assim que todos estiverem reunidos, trazer para perto o

⁴² Se tratando da referida festividade uma das notáveis diferenças são as datas, pois os ortodoxos seguem o calendário juliano e os não ortodoxos o calendário gregoriano.

⁴³ Cortar uma araucária jovem para servir de enfeite de natal demonstrava por um lado, como os faxinalenses utilizavam dos recursos que dispunham, mas por outro lado, trouxe pela ordem da lei, a necessidade da preservação da Mata de Araucárias (BRASIL, 2006).

didukh (feixe de trigo) que representa “os falecidos, a fartura, a boa colheita, o progresso e o bem-estar das pessoas”. Mais especificamente, sobre a mesa deveria estar o feno (representando a manjedoura) coberto com toalha bordada, um castiçal de 3 velas (simbolizando a Santíssima Trindade), palha de trigo e os instrumentos de trabalho do campo. Além disso, seria preciso deixar um lugar vago para os ausentes ou falecidos e não se poderia retirar os alimentos da ceia enquanto os vivos iriam à missa, pois os mortos viriam tomar sua parte (KOZLINSKI, s/d).

Ainda que a abordagem de Ferreira (2008, p. 99-100) não contemple preocupação com a temporalidade, até mesmo porque não se trata de uma pesquisa historiográfica, constatou a respeito da prática do *didukh* ou *didukc*, que até certo tempo –sem uma data precisa- a maioria das famílias da comunidade utilizavam a palha do trigo que eles próprios cultivavam. Porém, com o passar dos anos, poucas famílias continuaram a praticar e quando o faziam usavam a palha de aveia, visto que não tinham mais a de trigo; alguns moradores consideravam que tanto o feno, quanto a palha de aveia ou de trigo poderia simbolizar a manjedoura. As ferramentas de trabalhos não eram postas na mesa, bem como não deixavam lugar para os falecidos, tampouco a comida ficava sob a mesa após terminada a ceia; nas palavras da pesquisadora “[...] embora conhecessem a credence de que falecidos vem se alimentar, disseram não acreditar nisso” (FERREIRA, 2008, p. 102).

Acerca da ceia, Kozlinski (s/d) escreveu que deveria ser servida assim que a primeira estrela apontasse no céu e antes de ser consumida o *hospódar* (dono da casa) convidava todos para sentarem-se à mesa, realizava a oração pela família e servia a cada convidado um pedaço de pão embebido no mel. A ceia era composta por doze pratos, que antes da chegada do cristianismo significavam os doze meses do ano e após, simbolizam os doze apóstolos. Algumas das

refeições que deveriam ser servidas eram: *kutiá*⁴⁴, *borchtch*⁴⁵, *mléntsi* ou *nalésneke*⁴⁶, *varének*⁴⁷, *holubtsí*⁴⁸, *krujalkê*⁴⁹, peixe, pão, *kácha*⁵⁰, *hrebê*⁵¹, *kalatch* ou *kolatch*⁵², *kompot* ou *uzvar*⁵³, *kapusniák*⁵⁴, *perijkê*⁵⁵, pepinos, etc. Como o jantar estava dentro da *pelêpivka* essas refeições não poderiam ser muita gordurosas (KOZLINSKI, s/d).

Todavia a significação dada pelos católicos descendentes de ucranianos no Lageado de Baixo era outra:

[...] no Faxinal Lageado de Baixo [...] apenas algumas famílias mantêm a tradição dos doze pratos [...], que podem ser compostos por quaisquer alimentos desde que completem doze, inclusive podem ser utilizados carne e banha para o preparo dos pratos. São servidos no horário em que se costuma jantar, não acontece quando surge a primeira estrela no céu. Para eles os doze pratos continuam representando os doze meses do ano, o que demonstra uma permanência de tradições pré-cristãs. O que se mantém em grande parte das famílias é o preparo do “kutia”, trigo descascado cozido na água e adoçado com mel ou leite condensado, que é o prato principal da Santa Ceia (FERREIRA, 2008, p.100).

Essas inversões e invenções seguem com os cantos natalinos, objetivo de estudo desse capítulo. Kozlinski (s/d) mencionou que esses cantos iniciam durante a Santa Ceia, são entoados nas celebrações litúrgicas até o segundo dia de fevereiro. Mas, algo

⁴⁴ Doce preparado com grãos de trigo cozido e sementes de papoula. Pode ser adicionado mel, uvas passas, nozes e castanhas.

⁴⁵ Sopa que leva o repolho e a beterraba como ingredientes principais.

⁴⁶ Semelhantes a panquecas, podem ser preparadas com diversos recheios.

⁴⁷ Pequeno pastel cozido, recheado com batata e requeijão ou com repolho, tatarca, ameixas e sementes de papoula.

⁴⁸ Também conhecido como charutos, consistem em rolinhos feitos com as folhas de repolho. Geralmente, são recheados com tatarca e carne moída.

⁴⁹ Repolho cozido temperado com sal e demais condimentos.

⁵⁰ Mistura de cereais -principalmente cevada- com leite.

⁵¹ Espécies de cogumelos cozidos. Saboreados, como molho ou salada, junto a outros pratos.

⁵² Tipo de pão doce. Feito em formato trançado.

⁵³ Compotas feitas de diferentes frutas.

⁵⁴ Tipo de sopa, na qual o repolho é o ingrediente mais utilizado.

⁵⁵ Pequenos pastéis assados, recheados com repolho ou compota.

diferenciado ocorre entre esses dias, após a missa da véspera de natal um grupo de pessoas visitam as famílias e as saúdam com os *kolhadê*. Os *kolhadnekê* (cantores), geralmente homens, carregam uma grande estrela e um presépio ao saírem pelas casas; esses cumprimentos seriam brindados com guloseimas e recompensas à comunidade (KOZLINSKI, s/d).

Escrever sobre os cantos natalinos realizados pelos católicos descendentes de ucranianos, antes de tudo, é necessário atentar-se as diferentes grafias da palavra. Conforme mencionado, a partir de Kozlinski (s/d) e Ferreira (2008) temos *kolhadê* e *kolenda*, respectivamente. Já Babbar (2008), ao dissertar sobre as músicas religiosas ucranianas, traz três diferentes variações gráficas que encontrou para o termo *koliadá*, em ucraniano Коляда, (traduzido como canção de natal), sendo: *Kolady* (pl.); *Koliady* (pl.); *Koliadê* (pl.) (BABBAR, 2008, p. 141). Ramos (2006, p.63) denomina a tradição de *kokhade* e menciona que “[...] essas visitas mostrariam à população quem eram os descendentes de ucranianos, quem fazia parte desse grupo, aproveitando a situação para legitimar a fronteira étnica” (RAMOS, 2006, p.63-64). A essas, somamos a grafia “*colenda*” e as significações inventadas pela agremiação juvenil estudada.

Embora manter a palavra com a letra “c” possa parecer incorreto, pois segundo o Dicionário Online de Português “colenda é o feminino de colendo”, que significa “merecedor de veneração, de respeito; venerável, respeitável”⁵⁶, não é essa definição que nos cabe. Manter o modo de escrita (presente nas atas) dos jovens, bem como o jeito de falar dos nossos entrevistados⁵⁷, nos aproxima da linguagem ordinária presente no dizer cotidiano, a qual não cabe na lógica filosófica ou científica (CERTEAU, 2011, p.57-70).

A *colenda* no Lageado de Baixo é realizada até os dias atuais pelo grupo de jovens. A data de seu início é difícil de definir, pois

⁵⁶ Disponível em: <https://www.dicio.com.br/colenda/> Acesso em:06/04/2021.

⁵⁷ Ressaltamos que além da grafia *colenda*, a palavra *colendar* e Lageado com “g” preservam o modo original como esses sujeitos se expressam cotidianamente.

como conta João, ela foi repassada a ele e seus colegas quando jovens. Inferimos, portanto, que fora iniciada assim que os imigrantes foram chegando ao novo território, ao findar do século XIX e início do XX. A princípio eram de responsabilidade dos mais velhos, mas com o tempo transmitiram aos novos.

Segundo João “[...] o falecido Anastácio⁵⁸ que começou a incentivar assim, depois da catequese, as crianças que saíam da catequese ‘Ah, mas vão lá aprender né?’ [...] O grupo de jovens assumiu um tempo depois né? Mas, de início era o pessoal mais, os mais velhos”⁵⁹. Conforme explicou Sérgio, mesmo após os jovens terem assumido o compromisso iam: “homens casados, mulheres casadas [...] ninguém ia dizer, ‘você não pode ir’, ia quem queria. E muitos do grupo não iam, também né? [...] era livre”⁶⁰. Babbar menciona que a tradição na terra natal, ou seja, na Ucrânia, também era realizada pelos jovens, ainda que em particular pelos rapazes. “Um grupo de pessoas, principalmente de rapazes, mas em algumas partes da Ucrânia também moças, iam através das ruas cobertas de neve cantar em frente às janelas de casa em casa as “koliady”, os cânticos natalinos” (BABBAR, 2008, p.86 *Apud* SELANSKI, 1988).

Através das estradas cascalhadas e do calor do verão brasileiro, os jovens lajeadenses na atualidade continuavam a praticar a *colenda*, conforme explicou João: “Até ano passado [2018] foram, o grupo de jovens foram, foi né, numa atuação”⁶¹; a cónjuge, Laura, complementou: “Só que já o grupo de jovens novo [...]”⁶². A chamar o “grupo de jovens novo” a entrevistada quis se referir ao grupo que seus filhos frequentavam. Ainda que não contemple nosso recorte temporal, devido a não realização de outras entrevistas, os entrevistados traçaram comparações com a geração atual e se faz

⁵⁸ Afim de preservar a identidade dos nomes e sobrenomes citados pelos (as) nossos (as) entrevistados (as), usamos denominações fictícias.

⁵⁹ Entrevista concedida por João a Gabriela Migon, em 15/09/2019.

⁶⁰ Entrevista concedida por Sérgio a Gabriela Migon, em 22/09/2019.

⁶¹ Entrevista concedida por João a Gabriela Migon, em 15/09/2019.

⁶² Entrevista concedida por Laura a Gabriela Migon, em 15/09/2019.

interessante as visões que possuem das táticas adotadas pelos “mais novos”. Odaria, participante assídua do grupo da década de 1990, disse: “Só que agora, não andam a pé, vão sempre de trator né? Porque antes nós antes andávamos a pé e tudo os carreirinhos das roças nós sabíamos”.⁶³ João também afirmou que não se anda mais a pé “Agora os últimos ali eles que tão indo, ali uns cinco, seis anos tão indo de trator né?”⁶⁴, Sérgio foi mais longe dizendo que o trator e a carreta já foram substituídos “[...]um tempo atrás andavam de trator e carreta, agora já andam de caminhonete”⁶⁵.

A partir do cruzamento das fontes orais e documentais entendemos que a *colenda* era praticada muito antes da década de 1990, período em que as atas foram escritas pelos jovens, provavelmente os mais velhos realizavam a tradição. Porém, em 1997 a tradição já era assunto das reuniões do grupo. Certamente nos dias atuais há mais outras ressignificações, como o transporte utilizado.

Ata da reunião mensal referente ao mês de Dezembro.

No dia 14 do mês acima citado do ano de 1997 realizou-se nas dependências da Igreja Nossa Senhora Rainha da Paz a reunião do grupo de Jovens Raios de Sol. A mesma teve início as treze e trinta horas com a novena em louvor a Nossa Senhora. Após a novena o presidente fez a tradicional chamada e juntamente com ela fez a cobrança da taxa da mensalidade rendeu ao todo 8 reais. Após a chamada foi combinado o dia enfeitar a Igreja para o Natal e *hora de sair no dia de natal com a colenda* e também os tesoureiros trouxe o estrato da poupança para nós sabermos com quanto dinheiro nós fizemos o ano em caixa que ten setecentos e trinta reais. Após o nosso bate papo o presidente deu por encerada, após lida e aprovada pelo presidente a mesma será lavrado pelos demais presentes (*grifó nosso*).⁶⁶

Odaria contou que antes de ingressar no grupo de jovens – conforme suas assinaturas nas atas, pressupomos que antes de 1994 -

⁶³ Entrevista concedida por Odaria a Gabriela Migon, em 30/09/2019.

⁶⁴ Entrevista concedida por João a Gabriela Migon, em 15/09/2019.

⁶⁵ Entrevista concedida por Sérgio a Gabriela Migon, em 22/09/2019.

⁶⁶ LAGEADO DE BAIXO. Ata do grupo de jovens do Lageado de Baixo. 1994-2000. Fl.21.

já realizavam a mesma, mas percorriam durante a noite do dia 24 de dezembro. Continuou a mesma entrevistada,

Mas era só mais bagunça do que *colenda* né? Era de noite né? Sempre na véspera, na santa tarde que diziam. [...] Dia vinte e quatro andavam, de noite. [...]. Depois um tempo começaram a correr só de dia, né? Porque de noite já estava ficando demais. [...]. Então melhor não, muita bagunça né? [...]. Toavam e já começava, né?⁶⁷

No cotidiano natalino a prática da *colenda* passou a se constituir como uma trampolinagem “[...] uma arte dos golpes, dos lances, um prazer em alterar as regras de espaço opressor” (CERTEAU, 2011, p.74). Considerando a função do relato que tem a ver com as práticas cotidianas, foi interessante a interferência realizada por Lauro, o esposo da entrevistada, que explicou “Só que uma bagunça divertida. [...] Bagunça, não malandragem né?”⁶⁸, ela concordou. A bagunça divertida no ano de 1997, conforme a ata de 14 de dezembro, já acontecia no período diurno⁶⁹, do dia 25 de dezembro. Os jovens realizavam a trajetória a pé, começavam de acordo com João: “geralmente a tarde né? [...] às vezes saía 8 horas, 9 horas, tinha missa de manhã depois da missa acontece né? [...] saíamos de manhã e ia até 11 da noite, não terminava ia até no outro dia ainda.”⁷⁰ Não havia problemas se os cantores da *colenda* não conseguissem terminar o percurso em um único dia, pois os dias de festa e guarda se estendiam por vários dias; indo em conformidade com a explicação de Babbar (2008, p.87) que a tradição poderia ocorrer entre a noite de Natal e o dia de Reis, ou seja, de 25 de dezembro a 6 de janeiro.

Em um relato do tipo percurso, “descrições na grande maioria se fazem em termos de *operações* e mostram ‘como entrar em casa cômodo’” (CERTEAU, 2011, p. 186), Odaria descreve: “Daí nós

⁶⁷ Entrevista concedida por Odaria a Gabriela Migon, em 30/09/2019.

⁶⁸ Entrevista concedida por Lauro a Gabriela Migon, em 30/09/2019.

⁶⁹ Conforme encontramos na ata: LAGEADO DE BAIXO. Ata do grupo de jovens do Lageado de Baixo. 1994-2000. Fl.21.

⁷⁰ Entrevista concedida por João a Gabriela Migon, em 15/09/2019.

começávamos dali da igreja, as vezes ia, fazia o Lajeado dos Mellos, daí fazia o Lajeado de Cima lá, até nos Limas, lá no Anderson, no Daniel Castro ali. Descia, ia, terminava, às vezes, de noite já, às vezes, nem terminava no dia, né? [...]. Daí ia no outro dia.”⁷¹ João também falou a respeito do percurso,

[...] no Bento Lima, nunca nós poderíamos deixar de ir, né? Porque ele era muito assim ... parece que hoje já a mulher do Bento está mais assim esquecida, mas ela cobrava muito se nós não fossemos né? Sempre ela queria que nós fossemos. Nós íamos lá cantávamos em ucraniano. Daí nós sentava e ele começava de cantar em polonês.⁷²

Conhecendo o lugar os jovens o transformavam em espaço. Embora, encurtassem as voltas dos caminhos geográficos conforme a fala de Odaria: “[...] nós andávamos a pé e tudo os carreirinhos das roças nós sabíamos, por onde era mais perto, né”⁷³, não significavam que iriam chegar cedo em casa, pois poderiam gastar aquele tempo poupado nas conversas e bagunças.

Assim que chegavam em uma casa, o grupo catava para a família receptora em ucraniano: “[...] as cantigas natalinas, desejando a boa nova, né, nascimento de Jesus, né”⁷⁴, conforme relatou Alceu, que também atuou como presidente do grupo de jovens por alguns anos. A respeito da tradução ou do que significavam esses cantos João e Laura nos explicaram:

João: Não consigo bem traduzi né. Mas é assim, vamos dizer, uma música alegre, tudo o que fala de Jesus. Laura: De Jesus! João: Mas é uma coisa, mas se for traduzir é uma coisa que tudo o é que alegre né, a família né. [...] Daí é falado um verso. Um verso que também deseja boa safra, saúde para família, essas coisas assim né? [...] Tem vários tipos de versinho, essas coisas assim né. Mas tudo mais ou menos nesse sentido que fala né, mas tudo em Ucraniano né? Laura: Tudo em ucraniano.⁷⁵

⁷¹ Entrevista concedida por Odaria a Gabriela Migon, em 30/09/2019.

⁷² Entrevista concedida por João a Gabriela Migon, em 15/09/2019.

⁷³ Entrevista concedida por Odaria a Gabriela Migon, em 30/09/2019.

⁷⁴ Entrevista concedida por Alceu a Gabriela Migon, em 30/09/2019.

⁷⁵ Entrevista concedida por João e Laura a Gabriela Migon, em 15/09/2019.

Em retribuição, geralmente a família servia cerveja, vinho, bolacha, doces e até mesmo dinheiro. As guloseimas eram saboreadas assim que servidas, já o dinheiro era dividido entre o grupo de jovens e a igreja. Todavia, segundo Sérgio, a retribuição realizada pelas famílias “era livre, quem quisesse dá, dava, quem não, não”⁷⁶.

Laura e João recordaram como era divertido ir “*colendar*”, bem como, muitas vezes acabavam ficando embriagados com o excesso de bebida alcoólica que tomavam ao passarem em muitas casas.

Laura: Mas, antigamente era divertido o grupo de jovens né? O *colendá*, né? João: É! Laura: Eles bebiam, caiam. (*Risos*) Gabriela: Capaz?! Laura: É verdade. João: É que todas as casas servem né? [...] qualquer tipo de bebida. Hoje até alguns servem cerveja, mas geralmente é bebida de copo, daí você toma cada casa. (*Risos*) Laura: Vai enchendo [...] Vai atordoando, né?⁷⁷

A postura de servirem álcool para os jovens em um ritual religioso, parecia não preocupar as famílias, talvez isso estivesse relacionado ao entendimento que possuíam da juventude. Aproximase à concepção da juventude como uma fase, que em alguns momentos a embriaguez é tolerável (FABRE, 1996). Supondo que depois de terem tomado tanto “goles” o comportamento poderia ser outro, perguntamos aos nossos entrevistados se lembravam de episódios marcantes. João, confirmou e detalhou um caso.

Acho que o que mais marcou foi um dia aquele Augusto passar um rio. Um rio assim de raso, um riacho né? Assim na altura do joelho de fundura né? Daí nós arregaçamos a calça para passar e o Diogo falou ‘Eu não vou tirar o sapato com os pés quentes, eu não vou’. Mas daí como é que vai ficar, daí o Augusto falou: ‘Pule aí nas costas’. Pegou ele nas costas né? Foi passar, nós rolemos de dar risada, mas o tamanho do homem levar nas costas. Passou carregando o outro.⁷⁸

⁷⁶ Entrevista concedida por Sérgio a Gabriela Migon, em 22/09/2019.

⁷⁷ Entrevista concedida por João e Laura a Gabriela Migon, em 15/09/2019.

⁷⁸ Entrevista concedida por João a Gabriela Migon, em 15/09/2019.

Rindo muito, Laura completou: “Todos são né? Tudo bêbado!”⁷⁹. A entrevistada também disse que suas lembranças são as mesmas do companheiro, pois explicou que “[...] nós andávamos juntos.”⁸⁰ Contudo, João lembrou de outro caso, dessa vez ocorrido não no caminho, mas no momento em que estava cantando as *colendas* na sala da casa de uma família.

Outro episódio assim, tinha um senhor lá, que estava bem assim travado né? Bem né? Tinha tomado bastante e ficou meio se balançando encostado em uma mesa né? Daí os pés [da mesa] correram né? Ele foi para cair, com as costas para mesa e se agarrou na mesa, mas os piás correram para o meio da sala. É difícil assim muita gente um olhando para o outro ninguém dar risada né? E o pessoal não se aguentou né? E aquele falecido Anastácio aguentou sério, olhando assim, aguentou cantando e não, nem piscou. Imagina aquele caiu no meio da sala né?⁸¹

Além desses momentos, nos quais o álcool era um agravante do comportamento juvenil, haviam aqueles instantes em que os jovens, estando apenas entre si, aproveitavam para sacanear um ao outro. Sérgio, também contou uma lembrança marcante que teve do grupo de jovens em um certo dia que realizavam a *colenda*.

[...] no dia da *colenda*, tipo, enquanto para sair visitar as casas, até para ir no Diogo lá, tinha uma prancha para cruzar no rio assim, né. [...]. Daí até o Emilio e o Emiliano. O Emiliano mora em Curitiba. [...]. Daí o Emilio passou e o Emiliano indo atrás e tipo assim bem entro na pinguela e o Emilio pegou e virou a pinguela e (*aquele*) caiu dentro da água.⁸²

Analisando a prática da *colenda* do grupo de jovens do Lageado de Baixo inferimos conforme a própria ex-integrante, Laura, disse “acontecia de tudo, né?”⁸³. Certamente esse era um momento que não tinha a finalidade de permitir “acontecer de tudo”, todavia as

⁷⁹ Entrevista concedida por Laura a Gabriela Migon, em 15/09/2019.

⁸⁰ Entrevista concedida por Laura a Gabriela Migon, em 15/09/2019.

⁸¹ Entrevista concedida por João a Gabriela Migon, em 15/09/2019.

⁸² Entrevista concedida por Sérgio a Gabriela Migon, em 22/09/2019.

⁸³ Entrevista concedida por Laura a Gabriela Migon, em 15/09/2019

interpretações que esses jovens fizeram, driblaram, burlaram e escaparam da obediência exigida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio de nossas fontes, podemos observar que o modo como os moradores do Lageado de Baixo consumiam os “deveres” das tradições natalinas, ditados pela igreja, eram bem diferentes do objetivo esperado. Nas escritas eclesiásticas, as exaltações para com a religião de rito ucraniano são bastante evidentes, principalmente pelo texto do padre Kozlinski (s/d), todavia a maioria dos rituais não eram realizados.

De uma escala maior, as famílias da comunidade, para uma escala menor, o grupo de jovens, a criação, o improviso, a modificação era o que acompanhava o natal almejado pela igreja e o natal realizado pelos lajeadenses.

Por meio de um poder tático, um enfrentamento silencioso, assim que encarregados de realizar a *colenda* o grupo de jovens aproveitava para realizar as mais diversas trampolinagens. Certamente não se tratavam de infratores cometendo práticas violentas, embora, tais atos perante a severidade dos religiosos certamente não seriam tolerados.

Assim, o entoar dos cantos natalinos foram reinventados pelos jovens, esses sujeitos que viram a oportunidade de se divertir, ainda que não estejamos excluindo essa possibilidade desde o início. Entretanto, a partir do momento que iam embriagados às casas dos vizinhos para desejar boas vindas podemos observar como foi destoado o objetivo inicial da *colenda*.

Fontes orais:

Entrevista concedida, para Gabriela Migon, pelo Sr. João, em 15/09/2019.

Entrevista concedida, para Gabriela Migon, pelo Sra. Laura, em 15/09/2019.

Entrevista concedida, para Gabriela Migon, pelo Sra. Cíntia, em 30/09/2019.

Entrevista concedida, para Gabriela Migon, pelo Sr. Sérgio, em 22/09/2019.

Entrevista concedida, para Gabriela Migon, pelo Sra. Odaria, em 30/09/2020.

Entrevista concedida, para Gabriela Migon, pelo Sr. Lauro, em 30/09/2020.

Entrevista concedida, para Gabriela Migon, pelo Sr. Alceu, em 30/09/2019.

Fonte documental:

LAGEADO DE BAIXO. Atas do grupo de jovens do Lageado de Baixo. 1994-2000.

Sites consultados:

BRASIL. **Lei n. 11.428, de 22 de dezembro de 2006.** Dispõe sobre a utilização e proteção da vegetação nativa do Bioma Mata Atlântica, e dá outras providências. Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos, Brasília, DF, 2006. Disponível em: Acesso em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11428.htm#art43 11 de mar. de 2021

CZAIKOWSKI, Mariano. **Ucranianos no Brasil.** Disponível: <https://metropolia.org.br/cultura-ucraniana/etnia/ucranianos-no-brasil/> Acesso em: 08 de mar. de 2021.

DICIO. **Colenda**. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/colenda/>
Acesso em:06/04/2021.

METROPOLIA CATÓLICA UCRANIANA SÃO JOÃO BATISTA.

Criação da paróquia. Disponível em:

<https://metropolia.org.br/metropolia/mallet/>. Acesso em: 11 de mar. de 2021.

KOZLINSKI, Daniel. **O Natal entre os ucranianos**. ECCLESIA

Brasil, 2003-2020. Disponível: http://www.ecclesia.com.br/biblioteca/fe_crista_ortodoxa/o_natal_entre_os_ucranianos.html. Acesso em: 09 de mar. de 2021.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, V. Histórias dentro da História. *In.*: PINSKI, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo. Contexto, 2008.

ANTOCZECEN, Inês Valéria. **O retorno da história: a Festa das Nações (Mallet/PR) - um estudo em torno das fronteiras étnicas entre poloneses e ucranianos**. 2015. 157f. Dissertação (Mestrado em História e Regiões) - Universidade Estadual do Centro-Oeste, Irati.

BABBAR, Lara Janek. **Características, transformações e adaptações da música religiosa ucraniana no Paraná**. 2008. 158f. Dissertação (mestrado em música) Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. 17. ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 2011.

CHANG, Man Yu. **Sistema Faxinal - uma forma de organização camponesa em desagregação no Centro-Sul do Paraná**. Rio de Janeiro, 1985. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Rio de Janeiro.

COSTA, Lourenço Resende da. Atuação do clero na preservação da língua e da identidade ucraniana (Prudentópolis Paraná, século XX). **REVISTA BRASILEIRA DE HISTÓRIA DAS RELIGIÕES**, v. 13, 2020, p. 123-144.

FABRE, Daniel. Ser jovem na aldeia. In: LEVI; Giovanni; SCHMITT; Claude. **História dos jovens**. Tradução Claudio Marcondes, Nilson Moulin, Maria Lúcia Machado. São Paulo: companhia das letras, v2, 1996, 382p.

FERREIRA, Patrícia. **Estudo sobre os Faxinais Lageado de Baixo e Lageado dos Mello-Pr**: a construção de conhecimento a partir da ecologia social como subsídio para um projeto de turismo comunitário. 2008. 123f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas), Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa.

FERREIRA, Patrícia. O olhar do turista sobre a páscoa no rito ucraniano do Faxinal Lageado de Baixo, Mallet-PR. **Mneme revista de humanidades**. V. 07. N. 18, out./nov. de 2005.

GROCHOSKI, Cibeli; GILLIES, Ana Maria. Das memórias do Korovai à identidade de um povo- Ivaí, PR: 1908-2017. **A MARGem**. Uberlândia, v. 14, n. 1, fev.-jul. 2018.

HORBATIUK, Paulo. **A colônia Ucraniana de Mallet**: núcleo de preservação e irradiação de padrões da cultura ucraniana. 1983. 343f. Dissertação (Mestrado em História) Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

LEVI; Giovanni; SCHMITT; Claude. **História dos jovens**: da antiguidade à era moderna. Tradução de Claudio Marcondes, Nilson Moulin, Paulo Neves. São Paulo: Cia das letras, v1, 1996, 372p.

MURAN, Sidnei; KOZLINSKI, Daniel. **Centenário 1906-2016 Sagrado Coração de Jesus Mallet-PR**.

NERONE, Maria Magdalena. **Terras de plantar, terras de criar – Sistema faxinal: Rebouças -1950-1997.** 2000. 286p. Tese (Doutorado em História) Universidade Estadual Paulista, Assis.

PIANARO, Vanessa de Fátima. **Uma análise da festa religiosa ucraniana Hailka do município de Mallet-PR como atrativo turístico cultural.** 2014. 62f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em turismo) Universidade Estadual do Centro-Oeste, Irati.

RAMOS, O. F. **Ucranianos, poloneses e “brasileiros”:** fronteiras étnicas e identitária em Prudentópolis/PR. Dissertação (Mestrado em História). UNISINOS. São Leopoldo: 2006.

SCHÖRNER, Ancelmo. Os Faxinais na Região de Irati (PR): relações peculiares entre território, cultura e meio ambiente. *In: XVII Encontro Nacional de Estudos Populacionais da Associação Brasileira de Estudos Populacionais, 2010, Caxambu/MG. Anais do XVII Encontro Nacional de Estudos Populacionais da Associação Brasileira de Estudos Populacionais.* Belo Horizonte/MG: ABEP - Associação Brasileira de Estudos Populacionais, 2010. v. 1

TOLEDO, Ilma Aparecida de; CAMPIGOTO, José Adilçom. A cultura no sistema faxinal – comunidade de Marmeiro de Baixo, Rebouças/PR. **Revista Tempo, Espaço e Linguagem (TEL)**, v.1, n.3, set./dez. 2010, p.78.

WOUK, Miguel. **Estudo etnográfico-lingüístico da comunidade ucraina de Dorizon.** Curitiba: Projeto, 1981.

CAPÍTULO VI

A (RE)CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DOS DESCENDENTES DE UCRANIANOS EM PRUDENTÓPOLIS

Nikolas Corrent

O município de Prudentópolis está localizado na região Sudeste do Paraná, distanciando-se da capital Curitiba em 220 quilômetros, foi constituído por distintas comunidades ao término do século XIX e início do século XX, sobretudo por imigrantes ucranianos. A respeito desses indivíduos, que formavam a comunidade ucraniana, nota-se, em primazia, o sentimento de pertença à sua comunidade e a prática coletiva visando o bem comum, neste caso, a colônia. Uma vez iniciado esse processo migratório, os ucranianos chegados a essas paragens paranaenses de Prudentópolis, iniciaram as demarcações de seus territórios geográficos e simbólicos, estabelecendo assim, uma região.

Com o transcorrer dos anos, a ênfase na cultura ucraniana se intensificou em Prudentópolis, sobretudo com o desenvolvimento das rádios locais, que se tornaram importante meio de divulgação das festas tradicionais, bem como os típicos Natal e Páscoa ucraniana (HAURESKO, 2001). Dessa forma, a cidade de Prudentópolis está atualmente caracterizada pela manutenção de uma cultura que se sustenta nos pilares da religião e dos costumes ucranianos, isso porque a migração ao Brasil, apesar das inúmeras outras dificuldades, significou a liberdade para a expressão da cultura dos que aqui chegavam.

Quando se observa a história do povo ucraniano, uma importante informação é a de passou por domínios de diversos outros povos e que oprimiam a sua cultura típica. Nesse sentido, o território de Prudentópolis foi um refúgio para que os imigrantes pudessem expressar livremente a cultura do povo ucraniano, inclusive as

tradições que em seus próprios países os imigrantes não eram autorizados a realizar, devido à opressão das autoridades polonesas. Ostapiv expõe o início da propagação da cultura ucraniana em Prudentópolis, mediante os relatos obtidos de seus antepassados:

Foram muito perseguidos, inclusive os não descendentes perseguiam, na questão da língua, não podiam falar em ucraniano, porque xingavam, chamavam de ruteninho⁸⁴, minha mãe sofreu muito por causa disso, falavam mal da ucrainada. Acho que isso foi feito no sentido de ciúmes mesmo, só pode ser, porque você não gosta de algo porque tem ciúme daquilo. (OSTAPIV, 2018).

Tratando-se da religião, esta foi então o grande pilar do fortalecimento da cultura ucraniana em Prudentópolis, isso porque a prática religiosa demonstrou ser um importante apoio organizacional e de amparo mútuo nos difíceis primeiros tempos em solo novo e isolado, conforme já mencionado em páginas anteriores. Assim, a formação religiosa se deu a partir da vinda de missionários ucranianos, que chegaram ao Brasil por insistência dos próprios imigrantes e logo tiveram uma importante função sociocultural em Prudentópolis, seja publicamente praticando a difusão da linguagem ucraniana, seja garantindo o catolicismo ortodoxo entre os imigrados.

Um aspecto fundamental da cultura ucraniana, assim como da cultura polonesa, é a religiosidade. Segundo Seniuk e Skavronski (2014, p. 88), “[...] a religiosidade foi um elemento fundamental de sobrevivência da etnia ucraniana em Prudentópolis”. Nessa perspectiva, os ritos católico-ortodoxos⁸⁵ são mantidos até os dias de hoje nas comunidades ucranianas. Na fala de nossos informantes, essa religiosidade é bastante notável, já que a grande maioria relatou ir à igreja frequentemente e também realizar as rezas em casa. Morskei

⁸⁴ O termo "ruteno" é empregado para designar um grupo étnico europeu. Esse grupo descendeu de russos que posteriormente, no século XIX, se tornaram os ucranianos.

⁸⁵ O rito é caracterizado pela reunião de práticas cerimoniais nas quais evidenciam e manifestam as características religiosas de determinados grupos étnicos. Os ritos encontrados nas igrejas ucranianas são identificados pelo emprego da língua nativa, bem como pelo uso do calendário litúrgico ucraniano.

revela a indispensabilidade de introduzir as crianças no contexto religioso:

Eu digo que até hoje a Igreja é a principal responsável por estar mantendo as tradições culturais, religiosas, étnicas e folclóricas. [...] É a igreja a grande responsável aqui. É tão importante isso, porque desde pequenininho eles levam as crianças na igreja. Eu tenho percebido isso aos domingos, onde é rezado a missa em português e em ucraniano e os padres quando veem as crianças correndo e falando alto, eles não se preocupam, pois nós temos que manter a criança dentro da igreja pra ela preservar a religiosidade dentro dela. Eles vão na igreja e levam tudo isso pra casa. Em casa a mãe prepara a Páscoa e o Natal, a criança está junto ajudando. Há muita importância na transmissão hereditária dos costumes que os ucranianos trouxeram, as criancinhas pequenas já vão praticando com os pais. (MORSKEI, 2017).

Na conservação desse vínculo entre o presente e o passado, e ainda no âmbito religioso, o rito bizantino ⁸⁶ incide em uma característica peculiar do catolicismo ucraniano. O eparca Mazur (2018), durante sua entrevista, explicou o surgimento do rito bizantino e sua chegada à Ucrânia, elucidando que, na era apostólica, ocorreram as missões, onde cada apóstolo seguiu em direção a uma região, como Paulo e Pedro, que seguiram para Roma. Sabe-se que em Roma se localizava o Grande Império Romano e, posteriormente, em Bizâncio, na Grécia Antiga, instituiria o Grande Centro de Bizâncio. Assim sendo, mediante as missões e segundo o eparca, “[...] de Roma surgiu

⁸⁶ O rito bizantino pode ser verificado ao entrar num templo ucraniano. O observador se depara com a inexistência de esculturas ou estátuas de Cristo, dos Santos, ou de Maria, mas é possível perceber os ícones (pinturas religiosas), que são dotados de simbologias específicas dispostas nas posturas das mãos das imagens. [...] O padre celebra o serviço virado para o altar, de costas para a assembleia, em sinal de deferência a Cristo, portando-se deste modo, como guia ou pastor da celebração. A quantidade de vezes que os fiéis fazem o sinal da cruz também chama atenção, assim como o modo. Para o sinal da cruz, os fiéis da liturgia oriental unem os dedos polegar, indicador e médio da mão direita e apoiam os outros dois na palma da mão, como representação da Santíssima Trindade e das duas dimensões humana e espiritual de Cristo. Ademais, o sinal é realizado da direita para a esquerda. (BABBAR, 2008, p. 39).

o rito ocidental, que é o rito romano, que é a Igreja Católica Romana. De Bizâncio surgiram as igrejas do rito oriental, que segue o rito bizantino”. O depoente narra ainda que, “[...] além do rito bizantino” [bem como do rito romano], “existem outros ritos dentro da igreja católica, [porém] não é o momento aqui de falar, mas existem muitos ritos”. Saindo da Grécia, o rito bizantino, em 988, chegou à Ucrânia por intermédio da evangelização, denominando-se de rito grego. Posteriormente, após o Cisma do Oriente ⁸⁷ em 1054, parte da população permaneceu fiel ao Papa, isto é, a Roma. Mazur (2018) explana que “[...] por isso chama de Greco-católica, está em ligação com Roma. Então obedece ao Papa, obedece à Igreja Católica e todas as normas. Menos o rito, a manifestação ritual é diferente”. Dessa forma, embora celebre o rito de maneiras diferentes, ambas as igrejas possuem relação com Roma.

Acerca do rito bizantino, o eparca narra que incide na “[...] maneira de celebrar, as normas, as regras” dentro da Igreja Ortodoxa, evidenciando algumas diferenças básicas quando comparado a Igreja Católica. Assim, no rito bizantino, “[...] nós batizamos e crismamos junto”, relata Mazur (2018), enquanto, no rito latino, primeiro ocorre o batismo e, posteriormente, a crisma. Ademais, o eparca narra que a forma de celebrar também se diferencia, pois “nós celebramos de costas”. Em síntese, Mazur (2018) conclui que “[...] nós falamos Igreja Greco-Católica Ucraniana, que segue o rito bizantino ou, quer dizer, que vem da Grécia, mas é católica, está em união com Roma”. Assim, da Ucrânia, o rito acompanhou os imigrantes que vieram para o Brasil e, dessa forma, faz-se importante ressaltar que o rito bizantino para os imigrantes, bem como para os descendentes de ucranianos, é praticado no Brasil visando reforçar o pertencimento étnico desses indivíduos.

Nesse seguimento de suas vidas e diante de um cenário em uma segunda pátria, os imigrantes ucranianos sofreram intensamente

⁸⁷ O Cisma do Oriente dividiu o cristianismo em católicos, na Roma e ortodoxos em Bizâncio.

com a ausência de seus ritos religiosos, muito porque “[...] uma das características do povo ucraniano, além de certas virtudes inatas, como, por exemplo, a lealdade, o amor à terra e ao trabalho, é a religiosidade um sentimento profundamente arraigado, que o prende à sua religião tradicional” (BURKO, 1963, p.59). De acordo com Skavronski,

[...] quando começaram a chegar as primeiras famílias de imigrantes ucranianos em 1896, a realidade religiosa encontrada nessas terras era totalmente diversa. Além de não se identificarem com a Igreja Católica Brasileira, o rito latino adotado por essa instituição religiosa não era reconhecido e nem praticado pelos imigrantes recém-chegados. Sentiam-se desamparados e desintegrados ao viver em uma sociedade baseada em preceitos e rituais religiosos tão diversos aos deles. (SENIUK; SKAVRONSKI, 2014, p. 53).

Destarte, após a instalação e ocupação de territórios distintos daqueles de origem, os ucranianos desempenharam uma(re)criação de sua sociedade, de sua cultura e, sobretudo, de seu próprio contexto religioso, contexto que ainda se preserva no município de Prudentópolis. A não identificação com o rito latino preponderante no Brasil e, concomitantemente, a desconformidade com a Igreja Católica Brasileira, essa dissonância resultou em um sentimento de desamparo nos imigrantes, conforme afirma Skavronski, pois eles necessitavam ser acolhidos por seus próprios preceitos religiosos, distintos daqueles encontrado nas novas terras.

Salienta-se que, para os ucranianos, a religiosidade e a natureza estão intensamente atreladas, considerando seus rituais de bênçãos empregados, como na benção da terra e da água. O doutor em Ciências da Religião, Teodoro Hanicz, corrobora essa informação e reitera que:

Eles recriaram o universo social, cultural e religioso como um mecanismo de defesa, de resistência e de preservação da identidade numa realidade alheia e hostil. Tais espaços, (re)construídos e demarcados pelos primeiros imigrantes, serviram para imprimir limites, mas não impermeabilizaram o grupo de

influências externas nem impediram a mobilidade e a expansão das fronteiras, sobretudo culturais e religiosas. (HANICZ, 2011, p. 1).

Assim, a colônia ucraniana diferenciou-se das demais, sendo marcada por seus símbolos e rituais, que buscavam a preservação da identidade e a pertença étnica do grupo. O rito bizantino se concebe como um elemento importante nessa preservação, ponderando sua manifestação característica e particular completamente distinta do rito latino. O emprego da língua ucraniana em cerimônias e em eventos religiosos e o uso de um calendário litúrgico próprio são traços culturais que legitimam, na atualidade, a identidade étnico-religiosa desses imigrantes e de seus descendentes.

De acordo com os historiadores Eric Hobsbawm e Terence Ranger (1984, p. 9), as tradições devem ser entendidas como técnicas “inventadas”, ou seja, técnicas elaboradas e categoricamente institucionalizadas. Destarte, as tradições consistem em práticas desempenhadas por meio de símbolos e de rituais regidos por uma legislação com o objetivo de preconizar determinados princípios e regulamentos comportamentais, vale dizer, preconizar a reprodução dos costumes antepassados, fator que provoca uma contínua atualização de hábitos de tempos remotos.

Mesmo assim, no entanto, ao passo em que tais práticas agregam determinados indivíduos, concomitantemente excluem aqueles que desempenham métodos diferentes, resultando na constituição de fronteiras sociais identitárias, ou seja, a separação ou delimitação de uma realidade das outras. Hanicz (2011, p. 7) complementa que “[...] o rito demarca fronteiras em relação à liturgia, à administração e distribuição dos sacramentos e cria um sistema de representação diferente da realidade religiosa brasileira”.

O item mais significativo dessa demarcação de fronteiras é a igreja, na qual se reúnem e manifestam os símbolos, os traços e a cultura de uma sociedade. Para os imigrantes ucranianos, “[...] é a demarcação de uma nova ordem sócio-religiosa naquele território

reproduzida a partir da religiosidade ucraniana e da tradição bizantina” (HANICZ, 2011, p. 7).

Dessa forma, o rito bizantino e a língua materna atuam como elementos constitutivos na manutenção da identidade étnica dos ucranianos. Ademais, promovem uma demarcação das diferenças entre as práticas brasileiras, ucranianas e dos demais imigrantes instalados no Brasil. Tais práticas distintas solidificam uma nova realidade aos imigrantes ucranianos, (re) construída por intermédio da necessidade de resgatar e de preservar sua religiosidade na nova pátria.

Nesse seguimento de atuação na nova pátria, buscavam os imigrantes a presença de padres ucranianos, justificando o imperativo mediante a falta de adaptação ao rito latino e as dificuldades em compreender a língua portuguesa. Assim, a igreja católica na Ucrânia recebia diversas cartas de imigrantes ucranianos no Brasil com pedidos de envio de missionários para as comunidades. Em amparo a estes, no ano de 1896, chegou ao país o padre diocesano Nicolau Michailevicz. Sendo, no entanto, casado e em razão da imposição do celibato católico, não foi contemplado, pela Diocese de Curitiba⁸⁸, com a jurisdição necessária para desempenhar a sua prática sacerdotal, tendo que retornar à Ucrânia (SENIUK; SKAVRONSKI, 2014).

Posteriormente foi conseguida a vinda do padre Nikon Rozdolski, que era viúvo e, dessa forma, obteve a jurisdição das autoridades eclesiásticas locais. Daí por diante, executando as suas atribuições sacerdotais, o padre Nikon foi designado a atender os rutenos da Colônia de Rio Claro, sendo posteriormente substituído pelo padre basiliano Silvestre Kizema, que chegou ao Brasil em 6 de junho de 1897, seguido de demais sacerdotes vindos da Ucrânia (MACHULA, 1988). Em 28 de junho desse mesmo ano, o padre Silvestre foi nomeado, pelo bispo de Curitiba, como o capelão da Colônia Rutena de Prudentópolis, ou seja, o sacerdote responsável

⁸⁸ Diocese à qual os padres ucranianos, bem como a região de Prudentópolis, foram submetidos até o ano de 1926.

pelos ofícios religiosos dessa colônia. Seus relatos exprimem a conjuntura em que se encontravam os imigrantes ucranianos que atenderia em sua paróquia:

[...] eu escolhi Prudentópolis, porque lá o povo é muito pobre e totalmente abandonado. Não será fácil para mim chegar até lá e somente [...] cheguei até lá. Fui recebido muito bem, mas encontrei uma realidade deprimente. Parece-me que não há distrito algum da Halytchyná⁸⁹ do qual não haja gente aqui, mas é na sua maioria escória, desprovida de dignidade e fé. Fiquei preocupadíssimo e não sabia se ficaria ou iria embora. Entregando-me à vontade de Deus, comecei meu trabalho com uma missão de quatro dias, a fim de prepará-los para a confissão. (KIZEMA, 1897, p. 2).

A narrativa do padre Silvestre demonstra sua preocupação com a religiosidade dos imigrantes, sendo urgente e imprescindível uma recuperação de sua fé. Dessa forma, fez-se necessária a vinda de outros padres, cuja contribuição fortaleceu o trabalho missionário na colônia rutena de Prudentópolis.

Assim, mediante a chegada desses primeiros padres vindos da Ucrânia, “[...] desenvolveu-se o conhecimento da cultural nacional ucraniana e, conseqüentemente, o abandono das obrigações com outros imigrantes e cultivo de sua cultura” (HORBATIUK, 1983, p.123). Em síntese, com a chegada dos clérigos se instaura uma nova lógica de organização social no âmbito dos imigrantes ucranianos.

A religiosidade foi uma prática importante para manter a cultura ucraniana, até porque a língua e os costumes se mantiveram através dela e a devoção contribuiu para que muitos não abandonassem o Brasil e voltassem para a Ucrânia devido às mesmas dificuldades extremas encontradas lá. Ela contribuiu para manter as identidades de seus representantes, mesmo nos anos de ausência sacerdotal (SENIUK; SKAVRONSKI, 2014, p. 88). Com isso, a cultura ucraniana passou a fazer parte do cenário de Prudentópolis e continua viva nas práticas desses descendentes.

⁸⁹ Halytchyná corresponde a uma província da Galícia.

A igreja foi uma grande aglutinadora das tradições e dos costumes ucranianos, visto que ela reafirmava a identidade social, fortalecendo a comunidade. Dessa forma, Hanicz explica que:

Ao ir para a igreja, ao entrar naquele espaço, a lembrança das suas origens ia se reconstruindo e se recompondo. Ao entrar naquele espaço, o imigrante refazia os seus arquétipos, reconstruía as suas origens e sua história. Para o seu imaginário, esse mundo era real, fixo, estável e sólido. Uma solidez duradoura a ponto de alimentar a utopia de reconstruir uma “Nova Ucrânia” em território brasileiro. (HANICZ, 2011, p. 8).

Neste sentido, em conformidade com Terrin (2004, p. 24), “[...] o rito é o mundo da expressão cultural comunitária”. Destarte, a presença do Rito Católico Oriental Ucraniano no Brasil se colocava como centro de encontro da manifestação da cultura dos imigrantes, desde a arquitetura das igrejas em estilo bizantino, marcadas por torres e abóbadas (como se vê na Ilustração abaixo), que são próprias da Ucrânia, até os hábitos e costumes da população ucraniana.

Ilustração 1 – Igreja Ucraniana Matriz de São Josafat em Prudentópolis/PR.



Fonte: Nikolas Corrent (2014)

Em Prudentópolis, a arquitetura impressa nas igrejas pelos imigrantes é, sobretudo, o estilo das igrejas católicas e ortodoxas orientais, principalmente por conta de suas cúpulas bizantinas. A questão inerente à presença da igreja católica em Prudentópolis é que a

[...] dimensão da religião e das tradições presente no meio desta população parece ser um rito de interação que permite a re-atualização de um sentido de pertencimento. O ritual de memória e de tradição da história da cidade e das pessoas e as relações do dia a dia colocam em cena o passado e o presente fundidos; condensam os tempos diversos das histórias locais; permitem reatualizar os signos que acenam para a construção de um vir-a-ser. Religião, costumes e tradições são ainda o suporte daquela cidade. Portanto, na transmissão, seja de valores, seja de formas de organização ou de instituições, o que se conserva é de fato antes reproduzido e recriado para, a preservação de identidade da população; ao que parece, para a garantia de sua possível coesão. Ali se encontram comandos coletivos e individuais que norteiam tanto o dia-a-dia como os momentos especiais. (TENCHENA, 2010, p.9).

A religiosidade dos imigrantes foi marcada pela Igreja Greco-Católica Ucraniana, sobretudo por intermédio das missões desempenhadas pelo padre Silvestre em conjunto com o padre Antônio Martenhuk e o frade Sofron Horostchuk. Dessa forma, foram realizadas assistências espirituais visando confortar, acolher e amenizar as angústias dos imigrantes. Ademais, as práticas que robusteciam a fé pelo rito bizantino e o emprego da língua materna fortaleceram a pertença étnica desses indivíduos.

A presença dos padres era importante para a reafirmação identitária, para a difusão da religiosidade, bem como para toda a vida social das comunidades ucranianas. Eles, por possuírem uma elevada instrução intelectual, eram também referências na educação dos imigrantes nas colônias, auxiliando as crianças a permanecerem estudando. Os padres lecionavam, organizavam os eventos sociais e cumpriam o seu papel de referência religiosa (GUÉRIOS, 2007). Dessa maneira, os sacerdotes criaram espaços de preservação da cultura, tais como clubes, bibliotecas, escolas, etc. A religiosidade

também foi importante para a reafirmação da linguagem ucraniana, sendo então fundamental para a preservação da cultura. O padre Tarcísio Zaluski comenta que

Os ucranianos gostam de tradições de seus antepassados. Acostumam-se aos costumes brasileiros, mas não abandonam as tradições do país de seus antepassados. Como grande porcentagem dos habitantes de Prudentópolis são ucranianos, eles se mantêm unidos. Até hoje, em muitas colônias, continuam a falar em ucraniano e especialmente nos ritos religiosos e celebrações, onde mantêm costumes de seus antepassados. Sendo a maioria em Prudentópolis, eles atraem com seus costumes outras pessoas que convivem com eles e se apegam a seus costumes. A religião teve e tem muita importância para os descendentes ucranianos. (ZALUSKI, 2018).

A igreja abriu espaço para outros espaços de cultura, como o clube ucraniano⁹⁰. Nesses espaços, a decoração, a educação dos filhos, o artesanato e a culinária formam o conjunto de práticas de tradições ucranianas na cidade de Prudentópolis (GUÉRIOS, 2007).

No que concerne a culinária, salienta-se que a gastronomia de Prudentópolis é referência social, isso porque ela se apresenta como uma manifestação cultural que referencia os costumes e modo de vida do povo ucraniano (COSTENARO, 2013). Na culinária se pode verificar a presença de:

- *Borscht*, designada como uma sopa de beterraba com repolho e carne;
- *Holuptsi*, uma espécie de pastel de repolho;
- *Kutiá*, uma sobremesa feita a base de trigo e mel (COSTENARO, 2013).

Há também uma forte presença do bordado ucraniano na cidade de Prudentópolis. A técnica é passada de geração para geração através de cooperativas de artesanato que objetivam incentivar a

⁹⁰ O clube ucraniano, denominado Clube 12 de Novembro, localiza-se na cidade de Prudentópolis, sendo reservado para a realização de eventos da cidade, como casamentos, reuniões e outras festividades. O dia de 12 de novembro refere-se à comemoração do padroeiro São Josafat no calendário ucraniano.

prática da cultura ucraniana. Nos bordados se veem com frequência desenhos e figuras geométricas que estão vinculadas à religiosidade. O bordado ucraniano na cidade de Prudentópolis é aplicado em roupas para uso em festividades folclóricas, de pessoas comuns, nas cerimônias religiosas e para decorações em geral.

Acerca desse contexto, Morskei complementa:

Então é uma coisa que você vai levando e vai passando. Eu acho que é uma coisa muito importante essa preservação, essa hereditariedade de passar de pai pra filho, de vó pra mãe e de mãe pra neta. E vai passando, o bordado, a gastronomia que toda mulher sabe fazer. É importante isso que vai passando, porque daí vai preservar. (MORSKEI, 2017).

Cabe ressaltar, no que concerne a essa transmissão de costumes, que, habitualmente, esse processo vai sofrendo alterações, tendo em vista que o contexto em que é repassado não coincide com o de origem. Dessa maneira, a tradição bem como a cultura se encontram em constantes metamorfoses, sobretudo quando os costumes são privados de detalhes na transmissão de um indivíduo para outro.

Em Prudentópolis, não é somente na religião, na culinária e no bordado que a Ucrânia se faz presente, mas também na linguagem. Estabeleceu-se no município, com o aprimoramento dos centros culturais, a prática de teatro e do ensino da língua ucraniana. Ademais, outro componente que reforça a identidade ucraniana é o Museu do Milênio, um espaço de memória tendo sido inaugurado em 1989 e constituído como um marco representativo dos imigrantes ucranianos no Brasil e no Paraná. Foi com os esforços de líderes da Paróquia São Josafat e do incansável empenho da senhora Meroslawa Krevei que o acervo foi sendo constituído, ampliado, juntamente com a manutenção do museu. Seguindo as concepções do historiador Pierre Nora (1993), o Museu do Milênio representa um “lugar de memórias”, mediante o acúmulo de objetos, testemunhos e resquícios que avivam a identidade, a cultura e a história de um povo. Nora (1993, p. 12) assevera que “[...] os lugares de memória são, antes de tudo, restos

[...]” deixados pelos antepassados e que, na contemporaneidade, são preservados com o intuito de incitar as lembranças. A necessidade de criar um lugar de memórias nasce “[...] do sentimento de que não há memória espontânea [e, dessa forma, surge o imperativo de] criar arquivos, [...] manter aniversários, [...] organizar celebrações” para lembrar aquilo que ficou na história (NORA, 1993, p. 13). Em síntese, o Museu do Milênio, sendo um lugar de memória, possibilita aos moradores e aos turistas de Prudentópolis um reencontro com o passado, apreciando a reconstituição da história por intermédio da pesquisa e dos vestígios deixados.

A Ilustração 2 faz referência a um ambiente encontrado no Museu do Milênio, expondo os elementos que representam e preservam a cultura ucraniana, como a vestimenta, o bordado, os móveis e os utensílios, os quadros que reforçam a religiosidade e o plantio concebido pela presença do trigo.

Ilustração 2 – Interior do Museu do Milênio em Prudentópolis.



Fonte: Museu do Milênio (2018)

No que tange à agricultura, os imigrantes de Prudentópolis foram responsáveis pela implantação, devido ao costume de seus antepassados, de uma economia de subsistência. Em decorrência desse

costume, os cultivos mais frequentes eram o arroz, trigo, milho, batata, mandioca, soja, cebola e fumo (IBGE, 2018).

Quanto à criação animais, lidam com suínos, bovinos, equinos, ovinos e caprinos. Os criadouros costumam estar localizados onde há florestas e a criação se faz de forma comunitária, lembrando a união dos primeiros imigrantes (SENIUK; SKAVRONSKI, 2014).

Foi dessa forma que os imigrantes se habituaram ao Brasil e fizeram deste país a sua segunda pátria. A presença do imigrante ucraniano e de seus descendentes com as suas práticas econômicas, políticas e culturais reflete-se até os dias de hoje, pois enquanto esses novos brasileiros “[...] se estabeleciam e se desenvolviam, o país acompanhava-lhes (sic) crescendo junto”. (SENIUK; SKAVRONSKI, 2014, p. 89).

Ostapiv (2018), acerca da relevância da cultura ucraniana em Prudentópolis, descreve que “[...] se não fosse a cultura ucraniana com todos os rituais, tudo o que tem pra oferecer, (Prudentópolis) não tinha o que mostrar pro Brasil”. Nessa sequência do relato da descendente, nota-se a eficácia da cultura ucraniana frente à exposição ao país.

Nesse sentido, a manutenção da cultura ucraniana fortalece a identidade cultural e o sentimento de pertença dessa população. A utilização da língua ucraniana em encontros e, sobretudo, nas celebrações religiosas, corresponde ao ápice da conservação de sua cultura. Além disso, a utilização da música ucraniana em festividades na cidade consiste em outro fator de promoção dessa preservação. Dessa maneira, a identidade cultural dos indivíduos é reforçada por meio de seu dialeto precedente.

É deste modo que a cultura ucraniana sobrevive em Prudentópolis, isto é, por meio das músicas, dos rituais e da língua de seus antepassados. Para Ingrid Margareta Tornquist (1997), o dialeto corresponde a um importante registro de pertença e identidade étnica de um grupo. Em Prudentópolis é comum que os indivíduos não descendentes de ucranianos utilizem alguns termos da língua ucraniana, sobretudo nas saudações. Esse fator, entretanto, não declara

uma autoidentificação a esse grupo étnico, pois apenas se refere aos costumes repassados por seus contíguos.

Segundo o teórico cultural Stuart Hall (2002), encontramos nas nações modernas um emaranhado de distintos grupos étnicos, cada qual se revigorando por meio de sua identidade cultural. Hall insiste nesse conceito acrescentando que a identidade cultural não é estável, dessa forma vivendo em constante transformação. Associando essa noção aos descendentes de ucranianos em estudo, percebemos que, embora ocorra a preservação dos costumes de seus antepassados, a reprodução deles não se evidencia da mesma maneira que inicialmente, tendo em vista as alterações de contexto em que estão atualmente inseridos. O autor explica que há sistemas de significação que expressam culturalmente e causam a multiplicidade do sujeito. Essa multiplicidade se depara com uma possibilidade perturbadora de mudanças da mesma identidade. Dessa forma, a ideia de cultura contemporânea, como se vê na solidificação da população de Prudentópolis, é o resultado de diversas possibilidades identitárias no município.

Hall (2002) explica que, historicamente falando, as concepções de identidade que permeiam o sujeito desde o Iluminismo europeu mudaram. Por isso ele diferencia três concepções de identidade dos homens: o sujeito do Iluminismo, que é munido de capacidades de razão; o sujeito sociológico, próprio do mundo moderno e dependente da sua relação com os outros; e o sujeito pós-moderno, que não tem uma identidade fixa. É nessa última perspectiva identitária que se trata o imigrante ucraniano no Brasil. Nesse sentido:

As velhas identidades criadas a partir do renascimento cultural e do iluminismo europeu estão em declínio num mundo pautado pela compressão espaço-tempo. Nisso, temos uma crise de identidade que fragmenta o indivíduo moderno. O homem da sociedade moderna era possuidor de um lugar bem determinado socialmente e culturalmente. No entanto, mudanças estruturais estão trazendo questionamentos quanto a identidades culturais de classe, raça, nacionalidade, sexo e etnia. Isso faz com que a ancoragem estável dos indivíduos no

mundo social esteja abalada. A análise de Stuart Hall parte da premissa de que as identidades modernas estão sendo descentradas. (FERNANDES, 2007, p. 2).

Na contemporaneidade, caracterizada pela facilidade de migração das pessoas para os mais diversos lugares no país e no mundo, bem como pela aquisição de novos objetos de consumo e adaptação a novas ideias, há de se criar uma reflexão acerca do modo como a sociedade constrói a si mesma atualmente e como se dá a formação da identidade de um povo, já que as relações passaram a ser mais intensas e o contato com outras culturas também (HALL, 2002).

Nesse contexto, as tradições particulares são líquidas, assim como propõe Bauman (2001), afirmando que vivemos em “tempos líquidos”, ou seja, a sociedade encontra-se caracterizada pela instantaneidade e pela incerteza. Destarte as tradições passam a ser facilmente transformadas de forma atemporal. Pensando sobre as relações mútuas entre identidade cultural e tradição, Hall afirma que:

Trata-se, é claro, de uma concepção fechada de tribo, diáspora e pátria. Possuir uma identidade cultural nesse sentido é estar primordialmente em contato com um núcleo imutável e atemporal, ligando ao passado o futuro e o presente numa linha ininterrupta. Esse cordão umbilical é o que chamamos de “tradição”, cujo teste é o de sua fidelidade às origens, sua presença consciente diante de si mesma, sua autenticidade. (HALL, 2002, p. 29).

Hall entende que a globalização faz com que o ser humano, em contato com outras sociedades, contraia para si outro modo de vida, colocando à prova o poder de sua tradição. Bauman (2004, p. 68) reitera que, “[...] nesse reembaralhamento, até as formas básicas de relacionamento social estão passando por transformações, das relações amorosas à religião, tudo se torna instável, líquido”. Assim, como os imigrantes estavam em contato com outro mundo, houve a necessidade de imporem a sua própria cultura em Prudentópolis, a sua autenticidade. Isso é percebido no seguinte relato:

Os rituais pascais conservados pelos descendentes de ucranianos na cidade passaram por transformações e adaptações. Não permaneceram imóveis, retidos em seu purismo original, e acabaram passando por um processo de mudança e aperfeiçoamento conforme exigências do local, da região e do espaço. (KREVEL, 2015).

Nota-se, na fala da depoente, a transformação nos rituais pascais que ocorreram após os imigrantes chegarem ao Brasil. Isso acontece, segundo Hall, justamente por essa comunidade estar em contato com outras culturas e respectivas realidades, o que exige uma adaptação dos costumes da sua terra natal e, desta forma, as identidades, consoante Bauman (2004) tornam-se flexíveis. Ademais, nas cerimônias religiosas era comum a utilização apenas da língua ucraniana, entretanto, por volta de 1990, foi inserida a língua portuguesa, dividindo-se da seguinte maneira: a parte litúrgica das celebrações era proferida em ucraniano e a homilia em português.

De acordo com Hall (1997), por todas as práticas e ações que são diferentes daquelas determinadas pela biologia ou por instintos são ações sociais que são carregadas de significações. A partir disso, as pessoas passam a ser entendidas como seres interpretativos, capazes de dar significado a qualquer coisa, objeto ou espaço.

Dentro das ações carregadas de significados cabe interpretar as práticas humanas, que é o que chamamos de cultura. As práticas realizadas são aquelas que “[...] expressam ou comunicam um significado e, neste sentido, são práticas de significação” (HALL, 1997, p. 16). Nesse sentido, os indivíduos constroem a identidade e seus significados através da linguagem e da representação.

Quando os sujeitos praticam uma ação, os “[...] sinais significam ou representam nossos conceitos, ideias e sentimentos de forma que possibilitem que outros ‘leiam’, decodifiquem ou interpretem seu significado mais ou menos do mesmo jeito que nós o fazemos” (HALL, 1997). Sendo assim, no desenvolvimento da população de Prudentópolis há a expressão dos significados carregados da cultura ucraniana.

Na afirmação dessa abordagem, a representação é alicerçada na especificidade histórica de tipos de representação em linguagens ou símbolos específicos, “[...] e como são dispostos num tempo e espaço determinados” (HALL, 2002, p.24). Isso revela especificidade histórica notável.

As ações de representação ocorrem em momentos históricos concretos. Quando uma sociedade possui noção de sua cultura, ela consegue também representá-la dentro de outros espaços, como ocorreu no caso de Prudentópolis. A partir das particularidades da imigração ucraniana se formaram as identidades. O sujeito cultural no momento da imigração ucraniana é pós-moderno (HALL, 2002).

Stuart Hall explica que o sujeito pós-moderno adquire para si todas as culturas que o rodeiam, assumindo várias identidades. Neste contexto, Bauman (2004) corrobora isso afirmando que a fragmentação das tradições se relaciona com a crise de autoridade, comum na contemporaneidade, mediante o enfraquecimento de inúmeros sistemas edificados no decurso da história, como elementos de unidade, os quais eram empregados como referenciais coletivamente determinados e reconhecidos.

Todas as culturas são fragmentadas no contexto da globalização, pois aquele sujeito que adentra uma cultura diferente impõe, sobre a nova cultura da qual se acerca, uma nova configuração (HALL, 2002). Foi isso que ocorreu com os habitantes de Prudentópolis, entendendo que os que não são descendentes de ucranianos aderiram à cultura ucraniana.

Nesse sentido, temos identidades que “[...] emergem no interior do jogo de modalidades específicas de poder e são, assim, mais o produto da marcação da diferença e da exclusão do que o signo de uma unidade idêntica, naturalmente constituída” (HALL, 2002, p.109). Dessa forma, evidencia-se que a cultura e a identidade ucraniana ressaltam-se em Prudentópolis, resultando na exclusão de outras identidades. Essa condição é devida ao fato de os descendentes de ucranianos pelegarem pela preservação e propagação de seus costumes, buscando, com isso, a pertença ao novo território.

Segundo Hall, o homem contemporâneo é formado por representações, sendo necessário o entendimento do mundo através da sua visão. No mundo globalizado, como há o intenso envolvimento de diversas culturas, tem-se a insegurança e a incerteza (HALL 2002; BAUMAN 2001). A identidade se encontra em constante modificação e é composta por diversos olhares em tempos e espaços. Isso é verificado na seguinte fala:

A maioria ainda é ucraniano e muitos da nossa sociedade não valorizam a nossa cultura. Algumas pessoas podem participar, mas não sabem valorizar. Eles podem participar por participar, sem sentido nenhum, pelo fato de todo mundo fazer. Muitos fazem as coisas ucranianas porque a maioria está indo, mas não no sentido de gostar das tradições e de saber dar valor. (OSTAPIV, 2018).

Na modernidade, como ocorreu na formação da sociedade de Prudentópolis, os imigrantes foram deslocados de sua terra natal, tornando-se então descentrados. Ao mesmo tempo, no Sul do Brasil, com a chegada de outros povos, a identidade nacional era ponderada pelo que Hall chama de “hibridismo cultural”, no entanto, no período do início da imigração ucraniana ocorreu uma intensificação deste fenômeno, mediante a influência de uma nova cultura até então, desconhecida. (HALL, 2002).

O hibridismo cultural consiste em culturas diferentes entrando em contato como resultado de imigrações convergentes para uma mesma região. Hall entende que a cultura nacional, como a brasileira, no período da grande imigração, foi uma forma de organizar os sentidos que poderiam determinar as ações das pessoas e si próprias. A partir dessa visão entende-se, portanto, que a identidade ucraniana no Brasil sofreu profundas alterações e adaptações à nova realidade (HALL, 2002).

Hall também entende que a globalização encurta espaço e tempo. Para o autor, a globalização inicia-se na modernidade, no entanto, Bauman (2004) afiança que este processo apenas transformou a modernidade em uma nova ordem, inaugurando a denominada pós-

modernidade. O encurtamento espaço e tempo mediante a globalização promove a criação de relações de identidade que estão “acima” ou “abaixo” do parâmetro Estado-nação (HALL, 2002). Nesse sentido, tudo o que é realizado em um lugar tem forte impacto sobre os outros que nele residem, como em Prudentópolis. A atividade no município impactou o Brasil e o mundo, considerando que fala de uma “pequena Ucrânia no Brasil” e, como tal, recebendo anualmente milhares de turistas nacionais e estrangeiros, que para ali se deslocam com o objetivo de conhecerem a cultura ucraniana. O turista busca então, a autenticidade nos costumes que sejam diferentes dos seus. Essas considerações correspondem à constituição de uma fronteira étnica, a qual emana a concepção do "nós" confrontado com os "outros", ou seja, a cultura ucraniana assistida por outras culturas. Dentre os atrativos étnicos consumidos pelos turistas, a doutora em Geografia, Poliana Fabíula Cardozo ressalta:

[...] obras arquitetônicas; festividades; idiomas e/ou expressões; trajes típicos; grupos artísticos de música e dança; gastronomia; tradições orais; religiosidade; literatura e tantos outros que facultam exprimir significância cultural para aquele povo e/ou demarcar fronteiras (étnicas/culturais) de mostrando sua presença (CARDOZO, 2006, p. 144).

Esses atrativos encontrados em Prudentópolis mediante a representação dos descendentes ucranianos demarcam as fronteiras étnicas do grupo. Neste segmento, os descendentes do município se mantêm firmes, com caráter imperativo em sua identidade étnica. Acerca desta fronteira étnica em Prudentópolis, Ostapiv relata:

Se você for ver, o turista vem ver em Prudentópolis as tradições ucranianas. Pode ter cachoeira, mas eles vêm atrás da cultura ucraniana. Deveriam ter investido mais na parte cultural. Quando fala em Prudentópolis, o que lembra? Os ucranianos. Eles vêm pra cá pra visitar os monumentos ucranianos, não vem visitar o Santuário que é polonês. Nada contra, mas eles não conseguiram preservar. Pode ver, tudo gira em torno da descendência ucraniana. Nós conservamos a cultura através dos ensinamentos dos nossos pais, e foi passando de geração para geração. (OSTAPIV, 2018).

A religiosidade, manifestada pela forte prática dos descendentes de ucranianos, apresenta-se como relevante na etnicidade desses indivíduos, além de contribuir para a propagação da fé e caracterizar-se como um elemento de suma importância na reafirmação da identidade cultural, tendo em vista que a religião se configura como um componente essencial, componente que marcou o desenvolvimento de muitos países e grupos, além de representar as tradições e as características culturais. Acerca das práticas religiosas, o historiador das religiões Aldo Natale Terrin afirma que “[...] são comportamentos rituais, são ações que adquirem um particular significado da tradição de cada religião” (TERRIN, 2004, p. 24). Assim sendo, os rituais pascais dos ucranianos são correspondentes aos costumes de sua religião e que colaboram com a fortificação da identidade cultural. De acordo com Morskei,

Eu tenho umas lembranças de infância, que quando chovia na Páscoa estragava tudo, pois a gente esperava muito os rituais da Páscoa. Quando chovia, nós ficava com uma tristeza que você não tem ideia. Todo mundo, as meninas, a piazada⁹¹, tudo triste chorando, colocando sabão pra Santa Clara pro parar a chuva⁹². Era muito engraçado. A gente ficava chorando, meu Deus do céu! (MORSKEI, 2017).

O depoimento de Morskei relata a importância desse ritual para os descendentes ucranianos, bem como para os demais habitantes da cidade de Prudentópolis, que também aguardavam pelo momento com fortes esperanças de que tudo ocorresse conforme o planejado. O contratempo climático resultava em uma sensação de descontentamento por parte desses indivíduos. Evidencia-se, então, que a tradição é muito mais que uma prática externa ao ser humano, visto que ela está atrelada ao sentimentalismo, sendo uma característica interna da constituição de identidade. O antropólogo Fredrik Barth (1998) corrobora que a identidade étnica não envolve

⁹¹ Gíria utilizada por paranaenses para se referir aos meninos.

⁹² Simpatia utilizada por cristãos para que não chova ou, então, para que a chuva cesse.

somente os aspectos internos de uma cultura, mas também as interações externas, como as dos indivíduos de Prudentópolis que admiram os rituais.

A identificação e reafirmação identitária do grupo mediante os traços culturais comuns, como os rituais, a língua e a simbologia, fundamentam-se no sentimento de pertença dos indivíduos, demarcando as fronteiras étnicas, as quais aproximam os análogos e separam os diferentes. Essas fronteiras estabelecem, por intermédio da resistência entre os grupos, aquele que está dentro, reforçando o pertencimento e, aquele que está fora do grupo, excluindo os demais. Acerca disto, Barth (1998, p. 195) legitima que, “[...] se um grupo conserva sua identidade quando os membros interagem com outros, isso implica critérios para determinar a pertença e meios para tornar manifestas a pertença e a exclusão”. Em síntese, um grupo se constitui visando à interação e à categorização de si mesmo e dos outros. Salienta-se, no entanto, que as fronteiras étnicas não incidem em um obstáculo, mas em um espaço geográfico demarcado pelos grupos, espaço que possibilita não somente a exclusão, mas também a inclusão, tendo em vista que embora as fronteiras persistam, existe um fluxo de indivíduos que as atravessam (BARTH, 1998).

A título de exemplo em Prudentópolis, verifica-se que nos rituais da Páscoa com os descendentes ucranianos, os quais além de representarem a identidade desses sujeitos, viabilizam a inserção de outros indivíduos nessa prática, indivíduos que muito embora não possuam um caráter de descendência, são permitidos de assumir a prática para si mediante o interesse e, concomitantemente, sentem-se pertencidos ao evento através da interação e da identificação. Nesse contexto, destaca-se também a língua ucraniana, considerando que muitos não descendentes que residem no município, possuem o costume de empregar expressões nesse idioma em conversas casuais, como formas de saudações e agradecimentos. A saudação religiosa *Sláva Issússu Khestú – Slava na Víke*, traduzida como Glória a Jesus Cristo – Glória para Sempre, se concebe como uma expressão utilizada pelos cristãos da Igreja de São Josafat e, também, emprega-

se para saudar como “bom dia”, “boa tarde” e “boa noite” (SKAVRONSKI, 2015).

Nessa perspectiva, a imigração ucraniana no Brasil revela a relativização das identidades culturais, porém também há casos de reconstrução de identidades através da purificação étnica a fim de resgatar a coesão de determinada nação. Como ocorre no caso de Prudentópolis, há uma intensa inversão disso com os casos de regionalismos e necessidade de afirmação identitária.

Nesse sentido, o processo de reconstrução e reformulação da identidade étnica dos descendentes de ucranianos se associa a dos prudentopolitanos, os quais se mesclaram e sofreram influências com o transpassar dos anos. Dessa forma, a mistura entre os ucranianos e os brasileiros resultou no povo prudentopolitano. Entretanto, evidencia-se nesse povo que a cultura ucraniana é soberana ali em razão do maior número de habitantes que descendem de ucranianos. Então eles se sobressaem fortemente e mantêm as suas tradições de origem nesse município, demarcando suas fronteiras étnicas. Assim sendo, essa nova identidade étnica e cultural (a da adaptação ucraniana ao solo brasileiro-paranaense) que prevalece nos descendentes de ucranianos pode ser facilmente observada nos dias de hoje em Prudentópolis.

Fontes orais

KREVEI, Meroslawa. Entrevista concedida a Nikolas Corrent em 27 de janeiro de 2015.

MAZUR, Meron. Entrevista concedida a Nikolas Corrent em 29 de novembro de 2018.

MORSKEI, Nádia. Entrevista concedida a Nikolas Corrent em 5 de setembro de 2017.

OSTAPIV, Marcélia. Entrevista concedida a Nikolas Corrent em 20 de março de 2018.

ZALUSKI, Tarcísio Orestes. Entrevista concedida a Nikolas Corrent em 26 de setembro de 2017.

REFERÊNCIAS

BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, P. & STREIFF-FENART, J. **Teorias da etnicidade, seguido de grupos étnicos e suas fronteiras, de Fredrik Barth**. São Paulo: UNESP, 1998.

BAUMAN, Zigmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2004.

BURKO, Valdomiro N. **A imigração ucraniana no Brasil**. 2.ed. Curitiba, PR: [s. n.], 1963.

CARDOZO, Poliana F. Considerações preliminares sobre produto turístico étnico. In: **Pasos: Revista de Turismo y Patrimonio Cultural**. Canárias, vol.4. n.6. 2006.

COSTENARO, Eliane Cristiane Lupepsa. **Para a dona de casa: Comida e identidade entre descendentes de ucranianos em Prudentópolis/PR, 1963-1976**. 135 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual do Centro-Oeste. 2013.

FERNANDES, Rafael Zílio. **A identidade cultural na pós-modernidade**, 2007. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/paraonde/article/downloadSuppFile/22072/7267>. Acesso em: 10 jun. 2018.

GUÉRIOS, Paulo Renato. **Memória, identidade e religião entre imigrantes rutenos e seus descendentes no Paraná.** Tese (Doutorado em Antropologia Social). Museu Nacional. Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). 2007.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Revista Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 5, 1997.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

HANICZ, Teodoro. Religiosidade, identidade e fronteiras fluídas: algumas considerações sobre os descendentes de ucranianos no Brasil e os desafios contemporâneos. *In: Revista Brasileira de História das Religiões.* Maringá/PR, v. III, n.9, jan. 2011.

HAURESKO, Cecília. **Fumo e êxodo rural – transformações sócio-espaciais nas comunidades rurais de agricultores ucraino-brasileiros em Prudentópolis – PR.** 2001. 164 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence. **A invenção das tradições.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

HORBATIUK, Paulo. **Imigração ucraniana no Paraná.** Porto União, PR: Uniporto, 1989.

IBGE, Cidades. Paraná. 2018. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/bra-sil/pr/panorama>. Acesso em: 8 ago. 2018.

KIZEMA, Pe. Silvestre. **Carta do Pe. Silvestre Kizema ao Pe. M. Mycielski.** 1897. Disponível em: <https://osbm.org.br/wp->

content/uploads/2017/05/carta-pe-kizema-ao-provincial-1897.pdf .
Acesso em: 6 dez. 2018.

MACHULA, Mariano. **XV Congresso da Juventude Ucraino-Brasileira**. Prudentópolis, PR: Gráfica Prudentópolis, 1988.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Projeto História. São Paulo: PUC-SP. n° 10, 1993.

SENIUK, Talita; SKAVRONSKI, Maria InêzAntônio. Imigração ucraniana e colonização em Prudentópolis (1895-1945). **Revista Ateliê de História**, UEPG/Ponta Grossa, v. 2, n. 1, 2014.

SKAVRONSKI, Maria Inêz Antônio. **Rezar e Benzer: rituais sagrados e identidade étnica em Prudentópolis – PR (1990-2014)**. 2015. 153 p. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa.

TENCHENA, Sandra Mara. Comunidade ucraniana: suas fronteiras étnicas e a religião. **Revista Nures**, n.14, jan./abr. 2010. Disponível em: <http://www.pucsp.br/revistanures>. Acesso em: 20 jun. 2018.

TERRIN, Aldo Natale. **O rito: antropologia e fenomenologia da ritualidade**. São Paulo: Paulus, 2004.

TORNQUIST, Ingrid Margareta. **"Isso é o que eu digo da minha mãe"**: para linguagem e ética. Uppsala/Suécia: Science Press, 1997.

CAPÍTULO VII

A PRONÚNCIA DO /R/ NA FALA DE DESCENDENTES UCRANIANOS EM PRUDENTÓPOLIS

Daiane C. Moreira de Souza
Luciane Trennephol da Costa

INTRODUÇÃO

Considerando que toda língua é variável, heterogênea e crucial para a identificação de um grupo e para a formação da identidade cultural de um povo; este capítulo apresenta um estudo sobre a pronúncia e as variações dos sons dos róticos, assim chamados os sons de /r/, na fala dos descendentes de ucranianos em Prudentópolis, cidade do interior do estado do Paraná. Este estudo é parte de uma pesquisa de mestrado em desenvolvimento, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Centro-Oeste e tem por objetivo analisar as variantes róticas, realizadas no português brasileiro falado pelos descendentes de ucranianos em Prudentópolis, no Paraná, e as possíveis influências da língua eslava nessas variações.

O município de Prudentópolis recebeu muitas famílias vindas da Ucrânia e apresenta uma realidade linguística marcada pelo bilinguismo e pela preservação da língua e da cultura ucraniana pelos descendentes de imigrantes ucranianos que ali vivem. Muitas pessoas que vivem em comunidades do interior ainda mantêm o ucraniano como língua materna (COSTA e LOREGIAN-PENKAL, 2015; OGLIARI, 1999), aprendida no lar e só tem contato com o português na escola e na sociedade, constituindo um contexto bilíngue, majoritariamente falado.

A língua ucraniana falada em Prudentópolis é uma das muitas línguas de imigração faladas no Brasil, assim como o polonês também falado no Paraná, entre outras línguas de origem europeias trazidas

pelo fluxo imigratório no século XIX. Os contatos linguísticos e o bilinguismo existente em diferentes graus, conforme a cidade ou região, fazem com que as línguas de imigração possam ter um papel considerável nas variações linguísticas. Para que se tenha um quadro da realidade linguística do país, presente e passada, é preciso investigar a influência das línguas de imigração e sua representatividade histórica e sociocultural.

Os sons que abordamos, os sons róticos, como são chamados de sons do /r/, geralmente estão envolvidos em variações dialetais e fenômenos sonoros variáveis. A realização do /r/ constitui uma marca dialetal muito específica na fala dos descendentes de ucranianos em Prudentópolis, fazendo parte de características muito marcantes do português brasileiro falado na região.

O presente capítulo inicia com uma breve apresentação da cidade de Prudentópolis, conhecida como “a Ucrânia brasileira”, focando em alguns aspectos da imigração ucraniana e do uso linguístico. Em seguida, descrevemos os sons róticos e suas variações e os pressupostos teóricos que embasam o estudo. Por fim apresentamos as análises feitas, advindas de entrevistas do Banco de Dados VARLINFE, Variação Linguística de Fala Eslava, seguidas de algumas considerações finais.

Prudentópolis - a Ucrânia brasileira

No século XIX, o Brasil teve sua formação cultural e sua ocupação territorial alterada pela chegada de imigrantes europeus (RASO, MELLO e ALTENHOFEN, 2011) de várias etnias desfazendo o mito da tríade étnica luso, indígena e africano na formação cultural do país. Neste conjunto de etnias europeias inserem-se também os imigrantes ucranianos que chegam ao Brasil em grande número e se deslocam principalmente para as cidades do Sul do Brasil. Prudentópolis foi a cidade do Paraná e do Brasil que mais recebeu imigrantes ucranianos, eles foram destinados a locais inacessíveis do município, desbravaram as matas densas e sem

estradas (ZAZULA, 2015). Conforme Vitchmichen (2018), o município é tido como a maior comunidade de ucranianos fora da Ucrânia, localiza-se na Região Centro Sul do Estado do Paraná.

A imigração ucraniana ao Brasil dá-se em três momentos principais (BORUSZENKO, 1995). No século XIX, entre 1895 e 1896 chegam imigrantes vindo principalmente da região ocidental da Ucrânia, conhecida como Galícia e Bukovina, aproximadamente cinco mil famílias de agricultores. Essa primeira leva veio em busca de melhores condições de vida e de trabalho, sendo as razões da vinda dos primeiros imigrantes sociais e econômicas. Após 1917 e 1945, a imigração tinha motivações políticas esses imigrantes eram principalmente operários e profissionais de várias categorias, militares, ex-prisioneiros de guerra e refugiados políticos.

No final do século XIX, os governantes se esforçavam para colonizar as áreas longe das cidades, por isso Prudentópolis recebeu muitos imigrantes. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 1884, iniciou-se uma povoação com o nome de São João de Capanema que em 1892 tornou-se distrito de Guarapuava. Em 1906, tal vila recebeu o nome de Prudentópolis, em homenagem ao então presidente da república, Prudente de Moraes. Como as primeiras levadas de imigrantes ucranianos chegaram também na última década do século XIX, observamos que o desenvolvimento da cidade está ligado à imigração.

O que destaca os descendentes ucranianos no Paraná, e especificamente em Prudentópolis, é a manutenção da cultura dos antepassados, presente na arquitetura, na culinária, artesanato, rituais religiosos e no uso linguístico. O bilinguismo é bastante presente na cidade, com casos de falantes cuja primeira língua é a língua ucraniana, não o português (COSTA e LOREGIAN-PENKAL, 2015). Os imigrantes e seus descendentes conseguiram manter viva sua língua materna, com número expressivo de falantes, das memórias e identidade preservadas, principalmente pela religião e pelas práticas culturais. Segundo Ramos (2012), o número expressivo de

descendentes na cidade também contribuiu para a preservação da cultura:

No caso do município de Prudentópolis, o imigrante ucraniano conseguiu ou procurou manter e até certo ponto conseguiu – sua cultura e seus costumes aos moldes do modelo eslavo original, pois formavam na ocasião um contingente étnico que beirava os 75%, na década de 80, entre imigrantes e descendentes. (RAMOS, 2012, P. 59.)

Esse contexto bilíngue é predominantemente oral, mas tem usos escritos também. A paisagem linguística da cidade é marcada por registros escritos tanto em espaços públicos como privados. Em Costa e Melnyk (2020), realizou-se um mapeamento dos processos de letramentos em língua ucraniana na cidade e coletou-se dados e registros fotográficos de monumentos públicos, túmulos, jornais, materiais de catequese e calendários distribuídos pelo comércio local com escrita ucraniana.

Toda essa situação bilíngue propicia contatos linguísticos que se refletem no português brasileiro falado pelos descendentes de ucranianos. Na perspectiva teórica adotada nesta pesquisa, a sociolinguística quantitativa laboviana, acredita-se que toda língua varia e que esta variação pode levar ou não a mudança linguística (LABOV, 2008 [1972]) e que fatores como a idade, o sexo, a escolaridade e a etnia podem condicionar o uso linguístico, a escolha das formas linguísticas variáveis pelos falantes. Labov considera que a identidade étnica desempenha um papel importante no uso linguístico: “a mudança linguística pode também ser diferenciada com um grupo étnico ou uma casta particular, e que vários grupos étnicos podem tratar a mesma variável de modos diferentes.” (LABOV, 2008 [1972], P. 342).

Estudos acerca da aquisição e aprendizado de uma segunda língua (FLEGE, 2007) também mostram que os contatos linguísticos trazem consequências para os sistemas fonéticos dos falantes. Anteriormente, aceitava-se que ao aprender uma língua diferente daquela de aquisição, aquela que o falante usou para começar a falar,

esse processo de aprendizado sofreria influências da primeira língua na língua de aprendizado. Por exemplo, no inglês se usa o rótico fraco retroflexo, que será caracterizado por nós na próxima seção deste capítulo, em início de sílaba. Quando um falante da língua inglesa estiver aprendendo a língua portuguesa poderá incorrer em erro ao usar o retroflexo no início de sílaba, pois no português não temos rótico fraco neste ambiente silábico, e produzir, por exemplo, *rua* como [rua], o r aqui pronunciado como geralmente pronunciamos em *parte*, e não [xua], o r aqui pronunciado com a variante fricativa velar [x] como geralmente produzimos em *rato* ou *carro*. Entre colchetes temos a transcrição fonética das palavras com os símbolos fonéticos de acordo com o Alfabeto Fonético Internacional.

No entanto, os estudos de Flege (2007) e outros teóricos, demonstram que a segunda língua do falante também influencia a primeira. Os sistemas se interrelacionam, não passam incólumes pelo processo de contato linguístico. Neste estudo, focamos na realização pelos descendentes de ucranianos dos sons róticos que caracterizaremos na próxima seção.

Os róticos

Os sons de ‘r’ são chamados na literatura linguística de “róticos”. São sons com uma ampla gama de variações fonéticas e geralmente estão envolvidos em fenômenos variáveis. São caracterizados pelos vários modos possíveis de articulação e pelos pontos onde são formados, podendo ser fricativos, vibrantes, aproximantes, tenses, retroflexos, alveolares, uvulares, velares. Essa grande variação torna difícil agrupar e definir todos os sons por meio de uma característica comum, chegando os especialistas a justificar a classe fonética dos róticos pelo uso da letra. É o caso de Ladefoged e Maddieson (1996, p.15) para quem o termo *róticos* e o agrupamento em sons de “r” são baseados no fato de que esses sons tendem a ser escritos com a mesma letra nos sistemas ortográficos derivados da tradição greco-romana.

Os sons das línguas são definidos e estudados pela fonética e são classificados por uma ou mais propriedades, articulatórias, auditivas ou acústicas que justificam o agrupamento em classes sonoras. Essa gama de variação dos róticos e a diversidade de classificação do r, entre as línguas, quanto ao modo e ao ponto de articulação, representa um desafio para a noção de uma classe sonora dos róticos (DICKEY, 1997, p. 71). Essa gama de variação dos róticos caracteriza os diferentes usos dialetais. E no português brasileiro, temos muitas variantes:

No português Brasileiro, doravante PB, coexistem as variantes anteriores, a vibrante múltipla anterior [r], o tepe [ɾ] e o retroflexo [ɻ], e as variantes posteriores, a fricativa velar surda [x] e sonora [ɣ] e a fricativa glotal surda [h] e sonora [ɦ]. Os sons róticos são fortes marcas dialetais e cada região de nosso continental país produz suas variantes típicas. (COSTA E COTOVICZ, 2015).

O tepe ou rótico fraco é um som de r que se caracteriza articulatoriamente por ocorrer um movimento rápido de ponta de língua na região dos alvéolos, a região acima da arcada dentária superior (COSTA, 2013). O outro rótico fraco, o retroflexo, é uma variação do tepe na qual a ponta da língua encurva-se em direção à região alveolar. No rótico retroflexo ocorre o levantamento e o encurvamento da ponta da língua em direção aos alvéolos, ocorrendo somente uma aproximação, podendo haver eventualmente um contato da língua com uma superfície muito reduzida (COSTA, 2013, p. 62).

As variantes ditas fortes, são as vibrantes anterior alveolar e vibrante posterior velar. A vibrante alveolar ou fricativa anterior é produzida com múltiplos toques da ponta da língua em direção aos alvéolos e é chamada de vibrante alveolar. A fricativa posterior é produzida com o estreitamento da região posterior do trato no véu palatino, e é chamada de vibrante velar. Esta é a fricativa usada predominantemente no Brasil em início de sílaba.

No português brasileiro, as variantes fracas, tepe e retroflexo são realizadas produtivamente em coda silábica, que é a posição de

final de sílaba como, por exemplo, nas palavras *parte* e *amor*. Já as variantes ditas fortes, a vibrante alveolar e a vibrante velar em início de sílaba como, por exemplo, nas palavras *rua* e *carro*.

Na página eletrônica da Representação Central Ucrâniana Brasileira (RCUB) nas abas “Cultura” e após “Língua Ucrâniana”, há uma transliteração que cita as letras e seus respectivos sons na língua eslava. Consta uma explicação específica acerca do som de “r”: “No ucraniano não existe *rr*, tanto na grafia como na pronúncia: *pada* – *rada* não é *rrada* nem *hada*.”

Acerca da fonética da língua ucraniana, o estudo de Zilyns’kvy (1979) descreve várias variantes róticas. O autor é um foneticista e dialetólogo que em sua obra detalha as variantes fonéticas dialetais da língua ucraniana nas primeiras décadas do século XX. No quadro dos sons consonantais do ucraniano, este autor lista como variantes róticas uma vibrante alveolar, um rótico palatal, fricativas uvulares e glotais e suas realizações dependem da região em que ocorrem: “The soft r is preserved relatively often in eastern pronunciation, but in western pronunciation is hard or tends to harden.” (p.39). O rótico palatal é descrito como:

Its manner of articulation differs in that the raising of the front part of the dorsum toward the hard palate causes the whole front of the tongue to move forward somewhat, with the side ridges of the tongue lying on a larger area of the gums of the upper side teeth (than with the hard r), and with the tip of the tongue vibrating against the lower ridge of the gums of the upper incisors. (ZILYNS’KVY, 1979, p.103)⁹³

Esta variante palatal ocorre nos dialetos do leste ucraniano incluindo a Bukovina, tido como um dos lugares de origem dos imigrantes que vieram para o Brasil (BOROSZENKO, 1995). Na região da Galícia, outro ponto de origem dos imigrantes, o autor

⁹³ Uma tradução possível seria: *Sua articulação difere na medida em que a elevação do dorso da língua em direção ao palato duro faz com que o corpo de língua se anteriorize tocando uma área maior do palato e a ponta da língua vibrando junto aos dentes superiores. Tradução das autoras.*

menciona um processo de despalatalização do rótico. Faz-se necessários estudos descritivos que investiguem detalhes fonéticos da língua ucraniana falada pelos descendentes no Brasil para que se conheça as variantes produzidas por esses falantes.

Neste estudo, investigamos os sons róticos produzidos por esses descendentes ucranianos ao falar a língua portuguesa. O objetivo de nossa pesquisa, portanto é descrever e investigar os sons róticos produzidos pelos descendentes de ucranianos em Prudentópolis e contribuir para o conhecimento do português brasileiro falado fora dos grandes centros urbanos. Conforme Mattos e Silva (2004), muitos bancos de dados linguísticos consolidados na pesquisa linguística contribuíram para o conhecimento do português falado no Brasil, mas pesquisas acerca da fala dos descendentes ucranianos são poucas.

Para descrever os sons róticos no português brasileiro falado pelos descendentes de ucranianos em Prudentópolis recorreremos às entrevistas do Banco de Dados Sociolinguísticos VARLINFE cuja metodologia trataremos na próxima seção.

Metodologia do estudo e análise dos dados

Neste estudo, empregamos os pressupostos teóricos da Sociolinguística Quantitativa Laboviana (LABOV, 2008 [1972]) para descrever e investigar os fatores condicionadores do uso dos sons róticos pelos descendentes de ucranianos em Prudentópolis. Essa abordagem linguística considera a variação inerente às línguas humanas e condicionadas por fatores linguísticos, internos ao sistema das línguas como sons adjacentes e ambiente silábico em que o som ocorre, e sociais, como a idade e a escolaridade do falante.

A sociolinguística tem como objeto de estudo a língua, a linguagem e as relações com a sociedade. A língua é objeto de estudo de vários ramos do conhecimento e a sociolinguística estuda a língua e seu contexto social, a diversidade linguística, os fatores como a identidade do emissor e receptor, o surgimento e a extinção de

línguas, suas variações e variedades, o multilinguismo e as mudanças que ocorrem.

O exame da linguagem no contexto social é tão importante para a solução de problemas próprios da teoria da linguagem, que a relação entre língua e sociedade é encarada como indispensável, não mero recurso interdisciplinar. Como a linguagem é, em última análise, um fenômeno social, fica claro, para um sociolinguista, que é necessário recorrer às variações derivadas do contexto social para encontrar respostas para os problemas que emergem da variação inerente ao sistema linguístico (CAMACHO, 2001, p. 50).

Para a análise de dados e a investigação do uso dos róticos no falar dos descendentes de ucranianos em Prudentópolis, no Paraná, são utilizados dados e entrevistas retiradas do Banco de Dados Variação Linguística de Fala Eslava - VARLINFE. Este banco de dados é um projeto de extensão que se iniciou em 2013 (COSTA e LOREGINA-PENKAL, 2015) e estuda as características do português falado pelos descendentes de imigrantes ucranianos e poloneses que residem nas cidades da região da Universidade Estadual do Centro-Oeste, Campus da cidade de Irati.

O VARLINFE foi criado para mapear a cultura eslava no sul do Paraná, documentar e investigar a fala de descendentes de imigrantes eslavos que vivem nas cidades da região. Está vinculado ao Programa Permanente de Extensão Núcleo de Estudos Eslavos - NEES, conta com 144 informantes e abrange a fala dos habitantes brasileiros das cidades de Irati, Ivaí, Mallet, Rebouças, Rio Azul e Prudentópolis.

Este banco adota a metodologia da sociolinguística variacionista laboviana e a coleta consiste em entrevistas com falantes destas comunidades, de preferência da zona rural, que narram de forma livre, falam de assuntos variados e de seu interesse e falam da maneira mais natural possível. A escolha dos entrevistados e o perfil dos mesmos seguem alguns critérios: ser descendente de eslavos, ter nascido ou ter ido morar até os dois anos de idade na comunidade, não ter viajado muito para outras localidades, morar na zona rural de um

dos municípios da região. As entrevistas foram feitas com gravador de voz, na casa dos informantes, tem em média 40 minutos de duração e foram colhidas pelas coordenadoras do projeto com o auxílio dos bolsistas do NEES. Em Prudentópolis, os dados foram colhidos em 2012, e abrangeram várias comunidades do interior do município, onde descendentes de ucranianos trabalham na zona rural e mantêm viva a cultura e a língua de seus antepassados.

O VARLINFE é um importante registro do português brasileiro falado por descendentes de imigrantes poloneses e ucranianos no sul do Paraná, além disso, guarda memórias, destaca as relações sociais existentes nas comunidades, nos locais de fala, retratando a forma como a religião, os costumes e também a universidade tem um importante papel na manutenção da língua de imigração, nesses locais. Na metodologia da sociolinguística quantitativa laboviana, busca-se deixar o informante bem à vontade de modo a registrar a sua fala o mais natural possível, o chamado vernáculo. As entrevistas do VARLINFE constituem-se em testemunhos da história e da atualidade da vida nas comunidades eslavas no interior do Paraná. Através do Banco de Dados VARLINFE pesquisas como essas são possíveis e o estudo da língua usada pelos falantes das cidades do interior do Paraná que apresentam uma grande influência das línguas eslavas se tornam disponíveis para a sociedade.

Nesta etapa da pesquisa, escutamos as entrevistas de oito informantes descendentes de ucranianos em Prudentópolis e que moram em comunidades do interior do município, transcrevendo os trechos com sons róticos e analisando de oitiva, contando apenas com a percepção da pesquisadora para descrever o tipo de rótico realizado. Neste recorte, apresentamos dados de fala de três pessoas do sexo masculino e cinco pessoas do sexo feminino conforme pode ser visualizado na Tabela 1. As faixas etárias compreendem falantes de 28 a 75 anos, sendo seis informantes com até 50 anos e dois com mais de 50 anos. Quanto à escolaridade, a maioria dos informantes tem

apenas o primário, estudou até a quarta série do ensino fundamental, um estudou até a sexta série primária e um cursou o ensino médio.

Tabela 1
Perfil dos Informantes

Informante	Escolaridade	Faixa Etária	Sexo	Descendência
1	4 Série	42 Anos	Masculino	Pais ucranianos
2	4 Série	65 Anos	Feminino	Pais ucranianos
3	4 Série	28 Anos	Feminino	Pais ucranianos
4	2 Série	75 Anos	Masculino	Pais ucranianos
5	6 Série	44 Anos	Feminino	Pais ucranianos
6	Ens. Médio	37 Anos	Feminino	Pais ucranianos
7	4 Série	42 Anos	Masculino	Pais ucranianos
8	3 Série	46 Anos	Feminino	Pais ucranianos

Fonte: As autoras.

Todos os informantes são descendentes de ucranianos, as entrevistas analisadas contêm aproximadamente 40 minutos de duração e relatam as memórias da infância, as tradições, a religião, a manutenção da língua e tudo que mantém viva a cultura desse povo. Cada entrevista foi escutada anotando-se todos os sons de /r/ produzidos pelos informantes e qual a variante realizada.

Nessas entrevistas, os descendentes falam da chegada de seus antepassados ao local, como eles refizeram sua vida na nova terra e como se deu o contato com os brasileiros. Falam também das suas

memórias, da religião, dos costumes mantidos e da preservação de sua cultura. Fica evidente na fala dos informantes a situação do bilinguismo presente no município de Prudentópolis e o contato linguístico que ocorreu com a chegada dos imigrantes ucranianos.

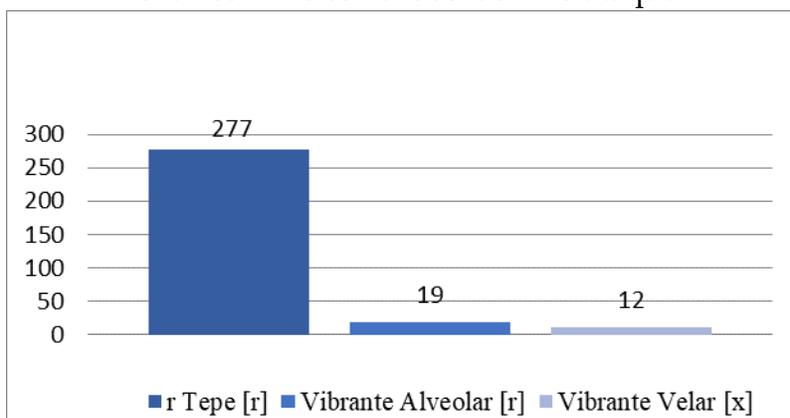
Os descendentes de ucranianos muitas vezes aprendiam a língua ucraniana em casa, com a família e só tinham contato com o português na escola. Um dos informantes, o informante quatro, deixa claro em sua entrevista a dificuldade encontrada em aprender a língua portuguesa e como era difícil obedecer as medidas proibitivas impostas, cita as dificuldades encontradas por eles: “Olha o problema é que nós não sabia falar em português, era difícil estudar”. Em outro trecho, ele relembra as medidas de proibição para que as línguas de imigração não fossem utilizadas pelos imigrantes: “Naquele tempo do presidente Getúlio Vargas era proibido falar né, outra língua, hoje é liberado né?”. Segundo ele, quando a professora percebia que os alunos estavam falando a língua ucraniana os repreendia, “A professora dizia não quero conversa de papagaio e ela era ucraniana também”. Nestes trechos fica clara a dificuldade encontrada pelos imigrantes ucranianos e a necessidade que eles tiveram de utilizar o português na escola, na vida social, para desenvolver as atividades cotidiano.

Nas falas de outros informantes é possível perceber como foi o contato com a língua portuguesa na escola, com professores que muitas vezes eram descendentes de ucranianos, mas só podiam ensinar utilizando o português. A informante 6 diz: “Nós não sabia falar bem o português, falava um pouco de português misturado com o ucraniano”. Já a informante 3 comenta sobre a professora: “Ela era descendente de ucranianos mas falava em ucraniano e brasileiro”, com essas falas fica evidente que o ucraniano devia ser restringido ao lar, enquanto a língua nacional era utilizada nas relações sociais, na escola, nas atividades cotidianas desse povo. O informante 7 em sua entrevista afirma: “Eu só falava ucraniano na época, eu aprendi o português na escola, foi aprendendo meio na marra”. Todas essas falas só evidenciam ainda mais o contato linguístico existente no local e o

modo como esses descendentes lutaram para preservar suas memórias, sua cultura e principalmente sua língua.

Quanto ao uso dos róticos, as audições feitas da amostra revelaram a presença de quatro variantes róticas: o tepe, a vibrante alveolar, a vibrante velar e uma variante ainda não identificada. O tepe que foi predominante na fala de todos os informantes. No gráfico 1, podemos visualizar as ocorrências do r no ataque absoluto, início de palavra, como, por exemplo, em palavras como *rua* e *rio* e no ataque medial, início de sílaba no meio da palavra, como, por exemplo, em *barro* e *carro*. Analisamos 308 dados de ocorrências no ataque e obtivemos 277 variantes tepes, enquanto a vibrante alveolar ocorreu apenas 19 vezes e a vibrante velar em 12.

Gráfico 1 – Ocorrências do r no ataque



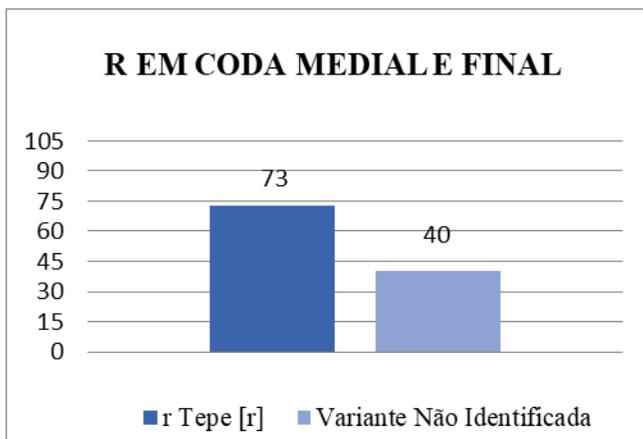
Fonte: As autoras.

Percebemos pelos dados do gráfico que ocorreu predominantemente o uso do tepe no ataque, regra contrária à produtiva no português brasileiro, que é a realização da vibrante velar no ataque e do tepe na coda, final de sílaba, ou no ataque complexo, aquele composto por dois sons consonantais como, por exemplo, na palavra *prato*.

No ambiente de coda silábica, final de sílaba, o tepe também foi a variante predominante, tanto na coda medial, final de sílaba no

meio da palavra como, por exemplo, em *verdade* e *irmão*; como na coda final, final de sílaba e final de palavra como, por exemplo em *por* e *maior*. Nos dados analisados, o r em coda foi observado em 112 ocorrências, das quais ocorreu o r tepe em 73 vezes e houve a presença de uma variante rótica de difícil caracterização. Auditivamente, não soa como retroflexão, mas que parece ter vibração ou fricção.

Gráfico 2 – Variantes na coda silábica



Fonte: As autoras.

O uso do r tepe é uma característica muito marcante na fala dos descendentes de ucranianos em Prudentópolis. Como consequência dessa predominância da variante, temos a produtividade do fenômeno de substituição do r-forte pelo r-fraco no ataque. Na Tabela 2, listamos as palavras nas quais ocorreu esta substituição nos dados da amostra.

Tabela 2 – Dados de troca de r forte por r fraco por ambiente silábico

ATAQUE ABSOLUTO	ATAQUE MEDIAL	CODA MEDIAL	CODA FINAL
Risada (4)	Carro (11)	Perfeita (1)	Maior (3)
Reuniam (4)	Arrecadando (1)	Verdade (2)	Por (5)
Rússia (1)	Correr (5)	Irmã (8)	Pior (2)
Ripas (1)	Carroça (7)	Perder (1)	Ter (1)
Realidade (2)	Guerra (2)	Perdoado (1)	Menor (1)
Roça (15)	Terra (9)	Governo (1)	
Rua (2)	Derrubar (3)	Porco (2)	
Rapazes (4)	Barro (4)	Forquilha (1)	
Respeito (5)	Morrer (4)	Mercado (1)	
Régua (1)	Erro (4)	Porque (8)	
Reunião (4)	Serra (6)	Argentina (1)	
Rígida (3)	Arrolho (3)	Guardar (2)	
Rezam (11)	Arroz (4)	Moderno (1)	
Rio (7)	Ferro (1)	Terminar (1)	
Representam (2)	Beterraba (3)	Certo (1)	
Redonda (1)	Enrolar (2)	Enxergar (1)	
Recebeu (7)	Borracha (1)	Curso (2)	
Resto (4)	Amarraram (1)	Português (6)	
Renovar (1)	Ferramenta (1)	Vergonha (1)	
Roupa (9)	Barraca (1)	Paternos (1)	
Reserva (1)	Encerramento (2)	Cerveja (1)	
Reprovei (1)	Garrafa (1)	Portão (1)	
Revoltada (1)	Barra (2)	Cortar (1)	
Ressurreição (3)	Marra (1)	Dormir (1)	
Rosa (3)	Carregar (2)	Vermelho (1)	
Roubar (2)	Arrepende (1)	Forma (1)	
Raiva (3)	Agarrando (2)	Serviço (3)	
Ruim (3)	Corrigir (1)	Terceira (2)	
Religioso (2)	Barranco (1)	Árvore (1)	

Fonte: As autoras.

Na tabela 2, os números entre parênteses indicam o número de vezes em que cada palavra ocorreu na fala dos oito informantes. Também os dados estão separados por ambiente ataque, e se absoluto

ou medial, e coda, de medial ou final. No ataque absoluto, o maior número de ocorrências foi na forma verbal *rezam* e no ataque medial foi em *carro*. Já na coda medial, o maior número de ocorrências foi em *irmã* e *porque* e na coda final foi na preposição *por*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este texto compila os resultados iniciais da análise dos sons róticos realizados no português brasileiro falado por descendentes de ucranianos em Prudentópolis, no Paraná. Os sons róticos, como são chamados os sons de “r” na linguística, são sons com muitas variantes, diferentes formas de pronúncia, que constituem fortes marcas dialetais e geralmente estão envolvidos em fenômenos variáveis.

Para descrever esses sons na fala dos descendentes ucranianos, recorreremos às entrevistas do VARLINFE, banco de dados formado por entrevistas com descendentes eslavos, ucranianos e poloneses, moradores do interior do Paraná. Os dados apresentados neste texto referem-se à análise de oito entrevistas retiradas do VARLINFE, com oito falantes entre 28 e 75 anos, sendo três informantes masculinos e cinco femininos, todos descendentes de ucranianos e moradores de localidades do interior de Prudentópolis, as entrevistas contêm aproximadamente 40 minutos de duração e falam dos costumes, da chegada, das dificuldades, da língua e da cultura ucraniana ainda mantida por esses descendentes.

A análise revelou que ocorrem quatro variantes róticas no falar dos descendentes de ucranianos em Prudentópolis: o tepe, a vibrante alveolar, a vibrante velar e uma variante ainda não identificada. O tepe foi a variante predominante tanto no ataque como na coda. Ocorreram também casos das variantes vibrante alveolar e velar no ambiente de ataque e uma variante ainda não identificada na coda. Como ressaltamos no início deste capítulo, os dados apresentados são parte de uma pesquisa de mestrado em desenvolvimento. Na continuidade do estudo pretendemos ampliar a amostra, incorporando dados de mais informantes, e investigar os possíveis fatores

condicionadores para a realização das variantes, seguindo a metodologia da sociolinguística quantitativa laboviana, bem como do fenômeno de substituição do r-forte pelo r-fraco. Também pretendemos analisar acusticamente e descrever a variante ainda não identificada.

Esta primeira aproximação com a investigação de oitiva da realização das variantes róticas pelos descendentes de ucranianos de Prudentópolis demonstrou a predominância do tepe e a alta produtividade do fenômeno de troca do r-forte pelo r-fraco nos dados analisados. Por fim, este trabalho visa contribuir para o conhecimento e para o registro do português brasileiro e da fala de etnia eslava no país. A cultura ucraniana faz parte da diversidade cultural e linguística brasileira, historicamente muito ocultada, que deve ser registrada e legitimada socialmente.

REFERÊNCIAS

BORUSZENKO, Oksana. **Os Ucranianos**. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 1995.

CAMACHO, Roberto Gomes. Sociolinguística. *In: **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras***. Mussalín, F. e Bentes, A. C. (orgs.) São Paulo: Cortez, 2001. Volume 1.

COSTA, L.T., LORENGIAN, L. A coleta de dados do banco VARLINFÉ –Variação linguística de fala eslava: peculiaridades e características. **Revista Conexão UEPG**, 11 (1), 100 - 110, 2015.

COSTA, L.T; COTOVICZ, M. Notícias de uma sobrevivente: a variante rótica vibrante múltipla alveolar em Rebouças, PR. *In: **Web-Revista SOCIODIALETO*** - UEMS/Campo Grande, v. 6 (17), nov. 2015.

COSTA, L.T, MELNIK.G. Processos de letramentos em língua ucraniana no interior do Paraná. *In: **Revista Littera***. UFMA, 2020.

COSTA, L.T. Fenômenos variáveis e variantes líquidas produzidas no ataque complexo. *In: Acta Scientiarum. Language and Culture*. Maringá, v. 35, n. 2, p. 179-186, 2013.

DICKEY, Laura Walsh. **The Phonology of Liquids**. Tese de Doutorado, University of Massachusetts, 1997.

FLEGE, J. Language contact in bilingualism: Phonetic system interactions. In J. Cole and Hualde, J.(Eds.), **Laboratory Phonology 9**. Berlin: Mouton de Gruyter, Pp. 353-380.

IBGE Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível no endereço eletrônico: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/prudentopolis/histórico>. Acesso em 03 de abril de 2021.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

LADEFOGED, Peter; MADDIESON, Ian. **The sounds of the World's Languages** Massachusetts: Blackwell Publishers Ltda, 1996.

MATTOS e SILVA, R. V. **Ensaio para uma sociohistória do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2004.

OGLIARI, M. **As condições de resistência e vitalidade de uma língua minoritária no contexto sociolinguístico brasileiro**. 1999. Tese (Doutorado) Florianópolis: UFSC, 1999.

RAMOS, O.F. **Experiências da colonização eslava no Centro-sul do Paraná: Prudentópolis 1895-1995**. 2012. 219 f. Tese de doutorado. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, 2012.

RASO, T.; MELLO, H e ALTENHOFEN, C. Os Contatos linguísticos e o Brasil: Dinâmicas pré-históricas, históricas e sociopolíticas. *In: MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo V.; RASO, Tommaso*

(orgs.) **Os Contatos Linguísticos no Brasil**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, p. 1356-216.

VITCHMICHEN, H, S. A imigração ucraniana em Prudentópolis. **XIV Encontro Regional de História**. UEPG, 2018.

ZAZULA, M. Descendentes de ucranianos em Prudentópolis (PR): Memórias dos processos sociais da educação. **EDUCERE. XII Congresso Nacional de Educação**. PUCPR, 2015.

ZILYNS'KYJ, Ivan. **A phonetic description of the Ukrainian Language**. Cambridge: Harvard University Press, 1979. RCUB – Representação Central Ucraniana Brasileira. Disponível no endereço eletrônico: <http://www.rcub.com.br/rcub/quem-somos/lingua/>. Acesso em 05 de abril de 2021.

CAPÍTULO VIII

O JORNAL PRÁCIA: POSSIBILIDADES DE PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO HISTÓRICO SOBRE IMIGRANTES UCRANIANOS NO PARANÁ

Odinei Fabiano Ramos
Marcos Nestor Stein

No Brasil, somente a partir da década de 1970 que os jornais passaram a ocupar um lugar de destaque como fontes e objetos de pesquisas históricas. De acordo com a historiadora Tânia de Luca (2011), desde então cada vez mais a imprensa tem se constituído em um importante manancial de estudos sobre diversos temas, tais como migrações, política, gênero, cidades, trabalhadores, economia, violência, identidades culturais, etc.

Esse alargamento do campo de investigação, oriundo, em especial, das discussões da terceira geração da Escola dos *Annales*, veio acompanhado da renovação de paradigmas, fazendo com que os historiadores repensassem as fronteiras da pesquisa histórica e as possibilidades que envolvem, por exemplo, a construção de subjetividades, de identidades e a análise das estruturas e sentidos das narrativas.

Portanto, é nesse cenário de renovação que jornais e revistas se tornam fontes e objetos de pesquisa para historiadores. Ou seja, trata-se de uma renovação dos objetos e temas da História e de novos olhares sobre os periódicos, que também passaram a ser vistos como *meios de expressão de ideias* (CAPELATO, 1988).

Como é de praxe em outras fontes, a pesquisa com periódicos deve ser realizada observando-se os procedimentos metodológicos da disciplina, que envolvem a crítica externa e interna desse material e o necessário diálogo bibliográfico. Por exemplo, é necessário identificar as pessoas ou grupos responsáveis pela publicação, o público alvo,

fontes das receitas, contexto de publicação e “analisar todo o material de acordo com a problemática escolhida”. (LUCA, 2011, p. 142.)

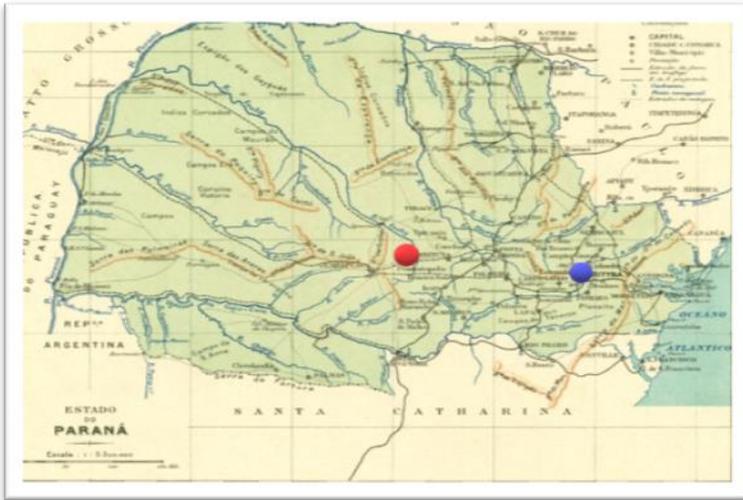
Deve-se destacar que os jornais não apenas registram o que aconteceu, mas participam da produção dos sentidos sobre o acontecimento. Nesse sentido, tomamos emprestadas as seguintes palavras de Capelato:

O jornal não é um transmissor imparcial e neutro dos acontecimentos e tampouco uma fonte desprezível porque permeada pela subjetividade. A imprensa constitui um instrumento de manipulação de interesses e intervenção na vida social. Partindo desse pressuposto, o historiador procura estudá-lo como agente da história e captar o movimento vivo das idéias e personagens que circulam pelas páginas dos jornais. A categoria abstrata da imprensa se desmistifica quando se faz emergir a figura de seus produtores como sujeitos dotados de consciência determinada na prática social (CAPELATO, 1988, p. 21).

Levando isso em consideração, nesse capítulo tomaremos como objeto de reflexão o jornal *Prácia*, que foi fundado no início do século XX por imigrantes ucranianos e tornou-se o principal veículo de imprensa imigrante da região de Prudentópolis-PR. Objetivamos apresentar as possibilidades - e dificuldades - de temas que esse periódico proporciona para a investigação histórica envolvendo narrativas sobre a população do referido município.

Prudentópolis tornou-se município em 1906. Sua formação se deu ao final do século XIX com a fixação de imigrantes oriundos da Galícia Oriental e Ucrânia Ocidental. De acordo com Ramos e Olinto (2020), o “número de ucranianos que vieram para o Paraná é incerto, pois numerosos foram os ucranianos que, tendo vindo da Galícia, entraram no país ora como austríacos, ora como poloneses”. (RAMOS; OLINTO, 2020, p. 23).

Imagem nº1: Mapa do Paraná



Fonte: <http://www.mapas-historicos.com/atlas-1923/atlas.htm> –
Modificado pelos autores⁹⁴

O Jornal *Prácia* (ПРАЦЯ)

Considerado o “mais tradicional jornal dos ucranianos no Brasil”⁹⁵, o *Prácia*, cuja tradução é “O Trabalho”, começou a ser publicado em dezembro de 1912 pela tipografia dos Padres Basilianos, pertencentes à Ordem de São Basílio Magno⁹⁶, que se instalaram em Prudentópolis em 1897 e construíram a Igreja Greco Católica de Rito Bizantino (SKAVRONSKI, 2014).

Durante os primeiros três anos, o jornal era publicado a cada quinze dias. A partir de 1915 as edições passaram a ser semanais. Até

⁹⁴ A marca vermelha indica a localização do município de Prudentópolis, enquanto a azul indica a capital, Curitiba.

⁹⁵ Essa afirmação está no texto que descreve o jornal no site da Gráfica Prudentópolis. Para mais detalhes, ver: <http://www.graficaprudentopolis.com.br/jornal-pracia.php>

⁹⁶ “Essa congregação [...] foi fundada pelo Bispo e posteriormente Arcebispo da Cesaréia, na Ásia Menor, São Basílio Magno (329-379) e reformada por São Josafat Kuntzevitch entre os anos de 1607 a 1623. [...] seus membros professam os votos de pobreza, castidade e obediência.” (SKAVRONSKI, 2014, p. 56-57)

1993, a língua predominante era o ucraniano⁹⁷. Em 1998, o periódico passou a ser editado em idioma ucraniano e em língua portuguesa (SKAVRONSKI, 2014, p. 21).

Na imagem a seguir, reproduzimos uma imagem da edição de 1914.

Imagem nº 2: Jornal Prácia de 10 de janeiro de 1914.



Fonte: JORNAL PRACIA. Prudentópolis: Gráfica dos Padres Basilianos. Edição quinzenal, 1914. Acervo da Gráfica: Tipografia de Prudentópolis.

Embora o jornal fosse editado em língua ucraniana, o que, à primeira vista, indicaria a intenção de se estabelecer uma única identificação, a de ser um periódico ucraniano, ou “rutheno”⁹⁸ - como

⁹⁷ Devido ao uso de idioma estrangeiro, o Prácia teve sua publicação suspensa de 25 de agosto de 1939, em função do Decreto-lei nº 1.545, até o final da Segunda Guerra Mundial (GOMES e POLAK, 2008).

⁹⁸ Rutenos/ucranianos são procedentes da Galícia que juntamente com a Bukovina formavam a região atual da Ucrânia. Tais territórios estavam sob o jugo do Império Austro-Húngaro. De acordo com Andreezza (1999) nos anos finais do século XIX, os rutenos galicianos e bucovinos instituíram a adoção de um novo nome nacional: ucranianos. (Andreezza, 1999, p. 35, nota 1). Tal denominação se manteve, pois, o termo Ruteni - do latim - significa nativo, de descendências dos primeiros povos. Ressalta-se, também, o fato do termo ter sido designado pela cúria papal para se

também eram identificados os imigrantes leitores -, ao observarmos com mais atenção as imagens no box perceberemos um trabalho envolvendo os usos de diferentes símbolos, ampliando e complicando, assim, essa identificação. Vejamos: a imagem ao centro é o brasão da Ordem dos Padres Basilianos. À esquerda há a representação de um leão - que também está presente no brasão da Ucrânia - e à direita temos a imagem de um anjo, provavelmente Miguel Arcanjo. Abaixo temos a inscrição “Deus Proteja a Ucrânia”. Na parte superior, ao lado direito do brasão temos uma representação do estado nacional brasileiro e no esquerdo uma do estado do Paraná – a bandeira nacional e o brasão do Paraná, respectivamente. Na parte inferior temos à esquerda uma imagem de plantas, simbolizando a produção agrícola, e ao lado direito uma representação do jornal com o registro do ano de sua fundação. Trata-se, portanto, de uma composição que utiliza elementos religiosos e laicos na construção da identificação do jornal e dos seus leitores imigrantes: são ucranianos/ruthenos/brasileiros/paranaenses, cristãos e trabalhadores empenhados em contribuir para o desenvolvimento da nova pátria.

Essa composição identitária também é perceptível no texto da primeira edição:

No editorial do primeiro número, que é preservado originalmente na Gráfica Prudentópolis, o redator explica a finalidade do jornal: oferecer suporte e informações de caráter político, cultural e religioso para o povo ucraniano no Brasil e elevar o seu nível cultural, fornecendo notícias internacionais, nacionais e da terra de origem desse povo – Ucrânia. Nesse primeiro editorial, explica-se por que a denominação “Prácia” (O Trabalho): é com trabalho que todos os povos elevam o seu nome na arena internacional; é com trabalho que o povo Ucraniano progride aqui no Brasil. É com o fruto do trabalho que esse povo vai se organizando e rompendo as fronteiras

referir aos povos católicos eslavos após a União de Brest (1596), que os transformou em católicos uniatas. (Guérios, 2007, p.33). Segundo Kaye apud Andreezza (1999), “bucovinos e galicianos eram denominações político-geográficas, enquanto rutenos e ucranianos, designações étnicas do mesmo grupo”. (Andreezza, 1999, p. 35, nota 1)

para, aos poucos, constituir-se como um povo organizado em todos os seu aspectos aqui em terras brasileiras.⁹⁹

O uso da língua ucraniana se dava em função desse ser o idioma do público leitor. Além de notícias, o jornal tinha como função difundir a religião cristã por todas as linhas¹⁰⁰ de Prudentópolis e, segundo Zaluski (2007), manter os costumes e o idioma ucraniano.

Como afirmamos anteriormente, a partir de 1915, as edições do *Prácia* passaram a ser semanais.

Justifica-se a edição semanal pela necessidade de em dar ao povo algo a mais para leitura e auxiliar os imigrantes, especialmente aqueles que encontram mais dificuldades de comunicação na língua da nova Pátria, onde faltam escolas, igrejas e centros culturais para matar a grande saudade da Pátria de origem. O “*Prácia*” quer trazer mais ânimo ao povo, incentivá-lo para o trabalho, luta e gratidão a Deus pela nova Pátria com tantas perspectivas de sucesso.”¹⁰¹

Tal intento, por parte dos padres, deve-se ao pedido dos imigrantes e descendentes de uma organização que os representasse no ambiente ainda bastante desconhecido, chamado Prudentópolis. O *Prácia* seria então muito mais do que um impresso informativo, mas também de formação cristã e de constituição e manutenção de sua identificação como imigrantes ucranianos no Brasil.

Diferentemente dos poloneses instalados em Prudentópolis, os ucranianos buscavam manter a forma de comunicação utilizada por seus antepassados e a empregavam para instituir as fronteiras com

⁹⁹ <http://www.graficaprudentopolis.com.br/jornal-pracia.php>. Acesso em 06/05/2021.

¹⁰⁰ Por orientação do Governo Federal, as terras destinadas à colônia de imigrantes foram divididas em linhas que obedeciam a um sistema geométrico definido com área aproximada de 10 alqueires cada. Essa simetria demonstra que a distribuição de terras se deu de forma organizada. Segundo Hauresko (2002) as comunidades recebem o nome de linhas pela sua disposição padronizada no território prudentopolitano, sendo as casas construídas em filas em ambos os lados da estrada e em alguns casos em comunidades-núcleos onde se encontra uma aglomeração demográfica.

¹⁰¹ Disponível em: <http://www.graficaprudentopolis.com.br/jornal-pracia.php> Acesso em 18 de novembro de 2020

outros grupos, em especial os poloneses. Seja na igreja ou em casa, desde tenra idade o indivíduo já aprendia o idioma ucraniano. Portanto, era a primeira língua em terras brasileiras.

Segundo Zaluski (2007), era com os pais que a criança aprendia as primeiras palavras em ucraniano, sendo esses ensinamentos repetidos na igreja e na escola.

Isso também foi verificado em narrativas orais produzidas com descendentes de ucranianos. Uma dessas pessoas é a senhora Francisca Primak, que fez o seguinte comentário:

Minha vó só falava em ucrâino. Sempre que a gente ia visitar ela, nós tínhamos que pedir a benção em ucraniano - *SLAVA ISSUSSU HRESTU* –. A gente já chegava gritando no portão. Qualquer coisa que a gente queria tinha que falar em ucraniano. Até minha mãe só falava em ucrâino na casa da minha vó. Quando a gente não falava em ucraniano ela xingava a mãe dizendo que ela não estava ensinando [a língua] pra gente

Eu ainda ensinei o ucrâino para os meus filhos, mas os netos sabem muito pouco. Os mais novos não se interessam com a língua porque acham que não vão usar para a nada. O certo era não deixar a língua morrer. ¹⁰²

Segundo os relatos da senhora Francisca, atualmente os mais jovens não querem apreender a língua ucraniana - os descendentes usam o termo “ucrânio”. Outro elemento de sua narrativa é a afirmação de que os jovens demonstram pouco interesse em frequentar a Igreja, associando o frequentar a Igreja à manutenção da língua ucraniana.

Nesse sentido, Mezavila afirma que:

a existência da língua ucraniana, apesar de tantas adversidades, é marcada pela existência da igreja. Ou seja, a manutenção e a preservação da língua está relacionada à fidelidade religiosa mantida pelos padres, Irmãs e demais membros da igreja, desde as origens na Ucrânia. (Mezavila, 2007 in: JACUMASSO, 2009: p. 94)

¹⁰² Entrevista concedida a Odinei Ramos no dia 27 de fevereiro de 2012.

Considerando que o Prácia era uma publicação da Igreja Greco Católica Ucraniana de Rito Bizantino, esse periódico seria a ferramenta que também tinha a função de aproximar os mais jovens para essa instituição formadora dos padrões éticos e morais dos imigrantes ucranianos e seus descendentes. Portanto, o “Prácia se revela um elemento unificador com pretensões políticas, educacionais, bem como fortalecedor da relação de pertencimento dos imigrantes e seus descendentes à etnia ucraniana” (COSTENARO, 2016, p. 30).

Nessa perspectiva, temos também a adoção de políticas públicas municipais visando a manutenção da língua ucraniana. Um exemplo claro disso foi a obrigatoriedade, em boa parte do século XX, do ensino do idioma ucraniano na catequese e nas escolas rurais¹⁰³, prática recorrente nas comunidades formadas por imigrantes e seus descendentes.

Além disso, segundo Costenaro (2013), os textos e notícias contidas no periódico visavam orientar os leitores no processo de constituição das subjetividades, criando assim o sentimento de pertença à comunidade ucraniana em Prudentópolis. Juntamente com o uso do Prácia, a produção e análise de entrevistas com descendentes de ucranianos, muitos dos quais fazem parte de grupos da Igreja Greco Católica Ucraniana de Rito Bizantino, constitui-se em uma importante ferramenta para pesquisadores¹⁰⁴ que investigam práticas culturais em Prudentópolis.

Em muitas dessas entrevistas, encontramos os nomes dos editores do Prácia, os quais, de acordo com Oleniuk (2019), estão ligados à Igreja. Como afirmamos anteriormente, desde sua criação o jornal é editado por padres e pessoas ligadas ao cotidiano da Igreja. Assim sendo, o jornal tinha seu editorial organizado de forma a

¹⁰³ Em algumas escolas rurais um dos requisitos exigidos às professoras primárias é o conhecimento do ucraniano. Essa exigência não se deve ao fato da obrigatoriedade (por parte dos pais) do ensino da língua, mas porque muitas crianças entram na escola sem conhecer a língua portuguesa.

¹⁰⁴ Citamos como exemplo os seguintes autores: Costenaro (2013) Costa (2013) e Prado (2017.)

priorizar informativos religiosos, políticos e culturais ligados aos ucranianos e seus descendentes, bem como de notícias vindas da Ucrânia. Tais assuntos ocupavam as primeiras e mais destacadas páginas do periódico, o que indica a intencionalidade dos editores.

Segundo Szeremeta (2017), há uma diferença significativa entre o Prácia e outros veículos de comunicação. A autora afirma que o impresso não segue normas editoriais rígidas, como é usual em editoriais de profissionais da área jornalística. De acordo com a autora:

O Prácia, apesar de confeccionado em um ambiente comercial, funciona num molde que se aproxima do jornalismo cultural, com influências comunitárias. O jornal não circula para gerar lucros aos seus produtores, mas, funciona como forma de preservação da cultura ucraniana (SZEREMETA: 2017, p. 16)

Essa característica faz com que o Prácia se torne uma valiosa fonte para o estudo da configuração identitária de parte da população de Prudentópolis. Com frequência, as matérias publicadas no jornal destacam a contribuição dos imigrantes ucranianos na formação desse município. Diante disso, uma questão importante a ser investigada é o grau de participação de ucranianos e descendentes na política local.

Outro tema que pode ser objeto de investigações por meio do uso do Prácia é a construção de fronteiras étnicas em Prudentópolis, pois muitos textos publicados no Prácia tem o objetivo de reafirmar uma identidade ucraniana no Brasil.

Segundo Prado (2017), o Prácia buscava estabelecer uma conexão entre os imigrantes e seus descendentes com a Igreja, tendo como intuito discutir informações do Brasil e da Ucrânia que fossem de interesse de seus leitores.

Havia necessidade de oferecer ao povo informações de caráter cultural e político, e com esse propósito nasce o *Prácia*, que vai publicar notícias e comentários sobre temas políticos, culturais e também religiosos, indo assim ao encontro das necessidades do povo ucraniano no Brasil, com a intenção de elevar o nível cultural, informar sobre acontecimentos mundiais, ucranianos e brasileiros. (PRÁCIA, 1912, p. 09)

Portanto, o principal objetivo do Prácia era produzir e divulgar orientações e recomendações sobre quais seriam os comportamentos tradicionais do imigrante e seus descendentes. E os principais comportamentos seriam o uso da língua ucraniana e a prática religiosa. Portanto, como afirmam Poutignat e Streiff-Fernart, ao discutirem o conceito de etnicidade e de fronteiras étnicas, “[...] a língua e a religião desempenham um papel importante, talvez porque elas autorizam a comunidade de compreensão entre aqueles que compartilham um código linguístico comum ou no mesmo sistema de regulamentação ritual da vida”. (POUTIGNAT, P.; STREIFF-FENART, J: 1998, p. 38)

Mas o jornal traz também informações, como nos indica Costenaro (2013), de alimentação, afazeres domésticos, educação dos filhos, política externa (geralmente da Ucrânia), vultos históricos, personalidades que são elementos utilizados para constituir os ucranianos em relação aos *outros*. Segundo a autora, nas receitas encontradas na coluna *Para a Dona de Casa*, principalmente as ligadas ao calendário litúrgico, podemos encontrar diversas referências a fé e a religião. Mas não era incomum encontrar também orientações de como decorar e organizar a casa: “A fê e a religião, além de permear muitas receitas, especialmente relacionadas a determinados momentos do calendário litúrgico, orientavam também dicas sobre como organizar e decorar a casa” (COSTENARO 2013, p. 85).

Em relação à decoração das casas dos descendentes de ucranianos, Costenaro detalha que:

Que as nossas donas de casa cuidem de suas casas, para que se torne agradável entrar nelas [...] Quadros com imagens de Deus, de Jesus e de algum Santo devem ser grandes e devem ser pendurados acima de todos os demais quadros ou fotos. Deus é o todo grandioso por isso merece o primeiro lugar. Nem um outro quadro deve ser pendurado acima das íconas. (PRÁCIA: 1964, p. 06)

Portanto, o Prácia desempenha um importante papel na elaboração e divulgação de narrativas em que as receitas, alimentos, língua e práticas religiosas são os principais elementos usados para a construção e manutenção da identificação dos descendentes de ucranianos em Prudentópolis.

Prácia: Dificuldades e possibilidades de pesquisa histórica

Um dos principais obstáculos para o uso do Prácia como fonte e/ou objeto de análise histórica é fato de ter sido editado, até a década de 90 do século XX, somente em língua ucraniana. Isso aparece nos relatos de diversos dos historiadores que trabalham com a temática. Para a maioria, foi necessário o auxílio de tradutores especializados. Skavronski (2015) destaca que muitos relatos e cartas de imigrantes e sacerdotes eram publicados em ucraniano *arcaico*, tornando a leitura difícil, inclusive para aqueles que conhecem a língua ucraniana.

Costa (2017) menciona em sua tese uma situação inusitada ocorrida durante suas pesquisas:

Embora não seja o objetivo deste estudo e nem tenhamos condições de entrar no campo das mudanças estruturais da língua, campo por excelência dos gramáticos e linguistas, quero relatar um fato ocorrido em 2012, quando cursava o Mestrado na Universidade Estadual do Centro Oeste do Paraná – UNICENTRO. Na ocasião, recebemos a visita de um professor da Ucrânia, que ministrou aulas no Programa por uma semana. Em um dos dias foi realizada visita ao Museu do Milênio, localizado na cidade de Prudentópolis, e o referido professor teve muita dificuldade para compreender os textos de um Prácia da primeira metade do século passado. Para compreender o texto foi auxiliado pela responsável pelo museu. Essa dificuldade se deu justamente porque, no município, o jornal ainda era impresso sem as transformações gramaticais que ocorreram na Europa. Em minha pesquisa de Mestrado obtive algumas informações a esse respeito. Uma das pessoas que entrevistei, professora de língua ucraniana e de ascendência ucraniana, comentou que muitos jovens apresentavam resistência em praticar a língua. Um dos possíveis motivos para esse comportamento estaria ligado à vergonha, sentimento muito ligado ao modo de pronunciar as

palavras. Outra entrevista também revelou indícios de vergonha em razão do sotaque (COSTA, 2013, p. 83).

Em que pese essa dificuldade ligada ao idioma, verifica-se que, gradativamente, o jornal vem se tornando objeto e fonte de diversas pesquisas acadêmicas. Um importante estudo é a dissertação de Costenaro (2013), intitulada *Para a dona de casa: comida e identidade entre descendentes de ucranianos em Prudentópolis/PR, 1963-1976*. A pesquisadora, ao analisar entrevistas e receitas culinárias publicadas no *Prácia* entre 1963 e 1976, na coluna *Para a dona de casa (Для Пань Дому)*, abordou as relações identitárias que tinham como referência a preparação de determinados alimentos. Em suas palavras:

A coluna “Para a dona de casa”, publicada no jornal *Prácia* se apresenta como um “prato cheio” para o conhecimento e estudo das práticas alimentares e culinárias entre os descendentes de imigrantes ucranianos na segunda metade do século XX. Evidencia recortes da vida cotidiana ligadas ao universo doméstico, ao trabalho feminino, à religiosidade e identidade ucranianas, estimulando o olhar para uma história recente nas pesquisas acadêmicas brasileiras. (COSTENARO: 2013. p. 82)

Outro aspecto importante da pesquisa de Costenaro é o fato de, além da análise do *Prácia*, ter produzido entrevistas com redatoras do jornal, o que permitiu ampliar o escopo do estudo. Vejamos:

Entrevistamos também três redatoras da coluna. Essas mulheres expressaram expectativas, sentimentos e impressões sobre o universo doméstico, tendo como laboratório dessas experiências o privilegiado espaço da casa eslavo-paranaense: a cozinha. “Da cozinha depende o bom humor e a saúde da família e o coração da cozinha é o fogo, pois sempre purifica”. Nesse laboratório feminino as receitas aprendidas com *mamas* e *babas* ou em uma coluna de jornal, constituem saberes que se convertem em práticas, mediadas pelas subjetividades, adaptadas pelos gostos e necessidades do cotidiano. As imagens, por sua vez, trazem marcas dos sentidos da alimentação. Elas são concebidas como fontes, complementam as discussões e também permitem vislumbrar o universo em torno da comida. (COSTENARO: 2013. p. 37)

Com recorte semelhante, mas em uma perspectiva diferente, Oleniuk (2020) aprofunda a discussão de gênero presente na coluna *Para a dona de Casa*. De acordo com a autora, além das receitas culinárias, também era possível encontrar, mesmo que em número reduzido, “orientações de comportamento, religiosidade, administração doméstica, educação dos filhos, entre outros”. (OLENIUK: 2020, p. 01). A historiadora reproduziu um trecho da coluna do *Prácia* publicada em 1966 para embasar uma interessante reflexão envolvendo relações de gênero e discursos que naturalizam a divisão do trabalho entre os descendentes de ucranianos em Prudentópolis. Em suas palavras:

Para as mulheres imigrantes ucranianas e suas descendentes é delegada a função de cuidar, alimentar e limpar, já aos homens no mesmo contexto, estas tarefas não são atribuídas. Há naturalização desta assimetria, a qual emerge da estrutura patriarcal e do domínio religioso em que estes sujeitos estão inseridos. Os textos da coluna “Para a dona de casa”, neste sentido, reforçam e acentuam estereótipos de gênero historicamente e socialmente estabelecidos. (OLENIUK: 2020, p.05)

Outro importante estudo é o de Skavronski (2014). Por meio de relatórios de colonização, cartas de imigrantes e de religiosos publicadas no *Prácia*, a historiadora realizou uma aprofundada investigação sobre tensões e conflitos envolvendo práticas religiosas, identificação étnica, memórias e representações de imigrantes e descendentes de ucranianos de Prudentópolis.

Ao usar o *Prácia* como fonte, Skavronski abordou discursos que permitem perceber as disputas entre Igreja Greco Católica Ucraniana de Rito Bizantino, a Igreja Católica Romana e outras entidades, como a maçonaria. Tais disputas já estariam presentes no início do século XX. Para exemplificar isso, Skavronski cita uma carta escrita em 1900 pelo padre Silvestre Kizema e publicada pelo *Prácia* em 1997:

Não há com quem se possa desabafar, a não ser que alguns Bispos rutenos vindos da Galícia pudessem nos ajudar, se quisessem. Se eles escrevessem para Roma ou se Roma os responsabilizasse pelos nossos rutenos aqui – isso nos ajudaria. Mas se os Bispos rutenos da Galícia não fizerem nada, logo cantarão – Eterna Memória. Precisamos de mais padres que nos auxiliem e para cá ninguém vem. E nós em dois, aqui estamos padecendo sob o peso do trabalho e enquanto isso, ao redor de nós, os padres latinos arrastam os rutenos para o rito latino. Nem sabemos o que fazer primeiro, se arrancar a libertinagem dos brasileiros, a maçonaria, a falta de fé e as diversas seitas ou se socorrer o nosso pobre rito. A não ser que voltemos para a Galícia, pois daqui a pouco a própria miséria nos atropelará daqui⁵⁴ (PRÁCIA 1997, nº22, p. 08, apud SKAVRONOSKI, 2014, p. 62)

Não podemos deixar de citar o importante estudo de Costa (2019), que percebe no Prácia uma imprescindível fonte para investigar o uso da língua como indicador étnico ucraniano em Prudentópolis. Segundo ele:

No contato cultural e linguístico os ucranianos procuraram manter a língua trazida da terra natal. Dessa forma, essas pessoas que chegaram a Prudentópolis no final do século XIX se “fecharam” num enclave étnico onde a língua fornecia uma identidade comum frente aos descendentes de portugueses, afrodescendentes e demais imigrantes. Mas, quando a comunicação exigiu o aprendizado do português, ambos os idiomas passaram a ser utilizados em Prudentópolis. (COSTA: 2019, p. 48)

Por meio de um extenso corpus documental constituído por diversas entrevistas com padres, editores e leitores do Prácia, Costa produziu uma interessante reflexão sobre a relação entre a língua ucraniana (monolinguísmo), a constituição de fronteiras étnicas e o processo de incorporação da língua portuguesa (bilinguísmo e diglossia) pelos descendentes de imigrantes ucranianos em Prudentópolis.

Por último, mas não menos importante, citamos a tese de doutorado em História de Anderson Prado (2017). Intitulada *O Jornal Ucraniano-brasileiro Prácia: Prudentópolis e a repercussão do*

Holodomor (1932-1933), essa investigação abordou as narrativas do Holodomor¹⁰⁵ nas páginas do jornal objetivando perceber como o fato foi noticiado para a comunidade ucraniana de Prudentópolis.

Segundo o autor:

O Jornal *Prácia* foi um elo entre os ucranianos desta comunidade e os que ainda permaneciam na Ucrânia em um momento de extrema miséria e privações que grande parte dos países sob o domínio soviético padecia. Também foi importante reconhecer de que maneira estes imigrantes recebiam e enviavam informações e como burlavam os sistemas de censura impostos pela Rússia, que tentava esconder, aos olhos do mundo, o que hoje é conhecido como Genocídio Ucraniano (PRADO: 2017, p. 13)

Prado enfocou a coluna do *Prácia* intitulada “Do Mundo”. Em que pese esse título, essa seção do periódico se dedicava a apresentar notícias exclusivamente da Ucrânia e ucranianos, o que, segundo o historiador, “[...] evidenciava a tendência nacionalista do *Prácia*” (PRADO, 2017, p. 88).

É o que podemos ler no seguinte fragmento do *Prácia* reproduzido por Prado:

A UCRÂNIA SOVIÉTICA PASSA FOME:

A Gazeta delegou aos jornalistas em Moscou que pesquisassem sobre a fome as denúncias de que a Ucrânia tinha sua população passando fome. O correspondente comunica que depois de estudos e pesquisas sobre a alimentação da população nas grandes e pequenas cidades.

“Estarecemo-nos com a situação de fome que vivem russos e toda a população soviética. A alimentação é de responsabilidade do governo, pois recrutou grande parte da população para os trabalhos coletivos, tomando para si todas as propriedades, antes privadas, porém, a alimentação servida aos trabalhadores não é o suficiente para um dia de trabalho, muito

¹⁰⁵ Holodomor é a denominação dada ao contexto em que a Ucrânia estava sob jugo do governo stalinista entre 1932 e 1933. No sentido literal holodomor significa “deixar morrer de fome” “morrer por inanição”. Tais acontecimentos teriam levado à morte por fome milhões de ucranianos. (PRADO, 2017)

menos ainda para suas famílias. A população nas aldeias sofre ainda mais, pois a fome é esmagadora. A situação nessas aldeias, principalmente na Ucrânia, é pior do que nos tempos da guerra civil e pior que a grande fome de 21 e 22”.

O jornalista afirma que os povos das aldeias recorrem a doações de comidas de algumas cidades que ainda tem alguma comida. A razão desse estado catastrófico dessas aldeias se deve as coletivizações das pequenas fazendas, sacramentando a morte de milhares de agricultores. (Jornal *PRÁCIA*, 29 de julho de 1932 p. 01. Apud. Prado, 2017. p. 88).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como o leitor pode observar nas datas de produção das pesquisas citadas, embora o *Prácia* seja publicado desde o início do século XX, foi somente há poucos anos que o periódico se tornou uma importante fonte e/ou objeto para a pesquisa histórica de diversas temáticas sobre os imigrantes e seus descendentes em Prudentópolis.

Diante disso, cabe destacar que o crescente número de pesquisas que utilizam o *Prácia* também se deve à constituição de Programas de Pós-graduação na região, em especial da Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná (UNICENTRO) e da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG); instituições públicas e de alta qualidade que possibilitam e incentivam os historiadores e cientistas sociais oriundos de Prudentópolis e região a realizarem investigações sobre seus locais de origem e/ou seus antepassados, contribuindo, assim, para o conhecimento e o debate acerca da história dos diversos povos que constituem a população paranaense.

Por fim, informamos que o acervo do *Prácia* se encontra na Gráfica Prudentópolis, em Prudentópolis. As edições mais recentes estão disponíveis em sua página na internet (<http://www.graficaprudentopolis.com.br/jornal-pracia.php>). Há edições do periódico disponíveis para a consulta no Centro de Documentação e Memória da UNICENTRO (CEDOC), campus de Irati, que em 2017 recebeu doação oficial do acervo, por ocasião da I Semana Nacional de Arquivos e as comemorações dos 27 anos da universidade.

REFERÊNCIAS

CAPELATO, Maria Helena Rolim. **A Imprensa na História do Brasil**. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988.

COSTA, Lourenço Resende da. **A prática da língua ucraniana em Prudentópolis, Paraná**: preservação da identidade e das fronteiras étnicas (1940-2018). Curitiba. UFPR, 2019.

COSTENARO, Eliane. **Para a dona de casa: comida e identidade entre descendentes de ucranianos em Prudentópolis/PR, 1963-1976**. Dissertação. Unicentro, 2013.

GOMES, Andréia e POLAK, Avanilde. **Prácia: identidade e memória**. Maringá: UEM, 2008.

HAURESKO, Cecília. **Organização sócio-espaial das famílias de ucraino-brasileiros em comunidades rurais do município de Prudentópolis –PR**. Guarapuava: Guairacá, 2002.

JACUMASSO, Tadinei. **Diversidade linguística, cultural e políticas**: Estudo de uma comunidade ucraniana de Irati – PR. Dissertação. Cascavel: UNIOESTE, 2009.

LUCA, Tânia R. de. **Leituras, projetos e (re)vista(s) do Brasil (1916-1944)**. São Paulo, Editora Unesp, 2011.

OLENIUK, Lays. **O jornal ucraino-brasileiro Prácia: gênero e discurso**. Anais do XIII Encontro de História. Universidade Federal Rural de Pernambuco. Recife, 2020.

POUTIGNAT, P.; STREIFF-FENART, J. **Teorias da Etnicidade**: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. São Paulo: UNESP, 1998.

PRADO, Anderson. **O jornal ucraniano-brasileiro Prácia: Prudentópolis e a repercussão do Holodomor (1932-1933)** São Leopoldo: UNISINOS, 2017.

RAMOS, Odinei Fabiano. OLINTO, Beatriz Anselmo. A dinâmica das identificações em Prudentópolis: fronteiras, movimentos e imaginários cultura, história e sociedade. *In*: RAMOS, Odinei Fabiano. OLINTO, Beatriz Anselmo (Orgs). **Prudentópolis: cultura, história e sociedade**. Guarapuava: Editora Unicentro. 2020.

SKAVRONSKI, Maria Inês Antônio. **Rezar e benzer: Rituais Sagrados e identidade étnica em Prudentópolis-PR – (1990-2014)** Ponta Grossa, UEPG, 2015.

SZEREMETA, Angélica. **Mídia imigrante e memória: estudo das representações sobre a morte a partir dos obituários do jornal ucraniano Prácia**. Dissertação. UEPG, 2017.

ZALUSKI, Tarcísio. **Jornal da Paróquia Ucraniana**. Prudentópolis: Gráfica Prudentópolis, S/D

SOBRE AS AUTORAS E OS AUTORES

DAIANE C. MOREIRA DE SOUZA

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO). Professora na rede pública estadual de ensino no Paraná.

GABRIELA MIGON

Licenciada em História (2018) pela Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO, *Campus Irati*), mestranda pelo Programa de Pós-Graduação, *Stricto-Sensu*, em História e Regiões da mesma instituição de ensino. Contato: historia.gabrielamigon@gmail.com

JAQUELINE ESTER LITVIN

Graduada em História pela Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO) e iconógrafa pela Faculdade São Basílio Magno (FASBAM). Pesquisadora da área de imigração e cultura ucraniana, iconografia bizantina e Movimento do Contestado.

LOURENÇO RESENDE DA COSTA

Doutor em História pela Universidade Federal do Paraná – UFPR. Mestre e Licenciado em História pela Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná – UNICENTRO. Professor pela Secretaria de Estado da Educação do Paraná – SEED. Autor do livro **“Identidade e fronteiras étnicas: a prática da língua ucraniana em Prudentópolis – PR (1940-2018)”** pela editora TODAS AS MUSAS. Pela editora OLYVER ajudou a organizar a obra **“FACES DO PARANÁ: (i)migrações, cultura e identidades”**. E-mail: resendedacosta@gmail.com

LUCIANE TRENNEPHOL DA COSTA

Professora na graduação e pós-graduação na Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO). Doutora em Letras pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) e Mestre em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Possui Pós-Doutorado pela Universidade de Varsóvia - Uniwersytet Warszawski, UV, Polônia.

MARCOS NESTOR STEIN

Possui graduação em História pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), mestrado em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), doutorado em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Realizou Estágio de Pós-doutorado Sênior em História na Universidade Federal Fluminense (UFF). Atualmente é professor do curso de graduação em História e do Programa de Pós-graduação em História da UNIOESTE. Pesquisador do INCT Rede Proprietas: História Social das Propriedades e Direitos de Acesso.

NIKOLAS CORRENT

Mestre em História pela Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO). Graduado em Ciências Sociais, Filosofia, História e Pedagogia. Especialista em Docência do Ensino Superior, Educação a Distância, Educação do Campo, Educação Especial, Metodologia de Filosofia e Sociologia e Ensino Religioso. Membro do grupo de Estudos em História Cultural da UNICENTRO. Professor de Filosofia e Sociologia contratado pela Secretaria de Educação do Estado do Paraná e professor celetista das disciplinas de Filosofia, História e Sociologia no Colégio Imaculada Virgem Maria. E-mail: nik_corrent@hotmail.com

ODINEI FABIANO RAMOS

Professor do Curso de Graduação e Pós-graduação em História da Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO. Doutor em História pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP. Mestre em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos, UNISINOS.

PAULO AUGUSTO TAMANINI

Pós-Doutor em História pelo Programa Nacional de Pós-Doutorado CAPES/UFPR (2015-2017). Doutor em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (2013); Professor Orientador no Programa de Pós-Graduação em Ensino (UFERSA/UERN/IFRN). Coordenador do Grupo de Pesquisa: Imagens e Ensino. Percepções, métodos e fontes (CNPq/UFERSA). Professor Pesquisador do Grupo de Pesquisa Literatura, Tecnologias e Novas Linguagens (CNPq/UERN). Membro

do *Athens Institute for Education and Research* (ATINER) e do *Athens Center for Classical & Byzantine Studies* (Atenas, Grécia). Editor Adjunto da Revista RECEI - Revista Eletrônica Científica Ensino Interdisciplinar e Integrante do Comitê Científico das Revistas: Fogón-Revista de Estudios de las Tradiciones (Chile).

TEODORO HANICZ

Doutor em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), coordenador de curso e professor de Filosofia na Faculdade São Basílio Magno (FASBAM) e de Teologia na Faculdade Claretiana de Teologia – Centro Universitário, padre da Igreja Católica Ucrâniana e membro da Ordem Basiliense de São Josafat. E-mail: hanicz@terra.com.br

QUER SABER MAIS SOBRE A EDITORA OLYVER?

Em www.editoraolyver.org você tem acesso a novidades e conteúdo exclusivo. Visite o site e faça seu cadastro!

A Olyver também está presente em:



[facebook.com/editoraolyver](https://www.facebook.com/editoraolyver)



[@editoraolyver](https://twitter.com/editoraolyver)



[Instagram.com/editoraolyver](https://www.instagram.com/editoraolyver)



www.editoraolyver.org
editoraolyver@gmail.com



A partir da última década do século XIX, milhares de ucranianos atravessaram o Atlântico para buscarem uma nova vida na América. Um dos principais destinos desses imigrantes no Brasil foi o Paraná. O estado foi a unidade da Federação que mais recebeu pessoas oriundas da Ucrânia. Os municípios de Prudentópolis, Mallet e Paulo Frontin, são os que registram o maior percentual de descendentes de ucranianos em sua população: 75%, 60% e 55% respectivamente, dados obtidos no site da Metrópolia de São João Batista. Logo após os imigrantes iniciarem nova vida no Paraná, chegaram os primeiros religiosos, tanto católicos como ortodoxos, que vieram para dar suporte religioso aos imigrantes, que ressignificaram sua cultura e religiosidade. Do final do século XIX ao alvorecer do século XXI, novas identidades etnoculturais ucranianas foram construídas a partir das relações sociais travadas com a sociedade receptora.



ISBN: 978-658719290-1



9

786587

192901


EDITORA
OLYVER
www.editoraolyver.org

